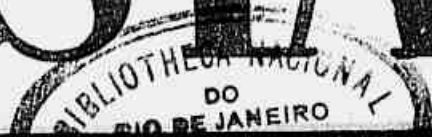


REVISTA DA SEMANA

N.º 1



Cr\$ 3.00 em todo o Brasil

1-1-19





MIL ASSUNTOS



O ANO CATÓLICO

Os rumos do Catolicismo. Canonizações. Sagrações e nomeações. Bispos novos no Brasil. Falecimentos. Centenários e jubileus

O ano artístico. O ano científico. O ano filatélico. O ano esportivo. O ano aeronáutico. Informações sobre o ano novo. Um romance; dez contos; duas lendas. Tudo ilustrado. Adivinhações, anedotas, charadas, problemas, testes, caricaturas, gravuras

célebres. Estações. Festas móveis e fixas da Igreja. Feriados. O calendário perpétuo. O calendário de 1948. Artigos diversos sobre os mais variados assuntos que interessam aos que vivem nas cidades e aos que vivem no campo. Matéria para adultos e crianças

O ALMANAQUE EU SEI TUDO PARA 1949

OFERECE LEITURA PARA O ANO INTEIRO

PREÇO: Cr\$ 15,00 em todo o Brasil. À venda em todas as bancas de jornais
Pedidos pelo Reembolso Postal ou mediante vale do Correio à

CIA. EDITORA AMERICANA

RUA VISCONDE MARANGUAPE, 15 — RIO

Um rosário, uma dentadura, uns óculos

A guerra na Europa ia cobrindo de glórias militares os exércitos de Hitler. A França caíra; a Inglaterra parecia exausta; Hitler alimentava a ambição napoleônica de atravessar a Mancha e cravar seu punhal swástico no peito exangue da velha Albion. Uma comissão civil japonesa visitava e revisitava o Departamento de Estado em Washington, e, a coar seus sorrisos amarelos por entre a dentuça dos Judas do século XX, garantia aos norte-americanos a mais fiel neutralidade entre os beligerantes do Velho Mundo. Quanto aos Estados Unidos, estivessem os americanos tranquilos. O Japão ainda se recordava dos socorros que vieram trazer-lhe os "yankees", por entre os destroços de Hiokoama. Aquêlê terremoto catastrófico fôra o selo de gratidão dos nipônicos aos filhos da Norte América. Jamais se esqueceriam dos favores recebidos.

Mas enquanto os delegados de Tóquio hipotecavam solidariedade a Roosevelt, Hiroito e seus irmãos de felonía olhavam o relógio para o sinal funesto da hora do ataque a Pearl Harbor.

Altas horas da noite, na imensidão do Pacífico, a armada japonesa tomava posições para a guerra de surpresa contra as ilhas americanas do Pacífico, repetindo-se a traição que também executaram em 1905 aos navios russos ancorados em Porto Artur. E se espalharam, aproximando-se a remos calados de Hawaii, e começaram a lançar cachos de bombas sobre o ancoradouro da marinha americana, sobre bairros residenciais, matando, incendiando, afundando tudo em fogo, sangue e terror.

O ataque a Pearl Harbor encheu de indignação o mundo civilizado contra a traição nipônica, e aquela ilha perdida no meio do oceano passou a constituir um símbolo de resistência contra a agressão imperialista de Hiroito e seus asseclas.

Quebrando as articulações do poderio naval americano, os japoneses foram vencendo todos os demais bastiões ingleses e norte-americanos dos mares orientais.

A tragédia que os Estados Unidos sofreram serviu para retemperar o ânimo do seu povo. Mac Arthur, perdendo as Filipinas, recebendo os reveses de Bataan, foi refugiar-se na Austrália, gritando: "Eu voltarei!". E voltou. O Japão, devorando meio mundo, ficou naquele estado do rato que abate um elefante: mata-o, mas não pode devorá-lo.

Posta em marcha a máquina bélica da América, começou a declinar o poderio japonês. Nos campos da Europa a invencível Wehrmacht quebrava as garras de aço contra as trincheiras de Stalingrado, e dava início à volta à linha do Elba. El Alamein destruiu a invencibilidade do "Afrika Korps" e começava a marcha para a invasão do sul europeu. Com a invasão da Normandia, fechava-se o cerco ao tigre alemão e se dava resposta ao fascismo e ao niponismo. Aproximava-se a hora da punição aos assassinos de pátrias, aos destruidores da paz.

Depois... Nagasaki, Hiroshima...

Caía o Jopão. Mac Arthur se vingava, impondo condições de rendição, em portos nipônicos, aos emissários do imperador, que assinavam num vaso de guerra, o "Missouri", a derrota do Imperio do Sol Nascente, que passara a estar sempre em crepúsculo...

Todo o orgulho japonês estava reduzido a barro manchado de sangue e lágrimas.

Dentre os maioraes do Japão, um deles foi considerado principal criminoso de guerra. Prêso, tentou o suicídio, sendo libertado da morte, graças a transfusões de sangue de veias norte-americanas. Não! Esse assassino tinha que responder a júri e morrer exemplarmente na fôrça, como os seus cúmplices de Nuremberg.

Hideki Tojo, primeiro ministro, ministro da Guerra, chefe do Estado Maior do Exército, ministro do Exterior e ministro das Munições, tinha sido a cabeça que ideara a guerra de surpresa contra os Estados Unidos. Chefe intelectual do clã belicoso de sua pátria, educara-se no ambiente de guerra. Nasceu sob o signo de Marte. Seu pai fôra estrategista da guerra russo-japonêsa, e êle, Tojo, graduou-se na Academia Militar do Japão quando seu país comemorava a vitória contra o Czar. Só falava em paz com uma das mãos aflagando sob a túnica o cabo do punhal e a murmurar: "Banzai". Quando assumiu o poder em 1941, os elementos escolhidos não deixavam dúvida quanto aos seus propósitos de traição. Mas todo o seu sonho de domínio, de imperialismo, de subjugação da Ásia ao tacão de sua bota ruiu fragorosamente, e êle se conformou com a sorte adversa.

O orgulho se tranformou em resignação forçada. Pegou-se com Buda e orava todos os dias. Condenado à morte, não recorreu da sentença nem implorou clemência. E na madrugada de 22 de dezembro de 1948 o orgulhoso filho do general Fikyi Tojo, o famigerado Hideki Tojo, senhor de todo o Japão, conquistador das possessões inglesas, holandesas, francesas e norte-americanas nos mares da Ásia, entregava o pescoço ao laço vingador, como qualquer ladrão criminoso comum. Que é feito do seu imenso sonho de grandeza? De tanto delírio de poder, restaram apenas êstes trastes sem valor: um rosário budista, uma dentadura postiça e uns óculos de aro de tartaruga. Eis o que ficou como despojos de um império... Que o exemplo sirva de advertência a futuros conquistadores.

RUY SAULO para a "REVISTA DA SEMANA"

REVISTA DA SEMANA

SUMARIO:

SEÇÕES PERMANENTES

Um rosário, uma dentadura, uns óculos (Ruy Saulo)	3
A semana em revista	9
A personagem da semana	8
O mundo marcha	9
A saúde do bebê (Dr. Sabóia Ribeiro)	51

REPORTAGENS

Uma visita ao passado (Armando Migueis)	4/ 7
Síntese retrospectiva de 1948	11/15
Tragédia grega sob o céu do Rio (Renato de Alencar)	16/21
Salomé e a dança dos sete véus (Jean Mattel)	55/58

BOM HUMOR

Aumentos	26
----------	----

LITERATURA

Livros Novos (João Luso)	10
--------------------------	----

CONTOS

Fogo na casa (Moysés Duek)	34
A obra de arte (Anton Chekov)	28

NOVELA

As cinco horas em ponto	22
-------------------------	----

MÚSICA E RÁDIO

Broadcast	25
Música	24

SUPLEMENTO DA MULHER

Nos bastidores femininos	27
Praia	29
Modelos de Hollywood	33
Penteados	35
Mães e filhos	41
Detalhes e novidades	43
Depois das cinco	32
Dias de chuva	36/37
Para a perfeição das linhas	38/39
Camisolas	40
Week-end na cozinha	42
Equitação	43

TURISMO

Bilhetes do meio do mundo (D. G. Coimbra)	48
---	----

AVIAÇÃO

Pelas estradas do céu (André Max)	49
-----------------------------------	----

FOLHETIM

Drago	54
-------	----

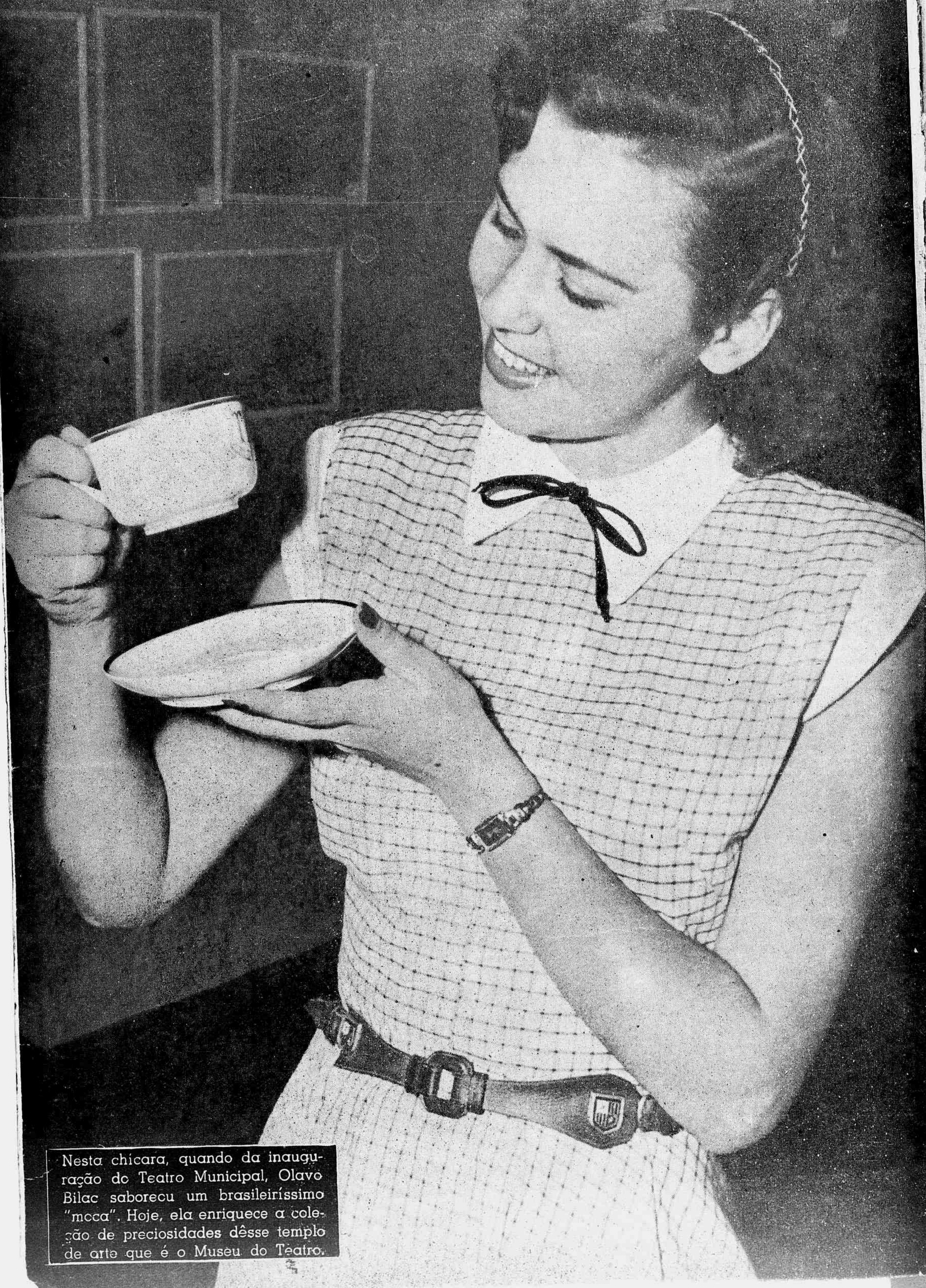
ILUSTRADORES

Armando Moura	
Luis Canabrava	

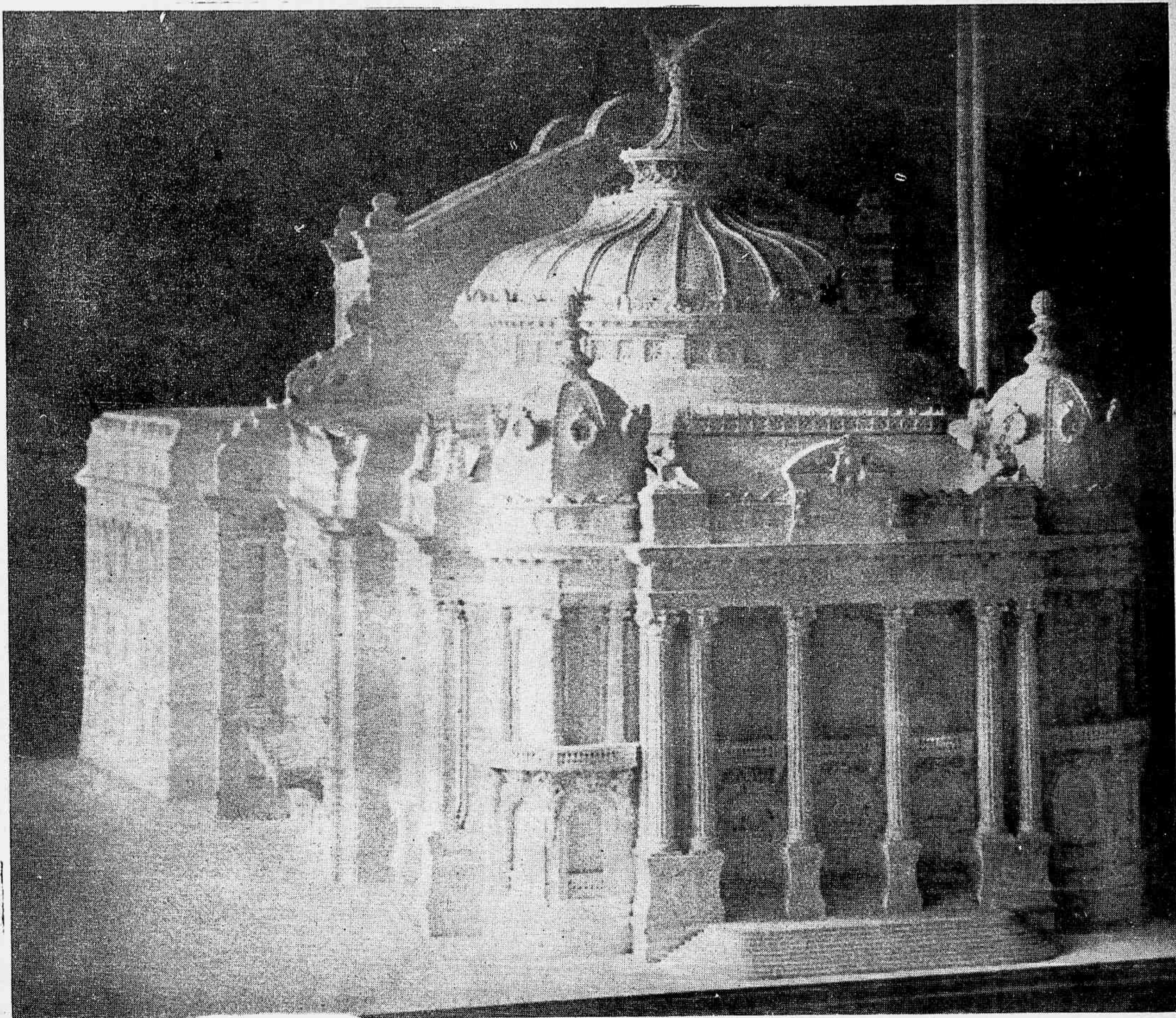
NOSSA CAPA

Enfeita a capa da REVISTA dêste número a delicada figurinha de Luana Patten, "estrelinha" da RKO, que todo mundo admirou na belíssima produção "Canção do Sul", de Walt Disney.





Nesta chicara, quando da inauguração do Teatro Municipal, Olavo Bilac saboreou um brasileiríssimo "mcca". Hoje, ela enriquece a coleção de preciosidades dêsse templo de arte que é o Museu do Teatro.



Através da "maquete" não foi difícil a Prefeitura chegar à conclusão do que seria o projeto do engenheiro Francisco de Oliveira Passos. Tanto assim que, após ligeiras modificações, foi o mesmo considerado vencedor, iniciando-se, imediatamente, a construção do teatro

UMA VISITA AO PASSADO...



O MUSEU DO TEATRO MUNICIPAL PRECISA SER CONHECIDO PELOS AMANTES DA ARTE, PORQUE ALI SE ACHA GUARDADO TODO UM MUNDO DE RELÍQUIAS LIGADAS À VIDA DESSA CASA DE ESPETÁCULOS

Texto de
Armando MIGUEIS

Fotos de
Arnaldo VIEIRA

O Museu do Teatro Municipal, como não poderia deixar de ser, liga-se à existência desta nossa principal casa de espetáculos. De seu precioso acervo saíram os objetos e documentos que, mais tarde, ante o progredir do século, se transformaram em preciosidades históricas, passando a figurar numa acanhada sala da rua Manuel de Carvalho, bem por cima da casa das máquinas. Mas, antes de entrarmos em contacto com essas relíquias do passado, façamos um retrocesso ao calendário, a fim de voltarmos ao ano de 1902.

No gabinete de Xavier da Silveira, então governador da cidade, encontra-se Raul Lopes Cardoso. Ambos palestram sobre assuntos ligados à administração municipal.

A esquerda — Nilo Peçanha, Anatole France e outras figuras de destaque, sorveram nestas taças, o "champagne" comemorativo dos momentos culminantes da nossa principal casa de espetáculos. Agora, como preguçando a curiosidade dos visitantes, elas se escondem a um canto da sala. A direita — Enrico Caruso não foi somente um grande cantor. Seus pendores para a caricatura estão patenteados, no trabalho ao lado. Trata-se de uma caricatura de Raul Cardoso, feita pelo artista no decorrer de 1917





A geração presente contempla uma relíquia do passado. Esta cadeira, hoje apreciada pela bailarina Thais Bellini, serviu a Nilo Peçanha, quando este frequentava o Teatro. Atualmente, ela é uma prova de que o passado não morre para as gerações futuras

Em dado momento, voltando para seu auxiliar, Xavier da Silveira solicita-lhe a indicação de uma peça para gente sisuda, sem que isso venha a escandalizar seus munícipes. Este, conhecedor do assunto, indica-lhe a peça do Recreio Dramático, em que tomavam parte, entre outros, o famoso Dias Braga, Lucília Peres, Eduardo Vieira, Olímpio Nogueira, Ferreira de Souza. O prefeito, acompanhado de seu ajudante de ordens, compareceu ao espetáculo. E, para surpresa sua, recebeu, no camarote em que se achava,

a visita de Raul Cardoso. Novo diálogo, então, é travado entre ambos, mostrando-se o governador interessado em ajudar a arte de Talma. E, como início, encarrega o próprio auxiliar para estudar o assunto. Este, no dia imediato, expõe a Xavier da Silveira a situação, dizendo-lhe dos recursos de que pode dispor. Explica-lhe da criação, pelo Conselho Municipal, de impostos especiais sobre os espetáculos de companhias estrangeiras para a construção do Teatro Dramático Municipal. Fala-lhe da instituição desse mesmo cenáculo de arte, por decreto legislativo de 1895. Cita-lhe o montante da arrecadação dos impostos teatrais, desde 1896, além de lembrar-lhe a aquisição feita pela Prefeitura do Teatro Eden Lavrado, feita no decorrer do ano de 1895.

No dia seguinte, o prefeito visita a propriedade pertencente ao erário municipal, manifestando-se desfavorável à aplicação desse prédio para a criação que tinha em vista. Eis quando é lembrado o São Pedro. Dificuldades várias interpuseram-se à realização do projeto alvitrado, sendo sugerida, inclusive, a permuta do trapiche Mauá pelo São Pedro. Mas tudo redundou em negativa. E, nesse caminho, nova decepção juntou-se às inúmeras dificuldades encontradas para a criação do Teatro Municipal. O prefeito Xavier da Silveira deixava a Prefeitura para candidatar-se à senatoria pelo Distrito Federal.

O ano de 1903 veio encontrar frente aos destinos da terra carioca o engenheiro Francisco Pereira Passos, que, pôsto a par do projeto para a construção de uma casa de espetáculos, logo se interessou pelo caso. Tanto assim que a 15 de setembro desse mesmo ano era aberta concorrência pública para a apresentação de projetos. Seis meses após, ao serem abertas as propostas, coube ao próprio filho do ilustre governador vencer a concorrência. Quatro anos depois de iniciadas as obras, sendo prefeito da cidade Inocêncio Serzedelo Corrêa, o teatro era inaugurado com a presença do presidente da República, Nilo Peçanha.

PREOCUPAÇÃO QUE DA MARGEM A UM PEDIDO

Agora, voltemos ao presente. Na sala em que se espreme o Museu do Teatro Municipal, acumulam-se objetos e documentos. Entre esses figura a missiva endereçada por Coelho Neto ao primeiro diretor do teatro. Nela o escritor patricio diz da sua apreensão quanto ao estado de ânimo em que se encontrava Olavo Bilac, escolhido para proferir o discurso inaugural desse importante cenáculo de arte. Ao mesmo tempo, Coelho Neto solicita um emprego para um conhecido. É uma carta curiosíssima, revelando o aprêço do escritor pela gente humilde. Recomenda ele a Raul Cardoso: "Trata de arranjar um digno substituto do Bilac para o discurso de inauguração do Municipal. Infelizmente o nosso querido poeta não poderá dar à festa

o realce do seu talento por motivo de pesado luto que o acabrunha. Em todo caso nada resolvas sem o consultares". Agora, o pedido. Pedido que ele considera pequenino, declarando que "faço grande questão. Interesse-me por um bom homem, jardineiro de profissão, quase Le Notre, e desejo colocá-lo, se for possível, como chefe de serviço em qualquer dos jardins municipais, preferindo os que ficam na Glória, Botafogo e imediações. Podes conseguir-me a coisa sem dificuldade, falando ao dr. Júlio Furtado. O homem, que é a probidade em carne e osso, português, robustíssimo, chama-se: José Cardoso Nunes".

Felizmente Bilac pôde proferir o discurso da inauguração, entregando esse verdadeiro documento de nossa civilização à mui leal cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro. Tal fato deve ter constituído motivo de transbordante satisfação para Coelho Neto, dado o carinho que ele sempre dedicou ao grande poeta e às coisas do teatro.

Da passagem de Bilac pela principal casa de espetáculos do Distrito Federal guarda-se, ainda, a xícara em que o imortal vate saboreou o brasileiroíssimo café. Trata-se de um trabalho em porcelana, tendo, gravadas em ouro, as letras "T. M.". Aliás, é a única xícara existente da louça pertencente àquele teatro.

O PANO DE BÓCA ATRAVÉS DE "CROQUIS"

Coube a Elyseu Visconti pintar o pano de boca. Nessa tarefa o renomado artista consumiu noites e dias, estudando detalhes, idealizando alegorias, para no fim nos dar aquele maravilhoso painel que se estende de fora a fora do palco. A concepção do artista, nessa grande obra da arte moderna, teve por base a influência das artes na civilização. Nesse trabalho, dividido em várias etapas, o artista destinou às glórias brasileiras: a José Bonifácio, o organizador da independência política do Brasil; a João Caetano, o maior artista dramático do passado; a Francisco Manuel, o inspirado autor do Hino Nacional; aos seus poetas, dramaturgos, atores, tais como Gonçalves Dias, Castro Alves, Casimiro de Abreu, Peregrino de Meirezes, Corrêa Vasques e mestre Valentim. Também D. Pedro Segundo aí figura, não como imperador e sim como homem de alentada cultura, que muito auxiliou na educação dos artistas. Ainda estão aí representados Pedro Américo e Vitor Meireles; José de Alencar, Furtado Coelho, Almeida Junior e Francisco de Oliveira Passos. Essa reunião de celebridades aclama e leva em triunfo a Carlos Gomes.

De Elyseu Visconti possui o museu os estudos das Oreadas, desenhos que refletem o extraordinário poder criador do artista. As Oreadas dão-nos a impressão de algo sobrenatural, capaz de conduzir-nos ao êxtase supremo, tamanha a beleza de que se revestem

Rio, 24-11-99.
Raul
Trata de arranjar um digno substituto do Bilac para
o discurso de inauguração do Municipal. Infelizmente o nosso
querido Poeta não poderá dar à festa o realce do seu talento
por motivo do pesado luto que o acabrunha. Em todo caso nada
resolvas sem o consultares. Agora um pedido, pequenino, mas
grande questão. Interesse-me por um bom homem, jardineiro de
profissão, quase um Le Notre, e desejo colocá-lo, se for possível,
como chefe de serviço em qualquer dos jardins municipais, preferindo
os que ficam na Glória, Botafogo e imediações. Podes conseguir-me a
coisa sem dificuldade, falando ao dr. Júlio Furtado. O homem, que é a
probidade em carne e osso, português, robustíssimo, chama-se: José
Cardoso Nunes. Arranja-me a coisa e avisa-me.
Recomenda-me a tua mãe.
Teu
Elyseu Visconti

ASSISTENTES MUDAS DOS GRANDES MOMENTOS

A um canto da sala, como que fugindo à curiosidade do visitante, estão algumas taças. Testemunhas silenciosas de momentos agradáveis, elas foram acariciadas pelos dedos de Nilo Pecanha e de seus ministros. Também Anatole France, quando de sua conferência naquela casa de espetáculos, deixou nas bordas de uma taça a carícia de seus lábios. Mas não foram somente escritores, presidentes, ministros e parlamentares que elas serviram. Também figuras ilustres da cena lírica nelas sorveram o champagne da vitória. Hoje, nada mais são do que relíquias de um passado distante. Présas numa vitrine, elas relembram horas de fausto e coqueteria vividas nos meandros do templo de arte que Pereira Passos houve por bem dotar esta Cidade Maravilhosa.

Resistindo à ação do tempo, lá se encontra a cadeira em que se sentou o presidente Nilo Pecanha. Trata-se de uma peça de mogno com incrustações de pau marfim. No encosto da mesma figura o emblema da cidade, tendo a circunscreção-lo ramos de café. Essa cadeira revela o bom gosto que caracterizou a construção do teatro da municipalidade. A sobriedade conduna-se com o espírito artístico predominante. Feita para durar, ela, apesar dos seus trinta e nove anos de existência, mostra-se resistente. Nem mesmo o fôrro sofreu qualquer alteração em suas linhas.

Conquanto não figurem no museu, por fazerem parte da decoração do teatro, existem bronzes valiosíssimos assinados por Verlet e simbolizando a Poesia e a Dança. Encontram-se, ainda, trabalhos de Rodolpho Bernardelli. São os bustos de Carlos Gomes, grande músico e compositor brasileiro; Artur Azevedo, notável comediógrafo que muito batalhou pela construção do Municipal; João Caetano, ator dos mais expressivos na comédia brasileira. Também de Injalbert existe um trabalho, em mármore, simbolizando a Verdade, que pode ser apreciada na coluna da escadaria nobre.

Além das peças mencionadas, fazem parte do acervo desse pequeno grande museu estudos de montagens de óperas; o primeiro ingresso; lista dos contemplados com entradas gratuitas, figurando em primeiro lugar o escritor Filinto de Almeida, com a poltrona número dezesseis; os programas, por sua vez, enriquecem a coleção de preciosidades do museu, assim como jornais que se referiram à inauguração do teatro. Lá está a edição de "O País", datada de quatorze de julho de 1909, trazendo, a par do noticiário, um clichê em duas colunas da inauguração. Outra preciosidade que nos foi dado ver é um retrato de Verdi, de autor anônimo. Embora não seja uma peça de muito valor artístico, nem por isso destoa naquele relicário de objetos históricos.

RAUL CARDOSO VISTO POR CARUSO

Todos nós conhecemos Enrico Caruso como uma das maiores expressões da cena lírica. Sua voz fez delirar

platéias e arrebanhou multidões para os espetáculos do Teatro Municipal. Artista na expressão da palavra, ele deu vida às grandes páginas de Verdi, Carlos Gomes, Puccini e tantos outros gênios da composição. Mas esse famoso tenor foi em vida um caricaturista de condições regulares. Quando lhe sobrava tempo, no intervalo dos espetáculos, agarrava um lápis e deixava-se ficar a caricaturar quantos lhes pareciam interessantes. Dentre esses não escapou Raul Lopes Cardoso, primeiro diretor do Teatro Municipal. Quando de sua presença entre nós, na lírica oficial de 1917, Enrico Caruso caricaturou Raul Cardoso. Esse trabalho, de inestimável valor histórico, uma vez que revela uma outra faceta do artista italiano, enriquece a preciosa coleção de documentos do museu. Trata-se de curiosa peça, em que se observa a firmeza de traços e a perfeição do desenho. Caruso em nada ficava a dever aos nossos Calixtos, tal a vocação que revelou para a chamada arte deformista. Para melhor confirmação, basta a qualquer um dar um pulinho ao primeiro andar da casa das máquinas de nossa principal casa de espetáculos.

O contrato firmado entre Lily Pons e a municipalidade, quando da primeira vez de sua passagem pela nossa cidade, figura entre os documentos confiados à guarda de Maciel Pinheiro. Feito numa simples folha de papel amassado, ele traz a assinatura da famosa cantora. Nessa época Lily Pons era uma glória da cena lírica. Seu nome bastava para conquistar público. O consagrado soprano assinou esse contrato a bordo do próprio pacote em que viajava.

Medeiros e Albuquerque está presente a essa casa do passado através de uma carta interessantíssima. Na mesma o autor de "Quando eu era vivo" conserva aquele sadio humor que o tornou famoso entre seus contemporâneos. Também Artur Azevedo e João do Rio estão representados na coleção de documentos do museu, por meio de cartas e fotografias. Do primeiro, aliás, existe uma fotografia tirada em seu leito mortuário.

QUANDO O DINHEIRO CHEGAVA...

Nesse desfile de documentos e objetos, todos ligados à existência do Teatro Municipal, figura a minuta das despesas feitas por ocasião de sua inauguração. Nada de somas elevadíssimas como nos dias atuais. O espetáculo de inauguração custou, unicamente, a importância de Réis 9.938.520. Convém lembrar que a essa récita de gala estiveram presentes o chefe do Executivo, ministros de Estado, representantes do Parlamento, embaixadores e demais figuras de relevo da sociedade carioca, consumindo-se champagne francês.

A maquete do Teatro Municipal também figura nessa mostra de coisas do passado. Trabalho assinado pelo engenheiro Francisco de Oliveira Passos, é guardada numa redoma, a fim de ser evitada a ação destruidora da poeira. E aqui chegamos ao fim de nossa visita à acanhada



"Verdi", trabalho de autor desconhecido. É uma das telas que figuram na acanhada sala do Departamento de Difusão Cultural, onde se acha instalado o Museu do Teatro Municipal

sala onde se acha instalado o Museu do Teatro Municipal. Não o faremos, porém, antes de endereçarmos um pedido ao prefeito Ângelo Mendes de Moraes. S. excia, que tanto se tem interessado pelas artes, poderia aparelhar melhor esse museu, transformando-o em Museu do Teatro Nacional. Com esse ato prestará inestimável serviço à divina arte de Talma, além de dotar o Distrito Federal de uma instituição existente em todas as grandes capitais.

A esquerda — O primeiro contrato de Lily Pons foi assinado a bordo, numa simples folha de papel. E' esse precioso documento que o professor Maciel Pinheiro, diretor do D.D.C. mostra ao nosso companheiro Armando Migueis. A direita — Eis a relação das despesas feitas por ocasião da entrega do Teatro Municipal à cidade. Agora a orquestra que ficou em Cr\$ 6.060,00, as demais despesas não ultrapassaram de Cr\$ 500,00



1	D. Laura Gatta	150.000
2	Americo Rodrigues	150.000
3	Arvaldo Braga	250.000
4	Ellario Pinheiro	250.000
5	Santo Athos	150.000
6	Picurita	120.000
7	Luvalle	180.000
8	Uma cena completa (Gloria)	400.000
9	Despesas de مادرة computou 8%	552.200
10	Porteiros	87.000
11	Contra-regra	15.000
12	Figurantes	15.000
13	Cf do historeiro	24.000
14	Armações	200.000
15	Carretonagem	50.000
16	2 Culpas de Maia (vida)	100.000
17	3 Carretonas	85.000
18	Uma andorinha	10.000
19	4 pares de luvas	18.000
20	1 1/2 metro de pel de tigre	15.000
21	Cf do storico	90.000
22	Recheios	15.000
23	Comp. Arthur Azevedo	500.000
24	Carretonas	15.000
25	Orchestra	260.000
		9.938.520



O nome de Figueres, presidente de Costa Rica, esteve na maior evidência estes últimos dias, projetando-se em todo o noticiário da imprensa, por estes dois motivos: primeiro, porque esse dirigente de um país fôra o primeiro que tivera a idéia de dissolver o seu exército e converter fortalezas em museus; em segundo lugar, pelo fato de, logo em seguida a essa providência algo ingênua, ter feito angustiosos apelos à solidariedade americana para que o socorresse diante de agressões da Nicarágua, que estava invadindo sua pátria desarmada.

Parece que o conceito latino do "si vis pacem para bellum" se confirmou com a maior justeza. Se queres a paz prepara-te para a guerra, eis o que quer dizer aquela advertência da sabedoria de Roma dos Césares, quando o espírito de conquista e segurança interna estava todo ele inclinado para a guerra através da paz. O paradoxo daquele axioma que os séculos e as nações confirmaram, teve agora em Costa Rica a sua evidência.



O presidente Figueres eliminou o seu pequeno exército; mas, de qualquer forma, um exército. Transformou o quartel-general de S. José, que era uma fortaleza histórica, centro de defesa do país, em museu e sede de estudos para a mocidade das escolas. Seu gesto parecia ser de um homem que avançasse séculos na estrada da existência humana, a pensar que o homem já não era o lobo do mesmo homem. Mal dissolvia seus batalhões e recolhia ao museu as armas que seriam empregadas na defesa do solo pátrio, eis que o território de Costa Rica é invadido por tropas de um país vizinho, em combinação com elementos políticos costa-riquenhos, inimigos da situação atual. Figueres, pegado assim de surpresa, sem ter tido tempo de retomar as baionetas já sem brilho marcial, pediu auxílio às nações fiadoras do Tratado do Rio de Janeiro, enquanto os seus compatriotas retiravam do museu as armas, e voltava a fortaleza a ser o quartel-general da defesa nacional. Que grande lição, infelizmente registrada em terras da América, desta América que todos julgamos isenta de ódios e vinganças!

a SEMANA EM REVISTA

POEIRA BACILAR Dizem os higienistas que, um dos mais perigosos veículos da tuberculose está na poeira que se levanta com o vento ou com as vassouras das ruas ou das casas. Como nem todo mundo pode empregar os caríssimos aspiradores de pó, vai o povo a absorver pelos condutos respiratórios bilhões de bacilos de Koch, deixados pelos doentes em suas expectorações por todos os lugares públicos. Contra o feio hábito de cuspir, tem havido no país intensas campanhas civilizadoras. A este respeito, contamos um jornal que, uma das coisas que mais estranheza causaram a higienistas americanos que vieram estudar o nosso sistema hospitalar, foi a existência de escarradeiras nos hospitais. Eles não puderam compreender como ainda haja países neste mundo, que usem tais aparelhos. Infelizmente estas campanhas de nada servem. Não se corrigem maus hábitos com certos conselhos infantis ao ouvido de povo geralmente analfabeto. Só mesmo séculos de educação escolar e doméstica, podem extirpar de nossos costumes certos hábitos indesejados. Esse de cuspir é simplesmente detestável. Temos observado certas cenas na Central do Brasil que estão a merecer pronta intervenção da administração daquela ferrovia. Quando chegam à estação de Pedro II, os trens suburbanos são varridos com vassouras primitivas pelos empregados respectivos, levantando nuvens de pó de grande densidade. Antes de estarem livres os vagões, dessa mesma poeira, os passageiros os invadem às centenas, na ansiedade de um lugarzinho mesmo em pé. E todos vão sorvendo a poeira bacilar. E querem evitar a transmissão da tuberculose...

PRESO POR AMOR Não são de hoje os sofrimentos por amor. Oito muito sofreu por Desdemona. Ainda esta viva na memória do mundo, aquela declaração do celebre negro: "Eu amo-me pelas aventuras que passei; eu amo-a por que se apaixonou de mim". Romeu e Julieta, Gonzaga e Maria, tantas e tantas outras imensas criaturas que entraram na história como elementos poéticos de glórias e lágrimas. Nem se ia na imensa quantidade dos que se amam e sofrem modestamente, anonimamente, aí por esses subúrbios ou pelos sertões invios... Mas, o que vamos reatar é o mais recente exemplo de amor contrariado. Davis Knight, de Ellisville, Mississippi, com 23 anos de idade, amou uma senhora branca. Ele, embora não fosse totalmente de pele negra, possuía certos indícios da África, e seus pais eram mais brancos na cor e no cabelo. E o cabelo nunca nega. Vai daí, Davis Knight pediu a mão da amada e lhe concederam. Casou-se. Já pensava em sua lua-de-mel, quando foi preso. Metido no xarez, ele começou a suspirar pela felicidade perdida. Sua esposa constituiu advogado e o noivo foi a júri. Como o corpo de jurados era todo ele constituído de brancos ricos, descendentes dos arianos, Davis Knight foi condenado a cinco anos de prisão celular pelo crime inaproveitável de ter-se consorciado com mulher branca. Rebuscaram os antecedentes dele e ficou provado que, por parte de sua mãe, ele era índio. Seu pai era descendente de negro, mas o avô de Davis havia sido uma das maiores figuras da guerra civil um herói legítimo. Nada adiantou. Nem mesmo o sobrenome de Davis, que é Knight, cavalheiro fidalgo, Sir, em inglês.

GALINHAS ENGARRAFADAS Em matéria de excentricidade, nada como os Estados Unidos. E' de lá que nos vem, de ora em quando, notícias saborosas. País imensamente rico, com vultosa população, altamente industrializado, composto de gente de todas as raças, os Estados Unidos surpreendem pelas novidades mais inesperadas. Imagine-se que, agora mesmo, um norte-americano teve esta lembrança genial: criar galinhas em garrafas. A idéia é do sr. George Richardson, vendedor de generos alimentícios. Alguém denunciou o negociante como incurso em leis de proteção aos animais, inclusive galinhas e marrecos. Foi um sucesso. Toda a cidade de Monmouth, no Estado de New Jersey, se movimentou contra e a favor do criador de galinhas. Uns achavam que ele era um monstro de Dusseldorf, capaz de chupar o sangue humano, quanto mais de meter galinhas em garrafas; outros, porém, achavam que somente as galinhas poderiam dizer se estavam ou não satisfeitas nas garrafas. E veto a ação policial, sendo Richardson multado em 25 dólares. Não se conformou o homem, e mandou convocar um júri presidido por um juiz imparcial entre ele e os galináceos. Meteu uma garrafa dentro de um garrafão e a apresentou aos jurados: eis aqui a representante das penas que vivem felizes em sua casa de vidro. O juiz pediu que lhe apresentassem a galinha. Examinou-a, soprou as penas, experimentou-lhe o péso, apalpou o papo, dirigiu-lhes palavras amáveis e sentenciou: reforma a sentença e ordeno que seja devolvida a multa paga pelo protetor de galinhas. Não é um criador vulgar: é um homem notável que dá às galinhas o que ainda não temos: casas totalmente envidraçadas, com o que poderíamos ver o que se passa na casa do vizinho...

O "GANGSTER" NOEL Esse fim de ano ofereceu ao leitor de jornais esta notícia surpreendente: apareceu em Atlantic City, Estados Unidos, um Papai Noel fantasiado de bandido e assaltou uma casa comercial, perto de um estaleiro, roubando-a em 22 mil dólares e depois fugiu de automóvel. Não se sabe esclarecer bem, se se tratava de Papai Noel, revestido de "gangster" ou se era um "gangster" vestido de Papai Noel. O que se sabe é do prejuízo que o inesperado visitante deu ao negociante levando-lhe 22 mil dólares do cofre arrombado e desmoralizado. Diante do fato, caro leitor, precisamos raciocinar acerca da evolução por que vai passando essa tradicional festividade do Natal de Cristo. Antigamente, quando o mundo ainda não conhecia rádios, bombas atômicas, televisão, penicilina etc., o Natal era um festa de belíssimo aspecto artístico e evocativo. No norte do Brasil, as pastorinhas, enchiam de poesia ingênua e luminosa os casebres mais humildes, as mais modestas povoações sertanejas. Ao palco do pastoril armado à frente da igreja ou no largo da feira, afluía toda a população para ver e admirar as pastorinhas, e disputar os sorrisos da mestra, da contra-mestra, da diana sestroza, da libertina e da berboleta. Dois partidos se chocavam nos aplausos e dádivas: o encarnado e o azul. Hoje... muito coisa se converteu em mercantilidade, em hipocrisia, em exploração comercial. Está se formando até uma espécie de psicose no povo. E, dos Estados nos vem agora esta inovação: os bandidos não vestem mais o blusão dos "gangsters"; viram "Papai Noel" de gazuza e revolver...

VAMPIROS DE DUSSELDORF Um dia, certo escritor imaginoso, inventou uma história horripilante: havia na cidade alemã de Dusseldorf, um ente humano dotado de longas unhas e dentes de javali, que, altas horas da noite, ia chupar o sangue de suas vítimas. Vestido de negras capas longas e lúgubres, esse monstro era o homem-vampiro. A história assumiu caráter de degradação nacional e, ultrapassando as lindes germânicas, chegou ao estrangeiro, transformou-se em tema literário de horror, em filmes cinematográficos de sensacionalismo, em narrações assustadoras. Muitas crianças e pessoas nervosas não podiam dormir, tanto em Dusseldorf como em países longínquos, como o nosso. A idéia do novelista criou raízes no espírito do povo crente, e ficou a lenda convertida em verdade: existiam vampiros em Dusseldorf. Com a guerra, as crises de alimentação, as disputas político-sociais, os rumores de outra conflagração, e tais calamidades contra o povo alemão, o tal vampiro esteve esquecido por longos anos. Mas, recentemente, veio à lembrança de certo literato norte-americano, reviver o monstro. Um belo dia os jornais de Dusseldorf publicaram telegramas de uma agência norte-americana, noticiando que os vampiros da cidade estavam agindo perigosamente entre os habitantes. Foi um reboliço geral! Famílias inteiras não dormiam, temendo o hematófago humano. Foi preciso que autoridades tomassem a iniciativa de desmentir a patranha. Mas, quem mais sofreu foram os policiais de Dusseldorf, que não perderam sangue, é claro, mas perderam muitas noites de sono, a atender persistentes telefonemas dos mais medrosos que viam, em cada sombra, a figura sinistra do pavoroso vampiro...

INIMIGO DOS RELÂMPAGOS Séria ameaça para sobre os poetas e escritores. Um cidadão norte-americano, cientista excentrico e de pouco que fazer, acaba de anunciar sensacional descoberta: vai acabar com os relâmpagos. Chama-se o genial inventor, Vincent Schaffer. Para chegar a essa conclusão descobriu ele um método para produzir chuva sem relâmpagos; basta esparrizir gelo seco nas nuvens. Seu plano para fazer chover sem relâmpagos, foi tentado com êxito. Isso ele promete conseguir com a transformação de nuvens em neve de gelo seco. Graças a isso, as nuvens perdem a humidade e se convertem em "cirrus", que não produzem relâmpagos. Muito bem. Este mundo anda aos pinotes em matéria de novidades científicas ou não. Eliminar os relâmpagos e consequentemente os trovões lá das nuvens carregadas de eletricidades, é crime de lesa-natureza. Dizem os bacteriologistas que, depois da borrasca com coriscos e trovões, o ar respirável fica maravilhosamente tonificado e puríssimo, como se as forjas de Vulcano houvessem perseguido com suas imensas linguas de fogo azul, trilhões de trilhões de bactérias, aí pelos espaços sem fim, de forma que os animais que respiram sobre a terra possam dispor de mais exigência sem mistura com micróbios. Além disso, como ficariam os poetas e os romancistas? O relâmpago, o trovão, constituem elementos preciosos à literatura de ficção. E os pintores? Como poderiam executar na tela uma tempestade sem relâmpagos? Não, senhor cientista de Schenectady; essa invenção não pode merecer aprovação da humanidade. Além disso, não tem graça nenhuma andar a gente pelas nuvens com saquinhos de gelo seco a assustar os anjos.

ANO XLVIII

REVISTA DA SEMANA

N.º 1 — 1.º-1-1949

Propriedade da CIA EDITORA AMERICANA - Diretor-presidente: GRATULIANO BRITO
PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS
A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuerpia, em 1930, e na Feira Internacional de São Paulo em 1933
ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMERICAS
Porte simples — Um ano Cr\$ 140,00 Seis meses Cr\$ 70,00
Registrada — Um ano Cr\$ 170,00 Seis meses Cr\$ 85,00
ASSINATURAS PARA O EXTERIOR
Registrada — Um ano Cr\$ 210,00 Seis meses Cr\$ 140,00
O número avulso custa Cr\$ 3,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr\$ 3,50
Visconde de Maranguape, 15 ★ Endereço telegráfico "REVISTA" - Rio de Janeiro
Tels. - Gerência: 22-2550; Secretaria: 22-4447; Publicidade: 22-9570; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602
Corresp.: - Na Bahia: J. Machado Cunha, Av. Sete de Setembro, 149, Cid. do Salvador, Bahia. Em São Paulo: Vendas na Capital a cargo da "Agência Zambardino", à rua Cap. Salomão, 67 - Tel.: 4-1569 ★ Publicidade a cargo de Jarbas Galvão, à rua Brigadeiro Tobias, 615-2.º andar, sala 217 - Tel.: 6-6718
TEM AGENTES EM TODAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL
Representantes — Nos Estados Unidos da América do Norte: Aguiar, Menonça, 19 West Street, New York City, N. Y. Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos - Caixa Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, Av. Fontes Pereira de Melo, 34, dt. Lisboa. No Uruguai: Moratorio & Cia. - Constituintes 1746, Montevideu. Na Argentina: "Interprensa" - Florida, 299 - Tel.: 32. Av. 9109, Buenos Aires.
O corpo de colaboradores da "REVISTA DA SEMANA" está organizado. Só publicamos colaboração solicitada pela redação.
Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados
OS TRABALHOS SÃO DE RESPONSABILIDADE DOS AUTORES. ★ ESTE NUMERO CONSTA DE 60 PAGINAS



Foi aprovado o plano das cinco potências da Europa, para, com a ajuda dos Estados Unidos, garantir operações militares contra qualquer agressão por parte da Rússia. Aprovado um plano de 50 anos entre os Estados Unidos e países sul-americanos para estabilizar a economia dos mesmos. Completa-se o cerco de Pequim, mudando-se o quartel-general das forças nacionalistas para o sul. A Comissão de Investigação do Conselho da Organização dos Estados Americanos prossegue na sindicância sobre a agressão da Nicarágua contra Costa Rica denunciada por este último país. Toma posições o exército holandês para atacar a Indonésia. Duzentos guerrilheiros atacaram a comitiva do governador da Coréia, havendo duas mortes. Reinicia-se na Palestina a guerra entre judeus, árabes e egípcios. Segundo as últimas notícias, elevam-se a mais de 600 as perdas de vidas nas enchentes da Zona da Mata, Minas Gerais. São enforcados Tojo e seis outros líderes nipônicos como criminosos de guerra. Acentuam-se as controvérsias entre britânicos e franceses sobre questões econômicas da Europa. Estão avançando em toda a frente de Pequim e Tientsin as tropas comunistas. Duas cidades gregas foram atacadas pelos guerrilheiros. Anunciam as tropas de Chiang-Kai-Chek que vão iniciar uma ofensiva a sudoeste do lago Huntzé. Depois de terminadas suas observações locais, regressou a Washington a Comissão dos Estados Americanos que foi examinar o conflito entre Costa Rica e Nicarágua. A Inglaterra concordou em equipar a França, a Bélgica e a Holanda com caças a jacto. Foi suspenso o auxílio do Plano Marshall para as Índias Holandesas. Estudam os países da América Latina uma ação conjunta para bloquear economicamente qualquer governo instalado pela força neste hemisfério. Grandes inundações em Portugal isolam aldeias do sul do país. Aumentaram os russos seu sistema de fiscalização entre o ocidente e o oriente, incluindo inspeção nos bondes que atravessam as duas zonas. Assinou o presidente da República um decreto abrindo crédito de 10 milhões de cruzeiros para socorro às vítimas das inundações do Estado de Minas. Rebentou em Porto Alegre uma greve geral dos bondes e ônibus, por motivo de abonos de Natal. Em virtude da agressão da Holanda contra a Indonésia, foi pedida a expulsão daquele país europeu do seio da O.N.U. E' dissolvida a Dieta japonesa. Os trabalhadores do porto de Sidney, na Austrália, decidiram não trabalhar no serviço de embarque de carga para a Indonésia, como protesto contra a agressão holandesa. Em face do mau tempo, está virtualmente paralisada a guerra civil na China. Correm insistentes boatos de que o governo chinês pediu a intercessão da Rússia junto aos rebeldes para terminação da luta de forma honrosa. Declara o cientista francês Joliot-Curie que, apesar de já estar funcionando a primeira pilha atômica da França, a nação não pensava na bomba atômica. Agitação estudantil no Rio de Janeiro contra os aumentos projetados pela Light em bondes, luz e força. Um grupo de democratas e patriotas de todas as condições sociais residentes no Rio lança um Manifesto de Paz à nação e ao mundo. Em documento público, revela Dimitrov, primeiro ministro búlgaro, a técnica comunista para chegar ao poder. A associação denominada "Americanos da Ação Democrática" pediu ao Congresso dos Estados Unidos que dissolvesse a Comissão de Atividades Anti-Americanas, acusada de difamadora de pessoas importantes daquele país. Em entrevista à imprensa de Porto Alegre, faz o sr. Raul Pila prognósticos pessimistas acerca da situação política do País, classificando-a de grave e perigosa. Entram em greve os padeiros da capital do Maranhão. Também em greve os engenheiros e médicos da Prefeitura de S. Paulo, pelo que serão processados. O sr. Alceu Berbedo, sub-procurador geral da República, deu parecer contrário ao mandado de segurança impetrado pelo bispo de Maura para funcionamento da Igreja Católica Brasileira.

Homens que trabalham

Se V. S. sofre de prisão de ventre e esqueceu-se de tomar **Ventre-Livre** ontem à noite, antes de dormir, não esqueça hoje.

Tome uma dose de **Ventre-Livre** hoje à noite, antes de ir para a cama, que amanhã passará o dia bem e trabalhará com prazer.

Os homens ativos, que trabalham com afinco, devem cuidar especialmente da saúde, pois precisam ter o estômago, os intestinos, o fígado, enfim todos os órgãos, e também os nervos, em bom estado, para conservar as suas energias.

A prisão de ventre intoxica o organismo, abate as forças e, por conseguinte, diminui a capacidade de trabalho.

Combata a prisão de ventre sem perda de tempo, usando **Ventre-Livre**.

Ventre-Livre tonifica as camadas musculares do estômago e intestinos e limpa os das substâncias infectadas e fermentações tóxicas, verdadeiros venenos, que perturbam as funções de todos os órgãos e causam tão grande mal aos nervos.

Tome **Ventre-Livre** hoje, à noite.

* * *

Lembre-se sempre:
Ventre-Livre não é purgante

* * *

Tenha sempre em casa
alguns vidros de **Ventre-Livre**

CONTOS PARA A "REVISTA"

"REVISTA DA SEMANA" ESTIMULA AS APTIDÕES LITERÁRIAS DE SEUS LEITORES

1 — Só serão aceitos contos escritos em torno de temas brasileiros, sobre os quais os nossos leitores possam discorrer com pleno conhecimento e com facilidade.

2 — Os contos devem ser invariavelmente datilografados, em razão do que não serão tomados em consideração trabalhos manuscritos.

3 — A redação não dá informações pelo telefone ou por escrito sobre os contos selecionados ou considerados não publicáveis. Os contos julgados bons serão publicados, podendo os seus autores procurar a importância de sua colaboração na caixa. Os autores residentes nos Estados serão pagos por via postal, nos lugares em que estiverem.

4 — Os contos devem ter no mínimo seis folhas datilografadas, tipo ofício, em espaço dois, e, no máximo, oito folhas.

5 — Os autores devem escrever o seu nome e residência na folha de rosto do conto e na página final do mesmo. E' desnecessária a remessa de quaisquer cartas encaminhando os contos, bastando a declaração, no envelope: **Conto para a REVISTA DA SEMANA**.

6 — As características dos contos selecionados devem ser: dramaticidade, interesse humorístico e pitoresco da narrativa, qualidades literárias do estilo, originalidade, etc. Os autores devem procurar, acima de tudo, a correção na simplicidade, fugindo ao lugar comum e à banalidade. Não é aconselhável desenvolverem literariamente anedotas em curso, pois anedota não é conto. O gênero tem características próprias e essas peculiaridades devem ser respeitadas.

AOS ASSINANTES E DISTRIBUIDORES DESTA REVISTA

Rogamos indiquem sempre, com as suas remessas de dinheiro, nome e endereço certos a que as mesmas se destinam

Gula quincenal de la actividad intelectual y artística argentina, ano II nº 31 relativo à primeira quinzena de novembro último, que traz numerosas gravuras, algumas das quais a côres, uma conferência do dr. Oscar Ivanisievich e grande cópia de notícias e comentários sobre assuntos de literatura, teatro, artes plásticas, etc. Buenos Aires, 1948.



Consequência do fechamento do P.C.B., foi a cassação dos mandatos políticos. Aqui vemos o deputado Acreio Torres que dirigiu a luta contra os parlamentares comunistas

SÍNTESE RETROSPECTIVA DE 1948

RESENHA DOS ACONTECIMENTOS MAIS IMPORTANTES

A exemplo do que já temos feito em anos anteriores, apresentamos neste número uma visão retrospectiva dos fatos culminantes ocorridos durante o ano que passou.

A humanidade precisa, de quando em quando, remir-se no próprio espelho de seus acontecimentos, a fim de retirar deles os exemplos para seu proceder nos dias do futuro ou reverenciar a memória de seus grandes nomes.

As notícias passam, mas os motivos que as determinam, muitas vezes, precisam ficar à vista dos observadores. Todos os episódios humanos que têm, de qualquer forma, influência em nossos destinos, devem ser relembrados, de maneira que possamos colher os frutos de ocorrências a medir as circunstâncias em que se verificaram.

Mil novecentos e quarenta e oito foi um ano fértil em acontecimentos importantes. Esta revista os registrou, na sua quase totalidade, com o cuidado que lhe merecem os fatos, lutosos, uns, festivos outros, artísticos e sensacionais ainda outros. Agora fazemos a síntese de todos eles para ajudar o leitor que se interessa pelo marchar do mundo em todas as suas direções e aspectos.

Dando de cada um desses episódios ou eventos fotografia e legenda esclarecedora, estamos certos de que contribuímos para que os nossos leitores possam dispor de verdadeiro dicionário remissivo de todos esses acontecimentos.

Na seara da política nacional tivemos o ambiente agitado por motivos palpitantes, como sucedeu com a batalha da cassação de mandatos de parlamentares comunistas, decisão histórica que abalou o parlamento brasileiro. No estrangeiro ocorreram fatos culminantes que causaram sensação, como o que se verificou com o julgamento de Sacha Guitry, acusado de colaborar com os alemães na queda da França. No mundo da arte, é necessário rememorar a celeuma que despertou "Anjo Negro" e a representação de "Hamlet" com um calor de 40° à sombra; Sartre com o seu Existencialismo, e a U.N.E. com "Hipólito".

Nas páginas de catástrofes e de aflições coletivas, trouxe-nos este ano acontecimentos de dolorosas emoções, como ocorreu com a tragédia de Deodoro, nesta capital, e já ao fim do ano, o dilúvio da Zona da Mata, em Minas Gerais, com a destruição de cidades inteiras, devastação generalizada de bens de toda espécie, mortandade que se eleva a várias centenas de pessoas, prejuízos incalculáveis para o povo e os governos.

Em países da América do Sul deflagraram convulsões

de efeitos aterradores, como sucedeu com a revolta de Bogotá, que por pouco não se converteu em complicações internacionais de imprevisível resultado. Para contrabalançar as aflições do mundo nas suas crises de caráter político-social, tivemos o prazer de registrar a assembleia rotariana, com avultado número de elementos que atingiu mais de sete mil e trezentas pessoas reunidas no Rio de Janeiro numa comunhão de paz e trabalho em prol do progresso material e espiritual do mundo.

Os esportes trouxeram também sua contribuição aos fatos culminantes do ano que passou, com a realização, em Londres, das Olimpíadas, havendo o Brasil mandado, entre outros elementos, uma equipe de basquetebol que causou surpresa e admiração, pelo seu preparo físico e técnica de jogo da mais apurada perfeição.

Nas ciências tivemos o avanço prodigioso da televisão, cuja exploração comercial já se prenuncia possível em nossa terra, bem como o triunfo alcançado por Cesar Lattes com a descoberta do "meson".

No hipismo, a sensação foi a segunda vitória de Heliaco no "Grande Prêmio Brasil". E o campeonato brilhantemente levantado pelo Botafogo no futebol do Distrito Federal constituiu acontecimento de indescritível repercussão.

Em perdas de brasileiros ilustres, tivemos a lamentar o desaparecimento de figuras insubstituíveis, como Monteiro Lobato, nas letras, e Virgílio de Melo Franco, na política do país.



Sacha Guitry, famoso artista francês que negou ao juri ter pertencido ao grupo de colaboracionistas. Foi absolvido, mas o povo o vaiou estrepitosamente



Faleceu no Rio, depois de prolongada moléstia que desafiou todos os recursos médicos, a exma. sra. d. Carmela Dutra, esposa do sr. presidente da República



Todos os anos o pessoal do teatro elege sua Rainha do Carnaval. Aqui vemos a eleita, Aimée, a dançar com Rei Momo na festa levada a efeito no João Caetano



Levam no palco do Teatro Fenix, com um calor de 40° à sombra, o drama de Shakespeare, "Hamlet", na interpretação de Sérgio Cardoso que parecia estar em transe



"Anjo Negro", peça levada no "Fenix" deu motivo a muita discussão e controvérsias a torto e a direito, sendo proibida pela Censura Teatral



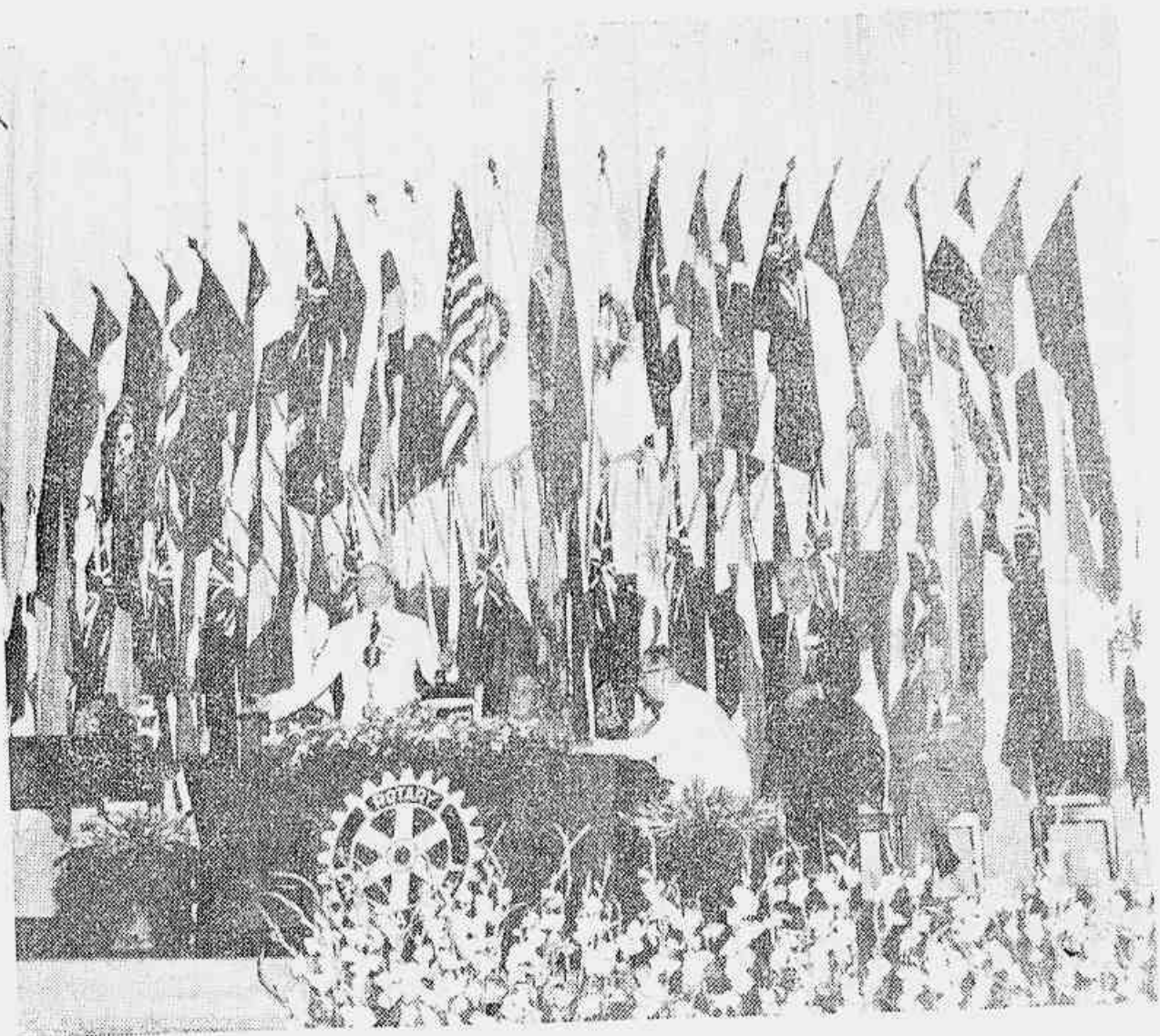
Jean Paul Sartre, fundador do "Existencialismo" prometeu vir ao Brasil para difundir e explicar suas novas concepções filosóficas e sociais



Aspecto trágico da misteriosa explosão em depósitos bélicos de Deodoro, nesta capital, onde perderam a vida dezenas de pessoas e o Exército 280 milhões de cruzeiros



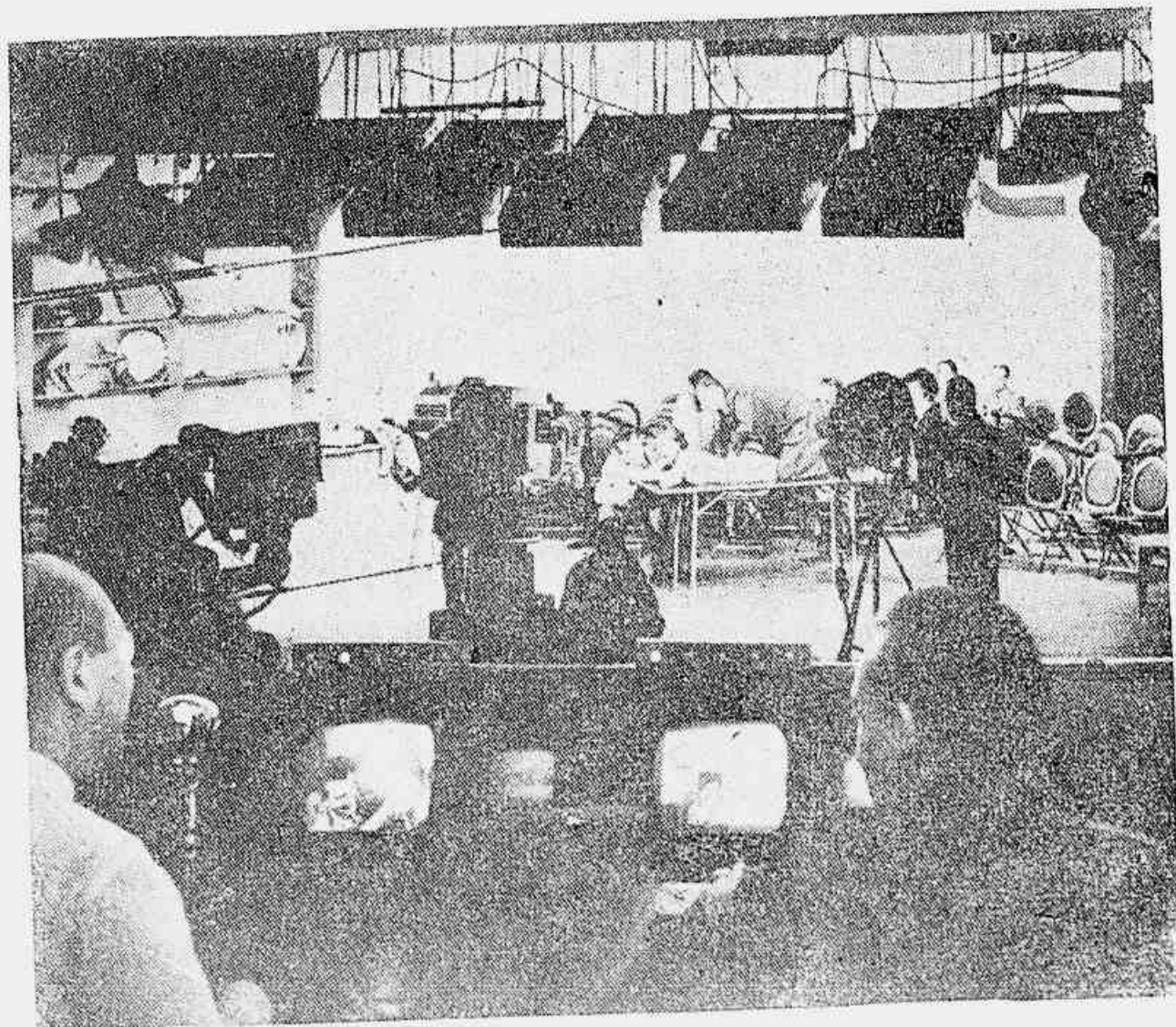
Bogotá, capital da Colômbia, é sacudida durante três dias e três noites, de 9 a 12 de abril, por uma revolta popular ainda inédita na história da América



Recordação do que foi 39.^a Convenção Anual do Rotary Internacional, levada a efeito no Rio de Janeiro. Momento em que discursa o delegado do Chile, a 20 de maio



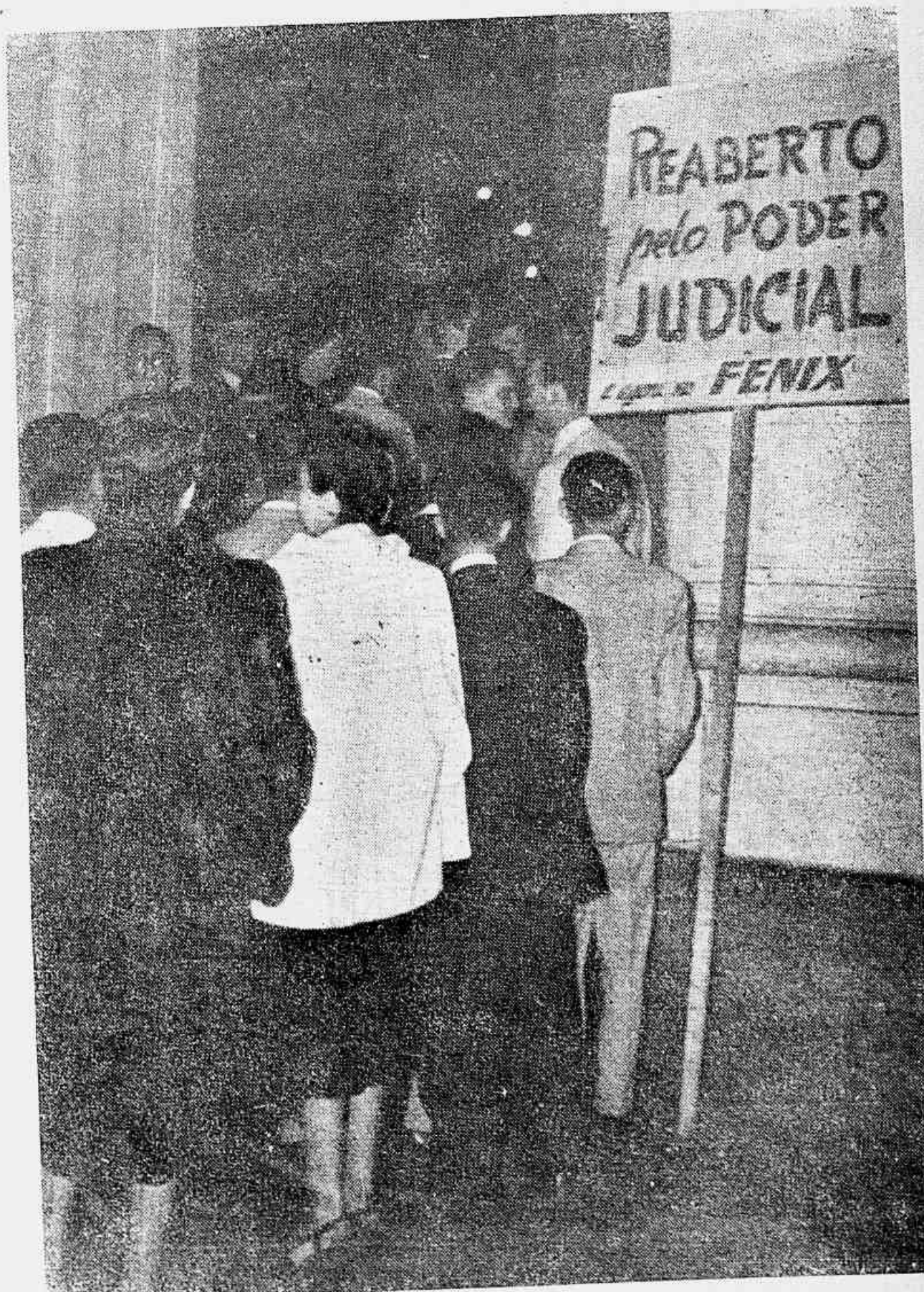
Acontecimento que empolgou todo o país foi o da greve dos alunos da Escola Naval do Rio, quando o poder executivo fechou a Escola como medida disciplinar



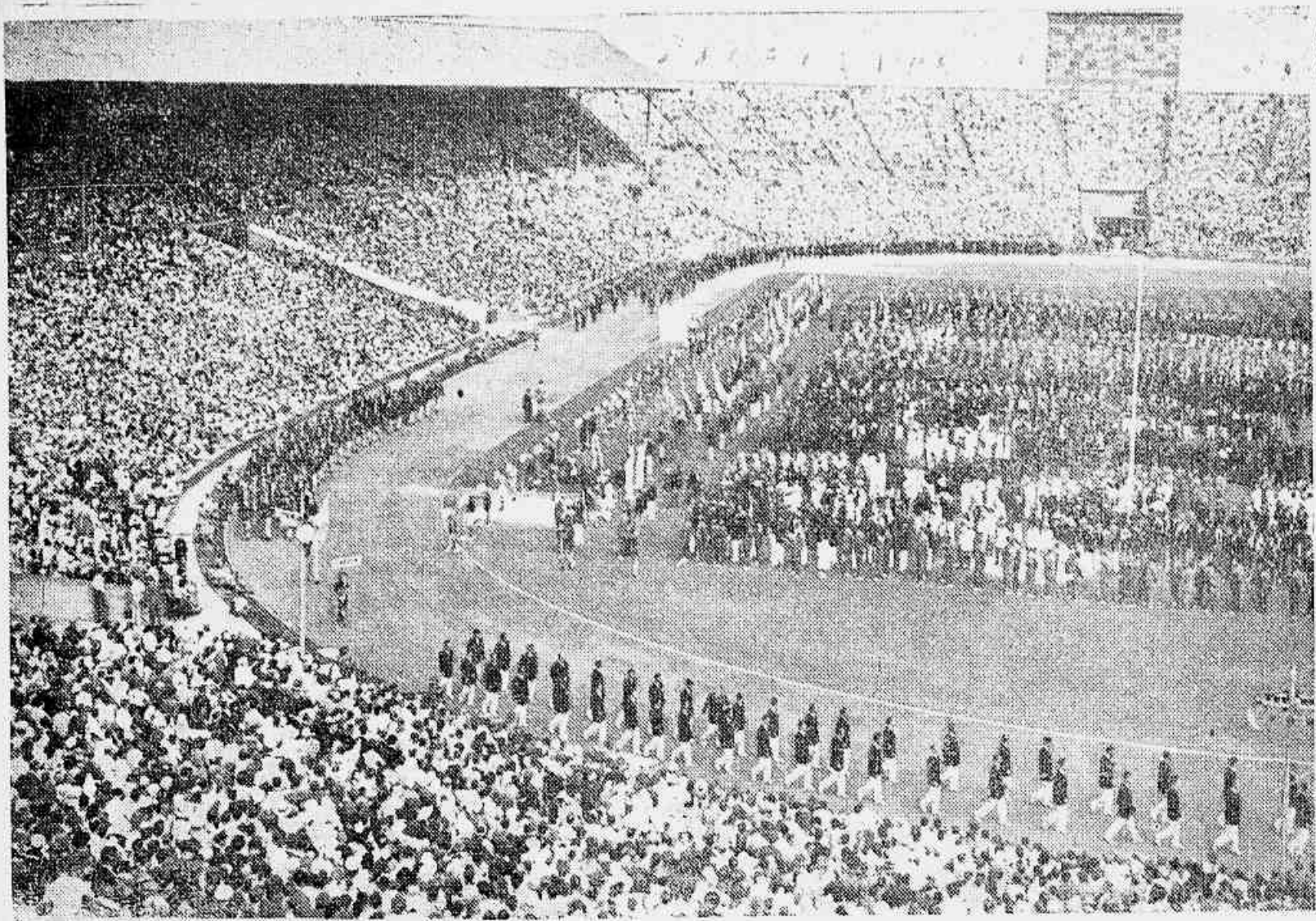
A televisão em marcha, foi sensacional reportagem que publicamos em nosso número de 31 de julho. Aqui reproduzimos significativo "clichê" sobre o progresso da ciência



O Marechal Alexander, governador geral da Canadá, após prestar juramento perante o Parlamento Canadense. O Marechal Alexander visitou o Brasil em maio



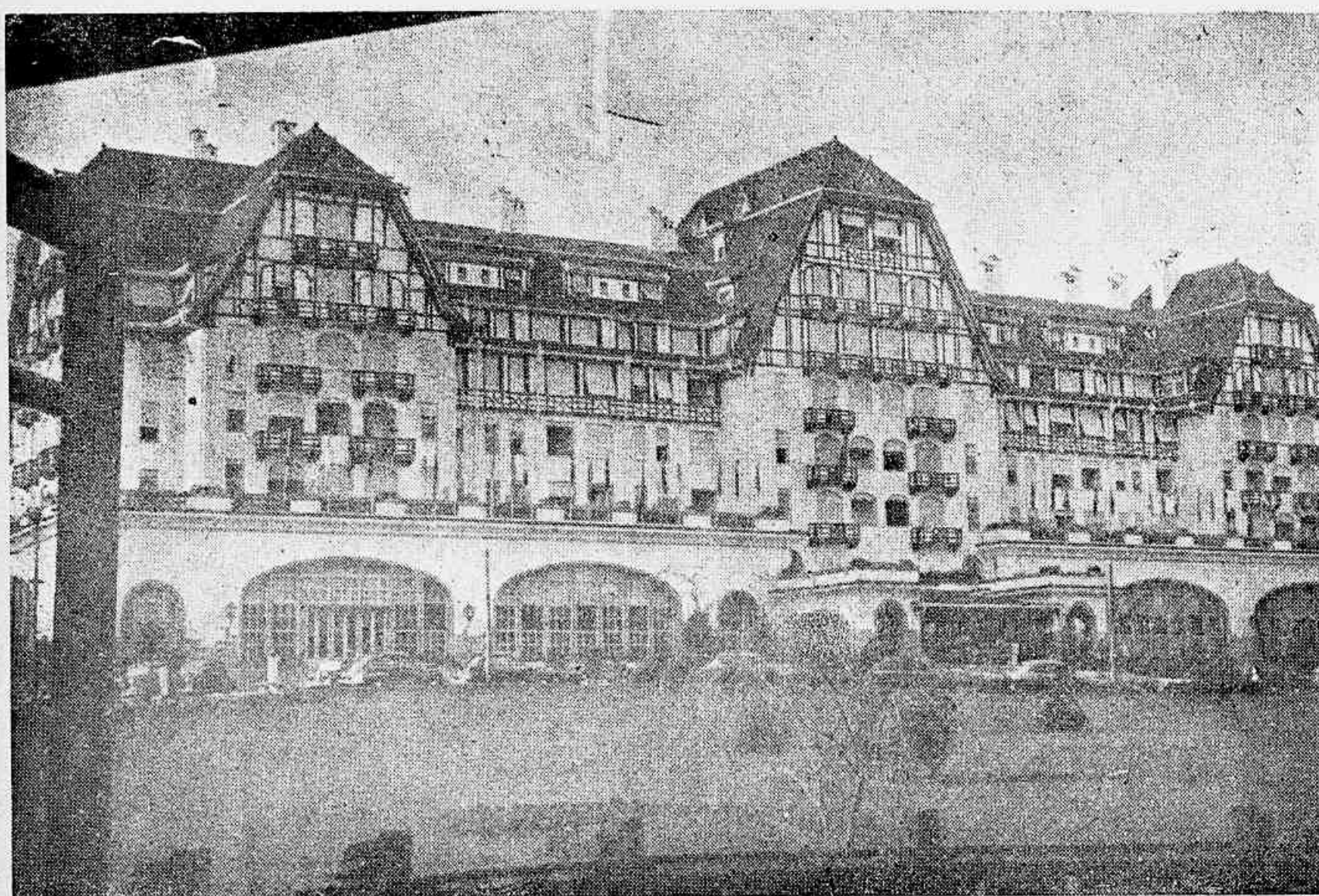
O maior escândalo teatral do Brasil foi aquele que focalizou o Teatro Fenix, o seu proprietário, Vital R. de Castro e os artistas de "Estrada do Tabaco"



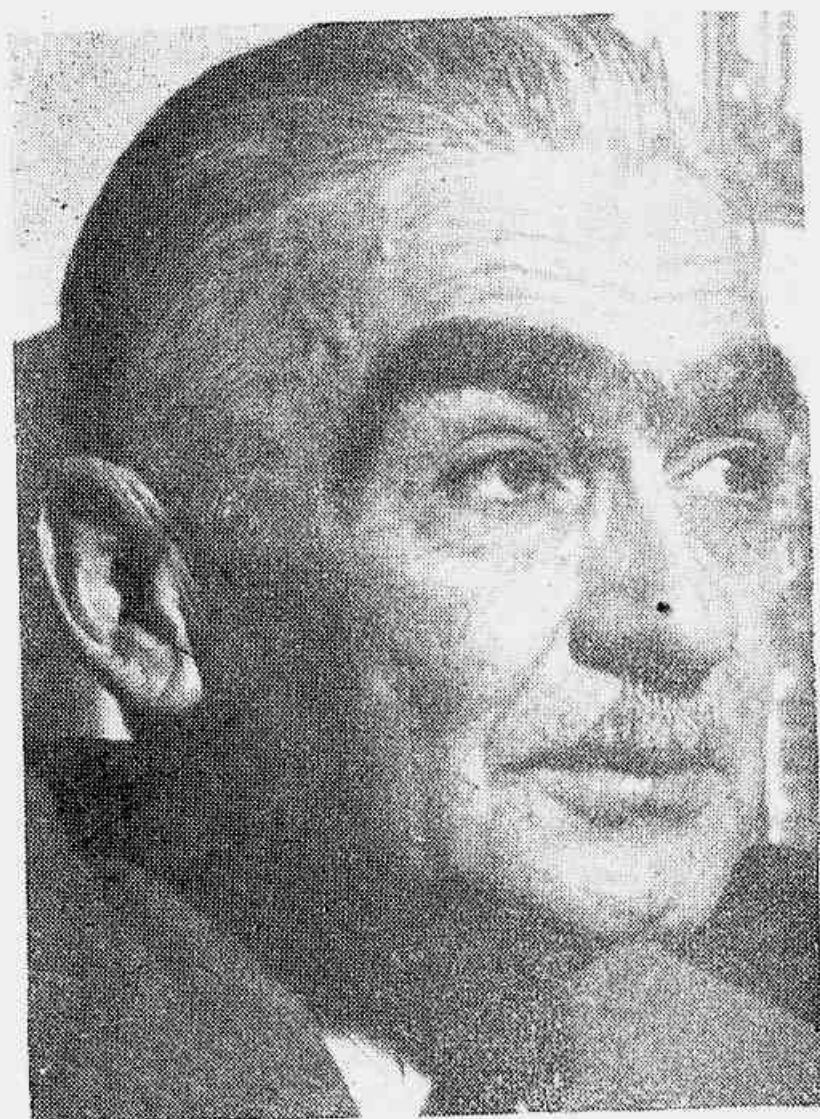
O estádio Olímpico de Londres, no dia da inauguração dos Jogos Olímpicos de 1948, vencidos pelos Estados Unidos. O Brasil participou, logrando uma bela terceira colocação no basquete



Flagrante do cavalo nacional Heliaco, que, a 1.º de agosto de 1948 levantou sensacionalmente o "Grande Prêmio Brasil", diante de quarenta mil turfistas



Aspecto do famoso Hotel Quitandinha, onde foi inaugurada a Exposição Internacional cujas bases suscitaram rumorosos comentários contra sua organização



A morte de Monteiro Lobato enlutou o Brasil e as crianças de toda a América. Esta revista publicou movimentada reportagem sobre a grande escritor e o espiritismo



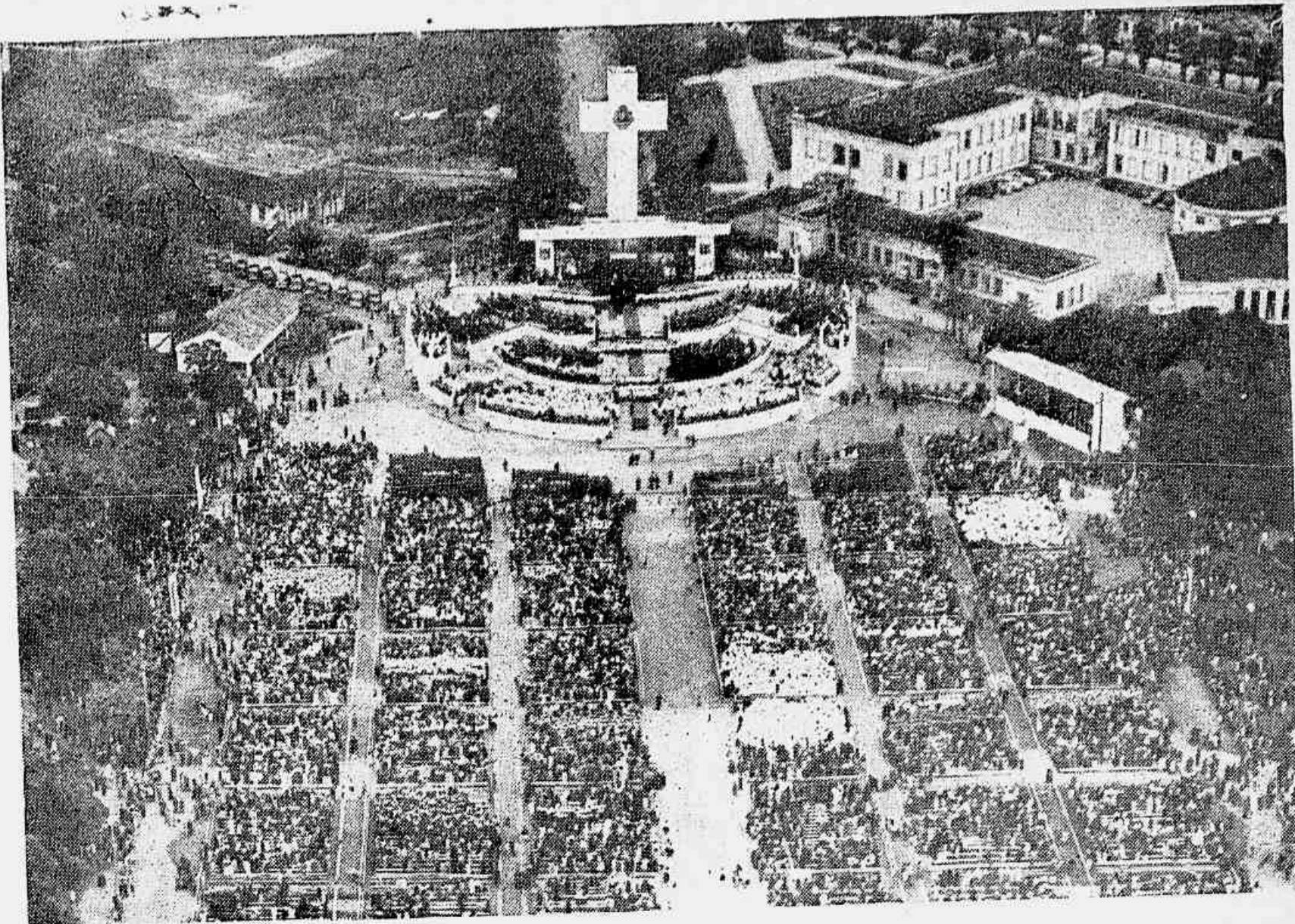
Acontecimento de grande e consternadora repercussão, foi a do assassinio de Virgílio de Melo Franco, a 29 de outubro. Aqui reproduzimos sua casa, local da tragédia



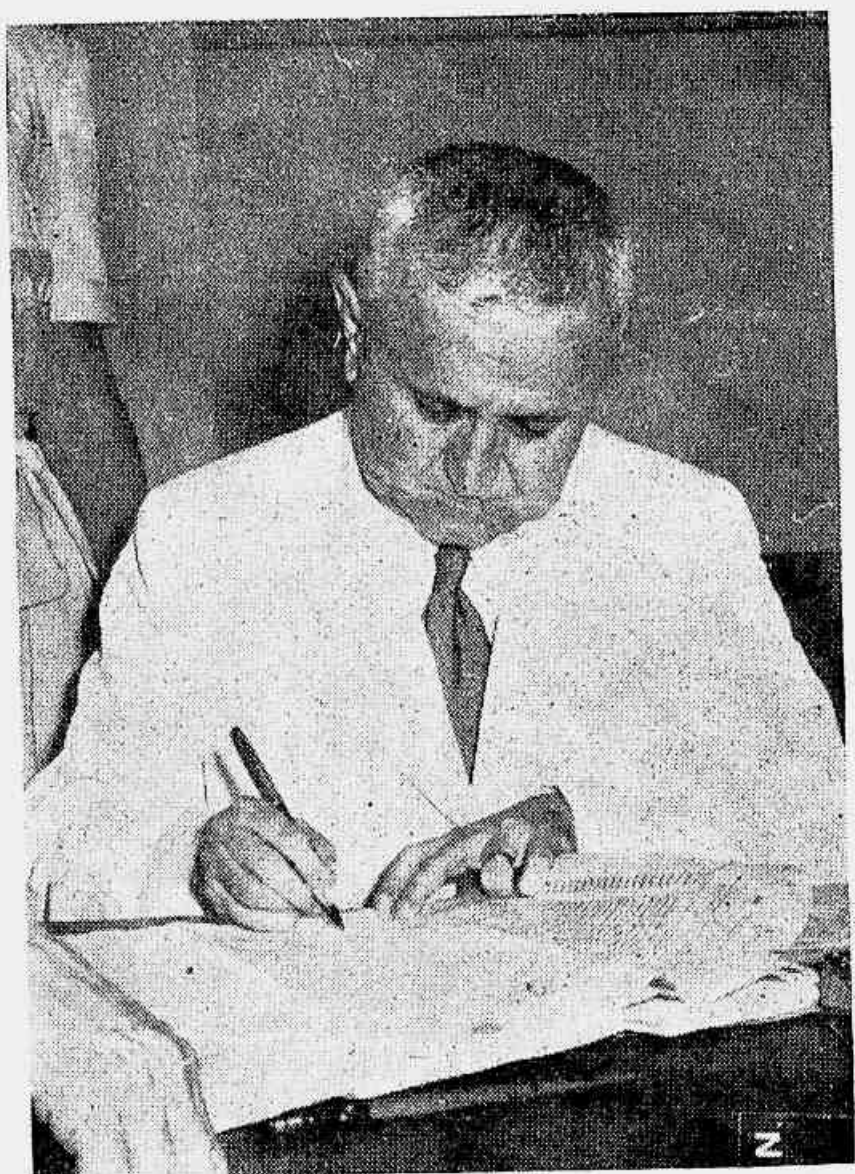
Cesar Lattes, um dos jovens cientistas do mundo, brasileiro nato, descobre o "meson", elemento do mistério atômico, conquistando para o Brasil uma glória científica



Tojo, primeiro Ministro de S. Majestade Imperial Hiroito, do Japão, é enforcado na madrugada de 29 de dezembro, como culpado da guerra contra os Estados Unidos



No mundo religioso, o maior acontecimento do ano foi o V Congresso Eucarístico Nacional, realizado em Pôrto Alegre, de 27 a 31 de outubro



O general Eurico Gaspar Dutra, presidente da República, enviou ao Congresso Nacional a mensagem sobre a fixação do local para instalação da futura capital do país



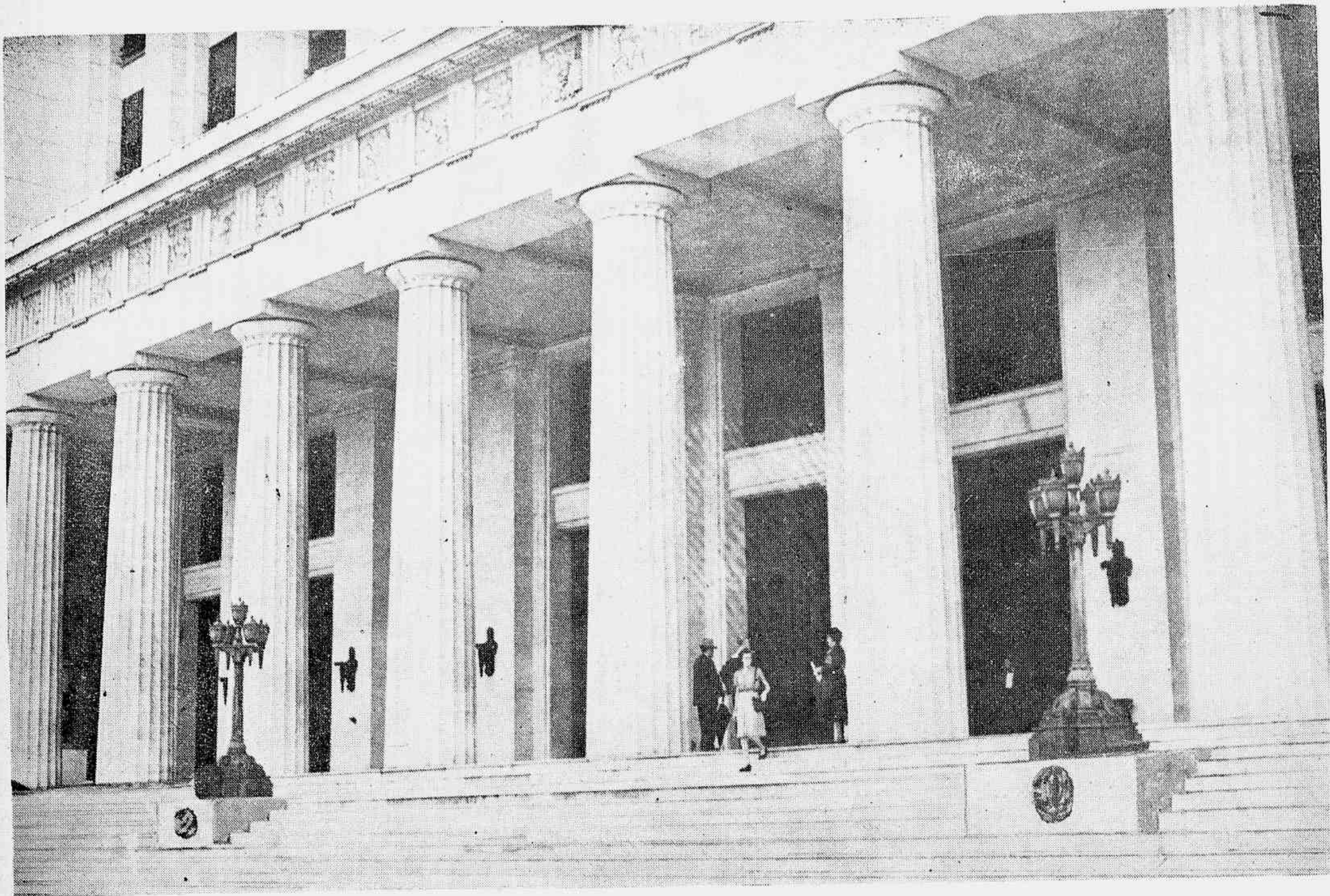
A sensação esportiva do ano foi a luta final entre Vasco da Gama e Botafogo de Futebol e Regatas, levantando este o campeonato carioca de 1948



O nome de Joaquim Murinho, por ocasião de seu primeiro centenário de nascimento, encheu toda a imprensa do Brasil, que soube homenagear o grande brasileiro



Na madrugada do dia 15 de dezembro, as populações de várias cidades da zona da Mata, em Minas, são surpreendidas por tremenda tromba d'água, causando ver dadeira catástrofe. Aqui vemos Abaíba inundada



Ao alto — Pórtico do Ministério da Fazenda, que serviu de "palco" ao memorável espetáculo do dia 12 de dezembro. Na página ao lado — Este gurizinho também desejou ver a tragédia de vinte e quatro séculos atrás; mas coube à mamãe explicar tudo no dia seguinte

TRAGÉDIA GREGA SOB O CÉU DO RIO

Texto de **RENATO DE ALENCAR**

★

Fotos de **ARNALDO VIEIRA**

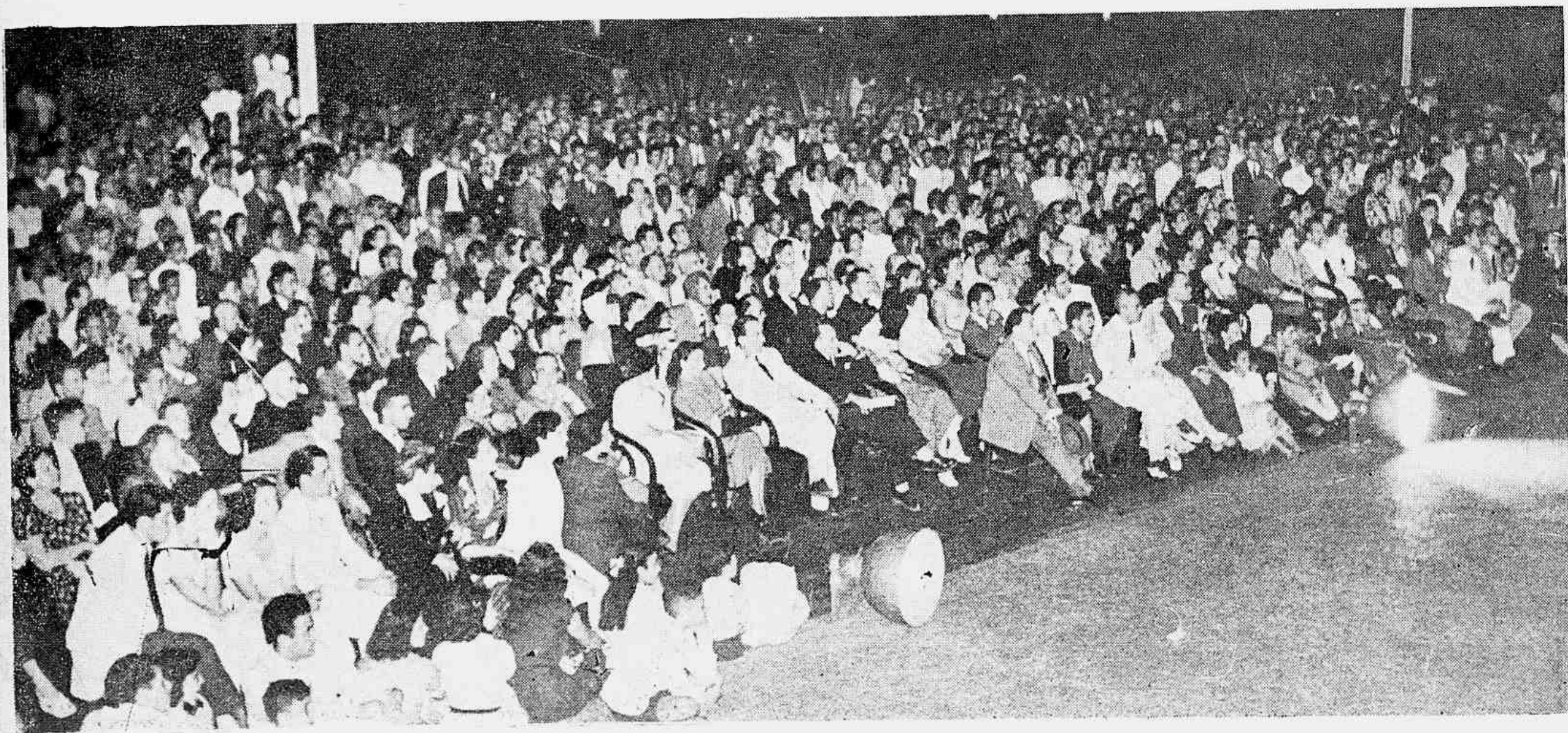
REALIZAÇÃO das mais arrojadas em matéria de representação teatral, foi esta que elementos da União Nacional dos Estudantes levaram à cena domingo, 12 de dezembro.

O prosicênio era a praça pública. O palco, a escadaria do majestoso edifício do Ministério da Fazenda. A platéia era à vontade. Espetáculo empolgante, gratuito, dedicado ao povo, sem entradas nem chapeleiras.

O suntuoso pórtico do edifício da Fazenda com suas colunas dóricas lembrava a fachada da Comédie Française, e na noite inesquecível de 12 de dezembro, a própria estátua de Rio Branco a refletir-se no lago

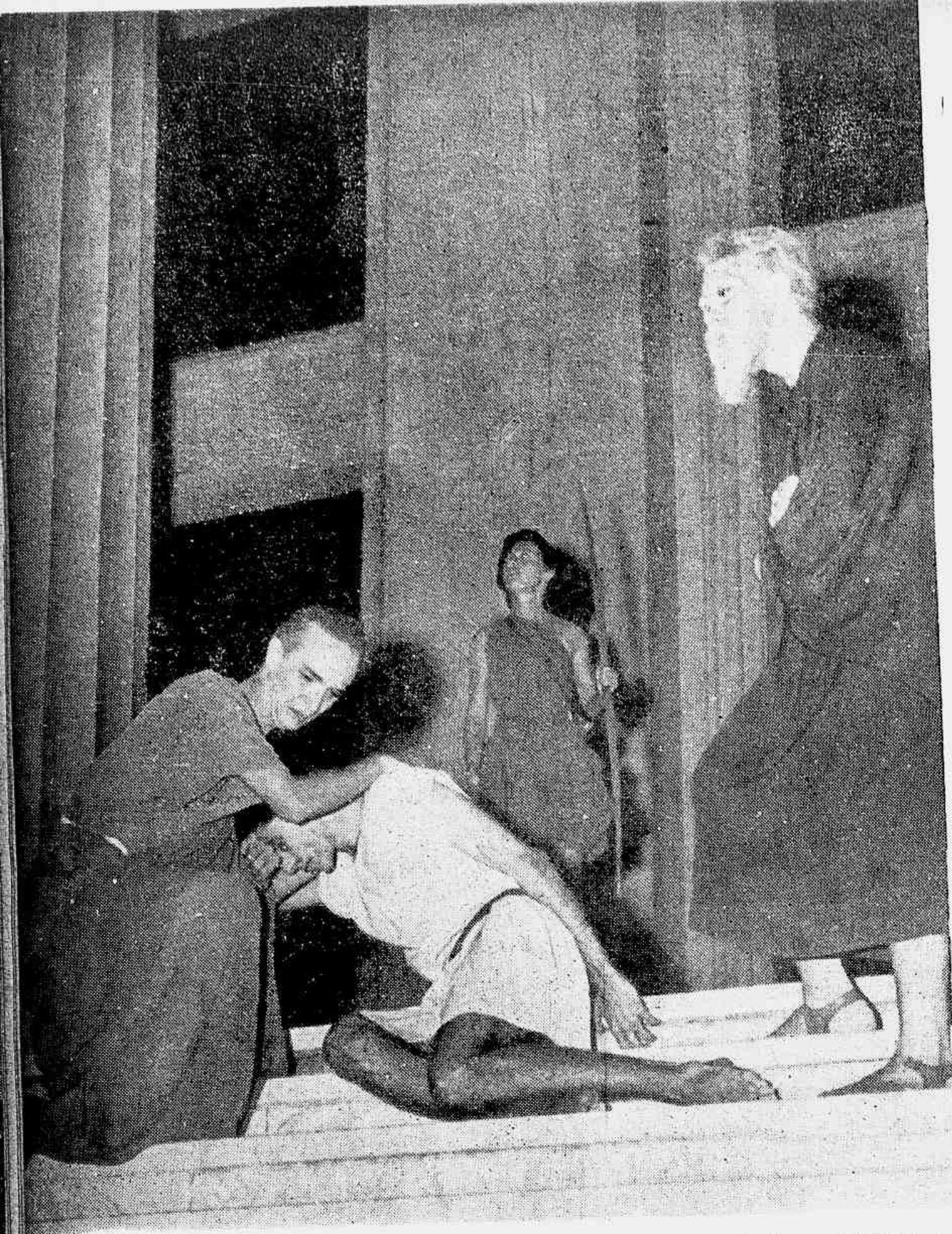
artificial que simboliza a serenidade do grande estadista, parecia aplaudir o feito incrível de um punhado de moços estudantes.

A peça de estréia dêsse novo teatro da natureza, foi a famosa tra-



Aspecto geral da platéia ao ar livre, onde cerca de quatro mil pessoas de todas as idades admiraram o desenrolar do drama





Em cima — Hipólito (Valdemar Fernando) no ato de perdoar ao pai, Teseu, (Cândido A. M. de Almeida), antes de morrer. Em baixo — Phædra (Regina Helena Braga) no instante em que revelava à Ama, sua grande paixão por Hipólito



VALDEMAR FERNANDO
HIPÓLITO



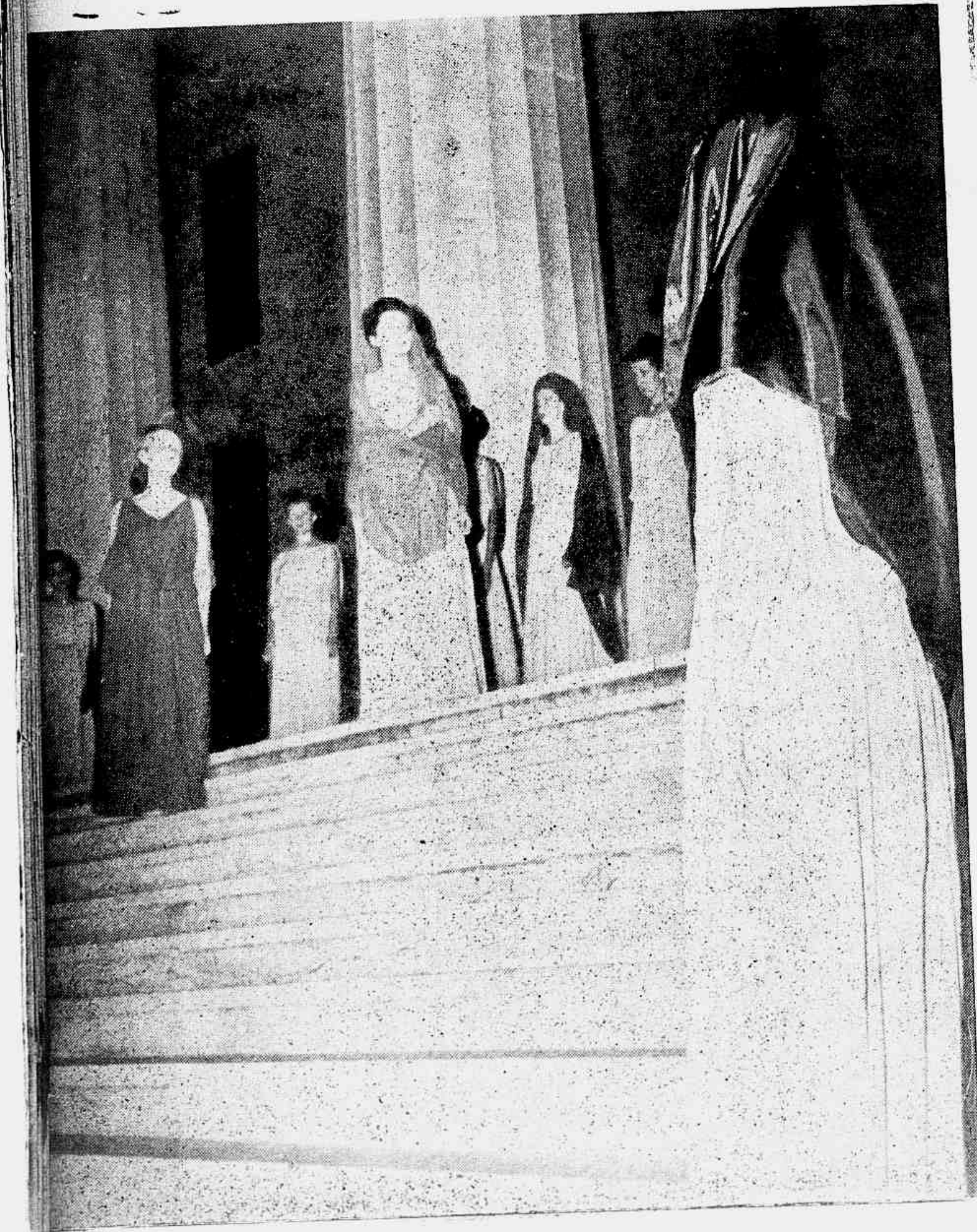
REGINA HELENA BRAGA
(FREDA)



MADALENA SABÓIA
(AMA)



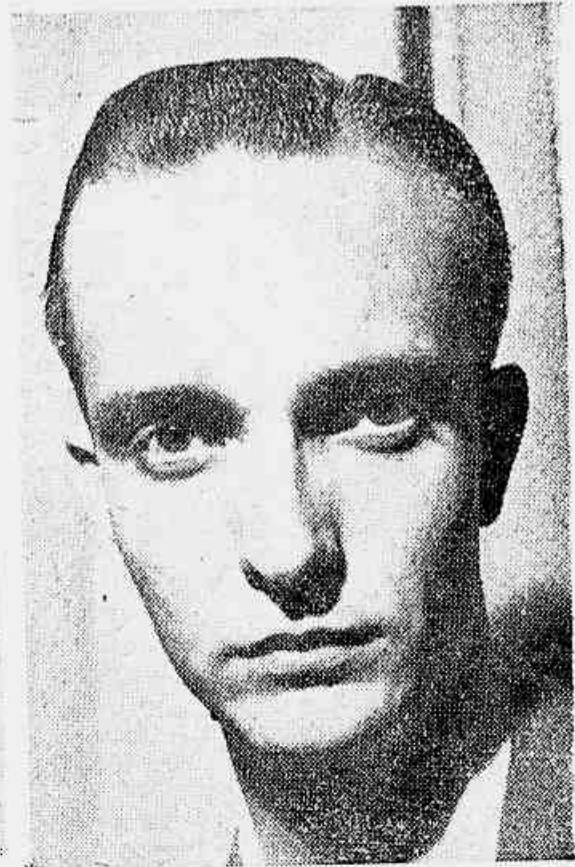
GERALDO ALVES QUEIROZ
(ES CRAVO)



Belíssimo flagrante de Phædra, uma das personagens centra



THEREZA CALMON HOLLIDAY
(AFRODITE)



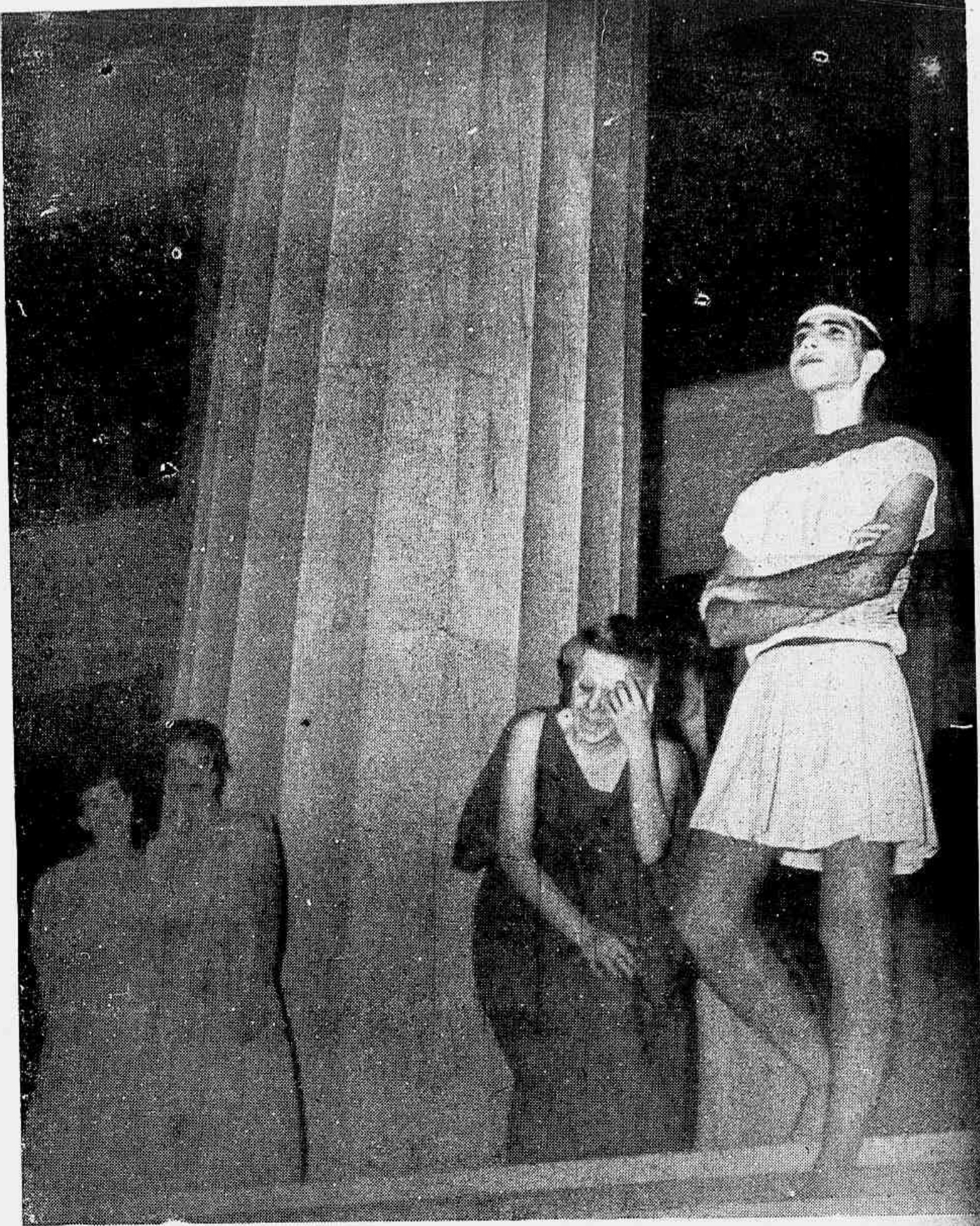
CANDIDO A. DE ALMEIDA
(TESEU)



MARIA CLARA MACHADO
(DIANA)



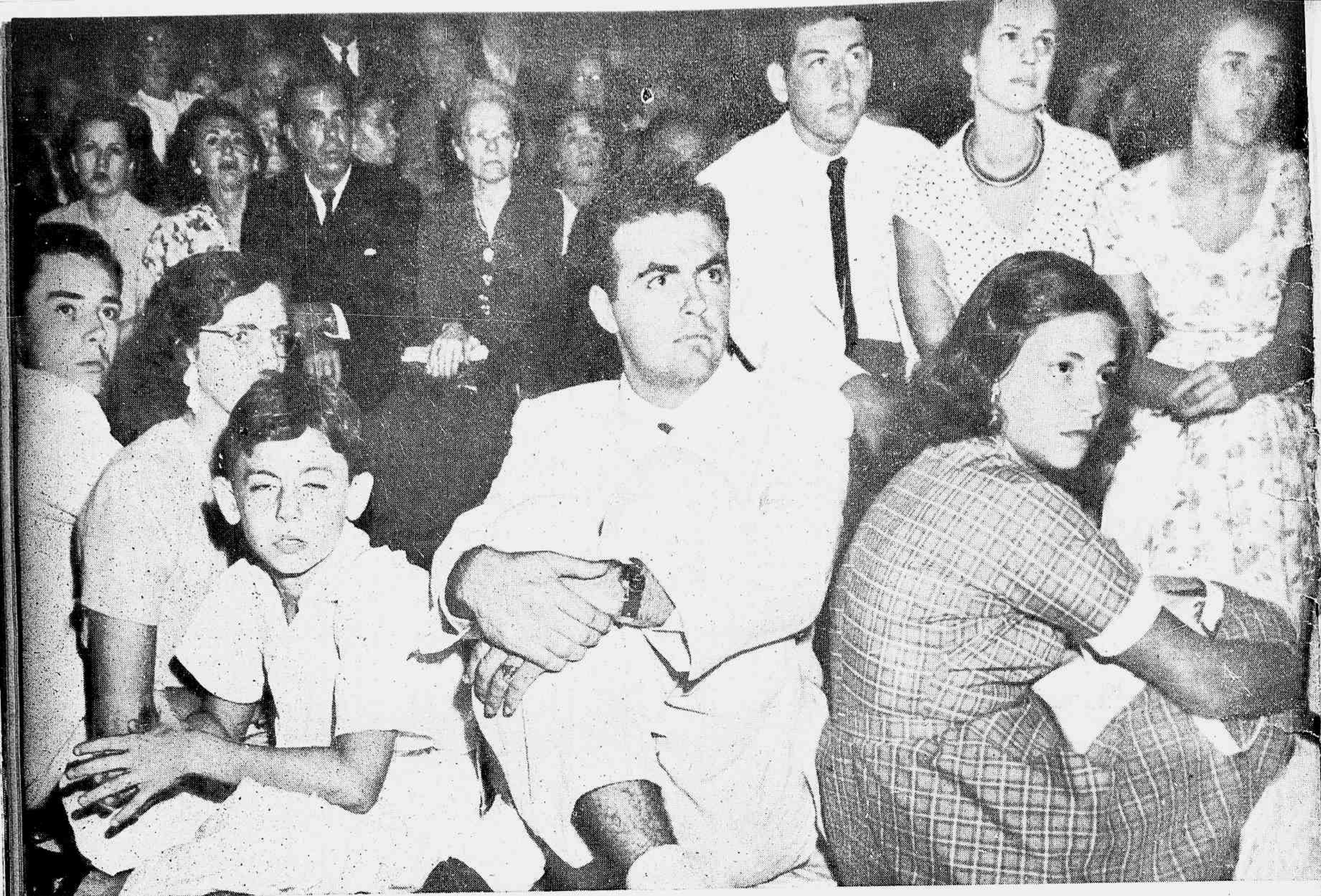
BELA PIRES DANTAS
(DIR. DE COROS)



Em cima — Se Hipólito revelasse os seus colóquios amorosos com Phædra, seria aniquilado por isso a Ama (Madalena Saboia) lhe implora silêncio. Em baixo — O amor foi a causa de sua desgraça, vítima da ira dos deuses, e Hipólito se lamenta antes de morrer



is da tragédia, no monólogo entre as mulheres de Trezena



Ao alto — Alunos da Universidade Católica e pessoas de suas famílias assistem ao espetáculo da tragédia grega. Em baixo — Parte da assistência, vendo-se o Padre Leme Lopes, da Universidade Católica e Frei Rosário, dominicano, residente em São Paulo



gédia de Eurípedes, intitulada «Hipólito».

Quem é o autor? Um dos maiores poetas da Grécia de antes de Cristo. Trágico em suas concepções teatrais, o filho de célebre cidade, veio ao mundo num dia de tragédia: a batalha que entrou na história com o nome de seu berço: Salamina. Eurípedes foi maior do que Sófocles e do que Ésquilo, porque soube dar à tragédia nuances que até então nenhum outro autor conseguira inovar. Estudioso desde menino, o grande clássico do teatro grego, brilhou em seus cursos de filosofia, enriquecendo seu cabedal artístico com observações próprias sobre a psicologia feminina, analisando-lhes as profundezas misteriosas da alma de mulher. Filósofo, transplantou para a cena os mistérios da psique humana e a desnudou através de suas peças trágicas do mais vivo colorido. Os coros também foram alvo de inovações da arte de Eurípedes. O povo grego o consagrou, porque foi o gênio dêsse gigante da Arte cênica que proporcionou às populações daqueles países os mais emocionantes momentos de arte pura e vibrante, penetrativa e popular.

«Hipólito», foi levado à cena, pela primeira vez, no ano de 428, antes de Cristo, quando seu autor estava nos seus 52 anos de idade. Não fôra, porém, a peça original, e sim uma reconstituição da primitiva, que se perdeu a qual tinha o nome de «Primeiro Hipólito», ou «Hipólito Oculto».

Na obra que chegou aos nossos dias, a ação se passa em Trezena, antiga cidade grega do Peloponeso, próxima à costa nordeste da Argólida, e onde, segundo a tradição, morreu Hipólito, a famosa personagem da tragédia eurípediana.

Eurípedes escreveu verdadeira obra-prima, com êsse sempre novo tema que se inspira no amor, seja de Romeu e Julieta, de Phaedra por Hipólito, ou de Ceci e Peri. O amor é imortal como a própria vida, e é através de seus romances, idílios ou tragédias que os gênios fixam em obras como «Hipólito», as convulsões e esperanças da espécie humana em sua marcha para a perfeição.

Essa tragédia que teve como personagem principal a figura lendária de Hipólito tão bem focalizada pelo gênio de Eurípedes, continuou sua trajetória através do tempo e do espaço, inspirando outros intelectuais e artistas célebres. Sêneca, no primeiro século da era cristã, escreveu uma tragédia com o mesmo nome, baseada na de Eurípedes; Rubens pintou o maravilhoso quadro «A Morte de Hipólito», o mesmo sucedendo com Troy; para muitos iconógrafos, as figuras que se vêem num quadro de Claudio Lorrain existente no Museu de Berlim (se a guerra não o destruiu) representam personagens de Hipólito; em águas-fortes de Antoine Etex se admiram

cênas obtidas na tragédia de Hipólito; em baixos-relevos dos museus de Florença, há num sarcófago antigo, motivos da tragédia que Eurípedes imortalizou.

Eis, em ligeiros traços, quem é o autor dessa obra dramática e imortal que os estudantes do Rio de Janeiro acabam de levar à cena, em praça pública, com toda a indumentária daqueles tempos, coros e música a relembrar os famosos dias de Trezena.

Grande auditório ocorreu para aplaudir os intérpretes e estimulá-los nessa audaz e inédita realização. Em assentos improvisados, ao meio-fio, no passeio da rua, quatro mil pessoas ficaram presas ao desenrolar da festa do talento e da ousadia. E ali apareceram as figuras que os gregos de vinte e quatro séculos atrás conhecem através da peça de Eurípedes: Phaedra, Afrodite, Hipólito, Teseu, Diana e outras personagens mitológicas, além de cantores e escravos.

Interpretação difícil pela distância de uma época que somente conhecemos pelas obras de arte, máxime em se tratando de penetrar nos recessos da alma feminina; mas a performance dos jovens estudantes foi impecável, devendo-se salientar o nome do abnegado estudante Cândido Antônio Mendes de Almeida o organizador geral, que, além de sonhar com essa realização para muitos inextinguível, interpretou o papel de Teseu, o pai do herói da tragédia de Eurípedes.

Esses estudantes estão revolucionando os nossos meios artísticos e levando ao seio do povo elementos de cultura artística da mais bela significação, proporcionando às massas sem recursos horas de encantamento e educação cultural, fatores preciosos para o progresso de um povo.

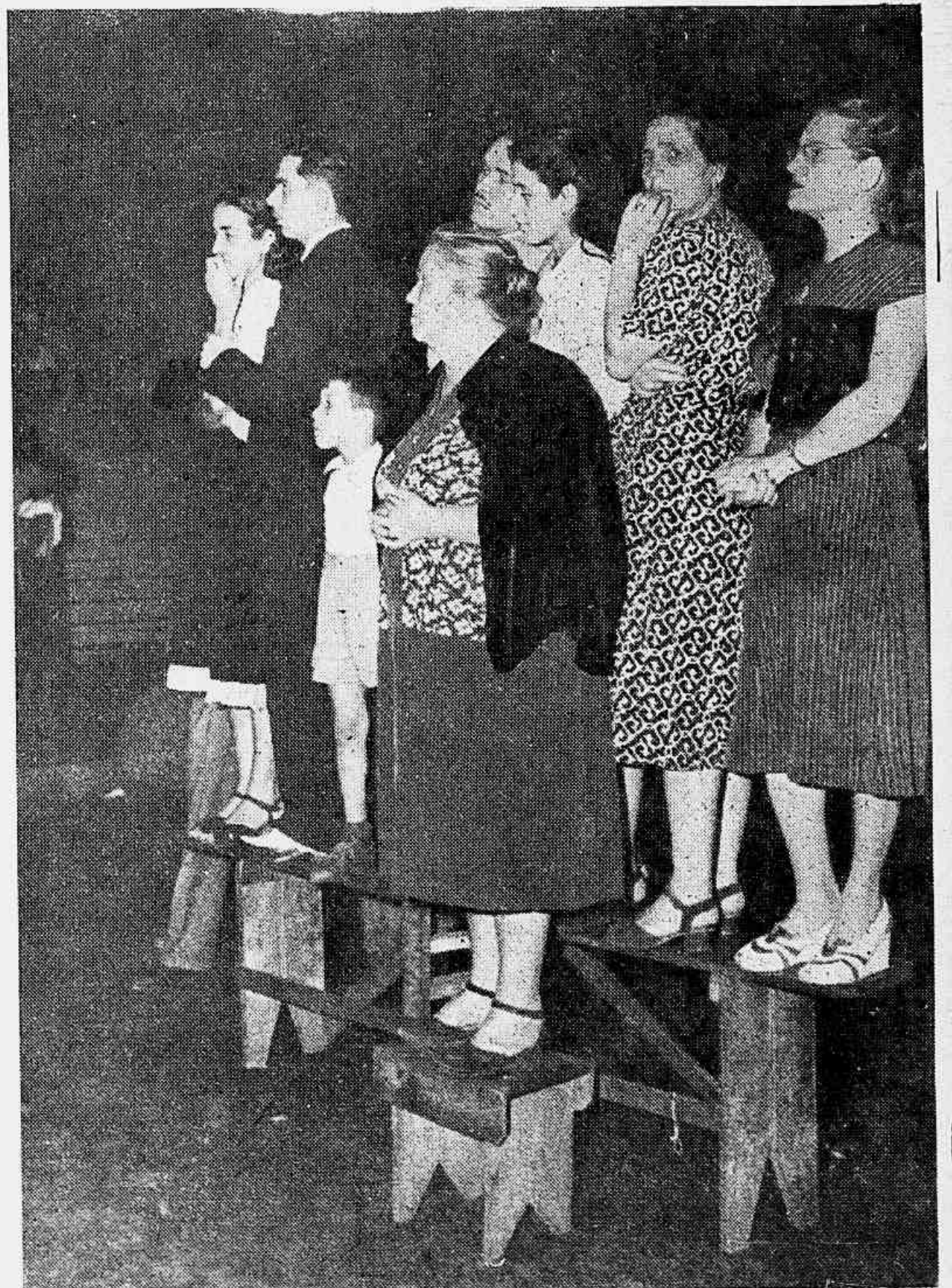
A idéia dessa representação foi devida à lembrança do universitário Cândido A. M. de Almeida. Os ensaios começaram a 28 de julho pp. realizando-se tanto na sede da própria União Nacional dos Estudantes, como no palco da Universidade Católica, e, por último, durante mais de um mês, no próprio local da representação, as escadarias do Ministério da Fazenda, às 20 horas.

Não se pode calcular as dificuldades com que lutaram os promotores da festa de Arte. Quase uma tragédia igual à de Hipólito. Este, na peça de Eurípedes, morreu num desastre provocado pelo monstro que lhe apareceu quando ia em seu carro puxado por velozes cavalos, os quais, assustados, arremecaram o veículo contra um rochedo matando o herói. O monstro contra os estudantes era o pessimismo, a indiferença de muitos, a má vontade de outros. Figuras dos coros moravam em pontos opostos da cidade: em Copacabana e na Tijuca... E eram mais de 30 moças que precisavam es-

(Continua na pág. 46)



Ao alto — Elementos do mais alto destaque da sociedade carioca vieram apreciar o acontecimento. Aqui vemos o desembargador Saboia Lima. Em baixo — O povo soube resolver certos problemas e se arrumou em arquibancadas de emergência, escolhendo bons locais



ÀS CINCO HORAS EM PONTO

Por **EDGAR DEMPSEY**



Tradução de **RENATO DE ALENCAR**

ERA uma tarde chuvosa e triste. O ar cinzento, intolerável, os pingos d'água a fazer aquêle barulhinho monótono e enervante das chuvinhas persistentes. Mrs. Dutton bem desejava dispôr de uma companhia naquele momento, com quem pudesse conversar um pouco. Ela estava ocupada a costurar um vestido para ir, com o esposo a um baile no próximo sábado.

A residência dos Duttons ficava por trás da estrada e um tanto distante da mesma, olhando sobre a baía de São Francisco. Nos dias claros a vista era magnífica, com as águas azuis do Pacífico estendidas como se fossem um mágico tapete. Mas, naquele dia tudo estava mudado. A chuva e a neblina ocultavam a paisagem, e a vista sobre a baía estava completamente anulada. O mau tempo ainda mais tornava solitária Mrs. Dutton, ocultando-lhes as casas vizinhas, estando a mais próxima, a dos Klinehammers, a uns oitenta metros da dela. Nem tôdas estavam, como a sua, entre belas árvores o que, ainda mais a separava da vizinhança.

Súbito percebeu ela certo ruído que lhes pareceu vir do lado de fora, e o seu coração pulso forte. Mas não pôde atinar por que motivo êsse barulhinho lhe assustou tanto o espírito. E' que, de ordinário, aquêle meio era muito calmo não se ouvindo qualquer ruído que perturbasse a vida dos habitantes. E lhe pareceu ainda que o barulho procedia do solo, como se alguém desse pancadas metálicas lá no andar térreo. Contudo, ela desprezou essa idéia, por parecer-lhe absurda. Ninguém teria qualquer negócio com aquela parte da casa, a não ser o carvoeiro, mas êste já estivera ali na semana passada. Depois de suspender sua costura e aplicar o ouvido, ela retomou o trabalho, embora não pudesse libertar-se da preocupação.

De súbito, outra pancada surda: **Bong!** Ela reteve a respiração. O ruído prosseguiu: **Bong! Bong!**

A senhora ficou estática, perplexa, imóvel. Aquilo era como um soar de relógio, um sino a bater horas. Três badaladas ela ouvira, absolutamente ritmadas. Então havia um relógio nessas condições em alguma parte da casa e ela ignorava? O maior cronômetro que possuíam, era um de mesa, mas não batia as horas. Mrs. Dutton estava nervosa coração a bater apressadamente. Não podia compreender o que acabava de ouvir. Não era possível! Estaria ficando maluca? Depois de uns segundos de indecisão, ergueu-se e pensou consigo mesma que aquilo bem poderia ser obra do marido, que trouxera, às ocultas, algum relógio e o escondera dela até que, tocando as horas provocasse sua curiosidade e ela o descobrisse. Já não era a primeira vez que procurava pregar-lhe peças. Da última vez, à noite, trouxera para casa um gatinho e o ocultara sob o fogão da cozinha, para fazer-lhe uma surpresa. E, ao amanhecer do dia seguinte, quando ela acordou, foi com aquêle estranho visitante a andar pela casa a miar. Portanto, só podia ser cousas do marido, aquêle relógio a dar horas misteriosamente. Êsse raciocínio a tranquilizou pois foi o que lhe pareceu mais lógico, no momento.

E começou ela a dar buscas. Nada encontrou no salão de estar. Por detrás das cortinas, junto ao pano, enfim, percorreu toda a casa, examinando tudo minuciosamente. Nada. Se houvesse um relógio misterioso. Mas de momento lhe veio à mente uma complicação: se, na verdade, Ben, seu marido, houvesse escondido o relógio à noite passada, ela já teria ouvido o soar das horas muito antes do que estava sucedendo. Êsse raciocínio a gelou. Se somente ouvira o bater de três pancadas, era porque o relógio fôra colocado há uma hora antes, no máximo, e nunca à noite anterior. Assustada, percorreu mais uma vez a casa e foi ao andar superior. Não encontrou nenhum relógio lá em cima. Des-

ceu novamente. A chuva havia passado um pouco. Fitou o ouvido. Não percebeu nenhum ruído de "tic-tac" de relógios.

Voltou ao quarto onde costurava e sentou-se por longo tempo sem poder fazer nada. Tomou da costura e compreendeu que algo de anormal estava para suceder e que ela não podia absolutamente prever o que seria.

Inesperadamente... outra vez: **Bong!**

Suas mãos tremeram e ela não pôde costurar mais.

Aquêle soar do relógio marcava meia-hora como sucede com relógios grandes, de parede, ou de salas de jantar. Já havia passado meia hora que ela percebera o primeiro sinal da existência dêsse incrível relógio a assustá-la em sua própria casa. Olhou o seu de mesa. Marcava exatamente, 3 horas e meia da tarde. Percebia agora que o ruído dessas horas pareciam provir de um aparelho oculto, abafado, como que escondido entre coisas que lhe quebravam o som puro de um soar de horas livremente.

Mrs. Dutton procurou reanimar-se e enfrentar a situação. Deu uma espécie de balanço no seu espírito e se interrogou o que poderia ter causado essa intranquilidade. Estava apenas com vinte e três anos. Casara-se com Ben Hutton, um empregado do Banco da Califórnia, quando tinha apenas vinte anos e, há três anos morava ali na colina, em Marin County, com vista sobre a baía. A princípio experimentara, durante o seu primeiro ano de casada, a maior solidão de sua vida, situação esta que se foi mudando com as relações que fizera com seus vizinhos, como sucedia agora. Nada acontecera em Marin County que lhe tornasse a vida desagradável.

Fazia, assim um retrospecto em sua vida de casada, quando voltou o relógio invisível a badalar: **Bong! Bong! Bong! Bong!**

Essas pancadas soaram como um punhal entrando-lhe no coração. Mas Mrs. Dutton já esperava por elas. Um relógio que bate três horas, depois três e meia, naturalmente terá que soar também às quatro horas. Era possível, pensou para se acalmar.

Julgando ter descoberto o segredo, sorriu, consolada. Ben teria ocultado o relógio na parede, lá para os lados da cozinha, metendo-o hábilmente num cano qualquer, forrando-o com panos. E pronto. Não pensaria mais nisso e ficaria surda ao soar dessas horas próximas. Não deveria esperá-lo com cara de preocupada, e sim louçã e formosa como sempre. Fingiria nada saber e esperaria ver o que êle faria. Se êle procurara pregar-lhe uma peça, o feitiço viraria contra o feitiçeiro, pois ela aparentaria absoluta ignorância. Quando o relógio soasse, ela fingiria também nada ter ouvido. Talvez êle julgasse que ela estava a sofrer das ouças; alar-mar-se-ia e lhe perguntaria se não estava ouvindo um relógio bater e então lhe responderia com calma que não. Ia ser gozado! E ela começou a pensar que aquilo não encerrava nenhum mistério ou ameaça, sendo o esposo o autor da pilhéria. Ansiosa, olhava para a estrada por onde vinha Ben, pois já estava quase na hora de sua volta para casa. Súbito o divulgou a subir a colina em direção ao lar. Mrs. Dutton sentiu uma espécie de alegria histórica, um consolo indescritível ao avistar o marido. Já não estava sózinha. Até chegava um pouco mais cedo. Felizmente.

Ao transpôr a soleira da porta, ela o recebeu a sorrir.

— Alô, querido — disse com afeto — chegou um pouquinho mais cedo hoje, não?

Ben tirou a capa, colocou o chapéu a um lado e beijou a mulher.

— Peguei um carro mais vazio. Normalmente o perco e tenho que esperar por outro — explicou êle.

Mal acabava de pronunciar estas palavras, quando o relógio anunciou: **Bong! Bong! Bong! Bong!**

A jovem esposa se controlou e fingiu nada ter escutado. Consiço mesmo pensou: "seria muito bom que, todos os dias, você pegasse êsse mesmo carro".

Ambos ficaram em silêncio.

— Que é isto? — perguntou êle à esposa.

Ela ergueu os olhos para êle:

— Isto o quê, querido?

— Êsse som, como o de um relógio a bater horas. Comprou algum?

— De que está você a falar? Que relógio? Êle insistiu.

— Não ouviu um relógio soar as horas?

Era tal a expressão de surpresa no olhar e no rosto do marido que ela ficou absolutamente convencida de que êle estava tão ignorante quanto ela nessa história do relógio misterioso em sua casa. Não fôra êle o autor da pilhéria como imaginara.

Em face disso, a jovem esposa começou a sentir medo. Com voz a denotar funda preocupação, quase pânico, esclareceu:

— Sim, eu também ouvi bater o relógio. Venho ouvindo êsse toque desde as três horas. Pensei que você o houvesse trazido às escondidas e o ocultado para fazer pilhéria como sucedera com o gatinho.

— Mas, — disse êle olhando em torno, — onde está o relógio?

— Ai está o lado estranho do caso. Não sei onde está êle. Já procurei por toda parte. O som parece vir da parede aí do lado.

Ben correu imediatamente para o local suposto e prestou atenção. Encostou o ouvido à parede.

— Tem razão — disse com voz meio sumida e a suspirar. Êle está na parede. Mas, quem seria n'êste mundo capaz de fazer uma coisa destas?

Depois de olhar em volta, saiu como quem vai para o lado de fora.

— Ben! — pediu a esposa. — Não vá! Já era tarde. Êle desceu pela escada até ao andar térreo. Penetrou pelo porão até mais ou menos onde estava a esposa.

Ela se dirigiu também para o lado de fora, mas, justamente nêsse instante uma explosão levantou o assoalho e um mundo de detritos de madeira, telhas vidros e outros fragmentos tumultuou o ambiente e a envolveu completamente. Com o choque, ela caiu e não mais viu nada.

Com o estampido toda a vizinhança se alarmou. Minutos depois todo mundo se



aproximava dos destroços daquela casa a passos largos ou a correr para prestar socorro. E viram que da casa dos Duttons só estava uma parte, tendo a outra ido pelos ares transformada em escombros. Com algum trabalho encontraram o corpo de Ben Dutton despedaçado, com um braço arrancado, irreconhecível. Sua mulher foi retirada de sob os destroços, ainda com vida. Depressa foi conduzida ao hospital, onde, durante três horas ficou inconsciente. Mas, a não serem contusões sem gravidade, não estava com qualquer ferimento sério que inspirasse cuidados.

Sómente no dia seguinte, tendo passado, o efeito do choque, recobrou ela toda a razão e clareza de espírito, e contou a história do relógio, suas suspeitas, a incêndia do marido, e sua temerária busca no porão da casa.

O "sheriff" McAllister e dois de seus auxiliares vieram até ao local da tragédia, onde estavam chegando detetives de São Francisco chamados pelo mesmo "sheriff".

Não tinham muita coisa a esperar sobre boa pista, pois que o engenho de crime não deixara muito material. Já estava provado que o autor da máquina infernal empregava dinamite, embora o processo ainda estivesse obscuro. Depois de buscas e pesquisas, os policiais encontraram um pedaço de madeira de pinho com a marca "Hercules Powder". Isto significava que, pelo menos, parte de uma caixa de dinamite havia sido usada, e o explosivo procedia da "Hercules Powder Company". Infelizmente não havia mais nenhum indício, ou qualquer outro ponto de partida. Tudo em vão. Uma circunstância intrigava os detetives. Qual o motivo por que o autor da desgraça dos Duttons escolhera um relógio que batesse horas? Se a máquina fora usada pelo fato de estar ligada à dinamite e regulada para as cinco horas, como admitir que o traçoeiro inimigo daquela família instalasse um relógio a dar horas, correndo o risco de ser descoberta a trama e, possivelmente seu autor? O mais lógico seria que usasse um relógio silencioso, ou, pelo menos, que não desse horas. Em dado momento o detetive Mulvaney encontrou sob os restos de uns tijolos, parte de um relógio esmagado, em cuja face se lia sua marca: "Seth Thomas Clock Company". Viam-se nessa parte dois orifícios: um, para a chave da corda, e o outro para o mecanismo das horas. Dando outras buscas pela vizinhança, acharam ainda os policiais o pêndulo, a corda, um ponteiro para horas e dois parafusos de bronze. Mais adiante estava pontegudo pedaço de pau como uma bengala, e, na mesma, duas entalhas ainda frescas parecendo peça de uma dessas armadilhas para pegar coelhos ou corderos.

O caso ainda estava longe de uma solução; entretanto, os técnicos da polícia pensavam que o sistema escolhido pelo criminoso fora o usado, por vezes, pelos mineiros quando têm de dinamitar rochas à distância. Armam um aparelho ligado a um cordão, e, o menor peso sobre ele, faz explodir a dinamite. Buscas seguintes descobriram uma peça de ferro quadrada pesando uma dezesseis libras, encaixada numa armação de madeira, de forma que, quando a peça estivesse perpendicular, o ferro caía com força. Isso fora o suficiente para fazer explodir o cartucho de dinamite, comunicando-se a outros, resultando disso aquela catástrofe.

Durante bastante tempo o detetive Mulvaney e o "sheriff" McAllister arquitetaram um plano tal como o que estavam imaginando ter sido executado pelo assassino. Com as peças descobertas e o auxílio de um cordão eles montaram o engenho infernal e incineraram como tinha o criminoso disposto o maquinismo. Ben Dutton, examinando o porão, chegara a ouvir o ruído do relógio. Descobridor, correu para ele, sendo colhido na armadilha.

Técnicos em explosivos julgaram que toda uma caixa de dinamite havia sido utilizada. O engenho fora colocado na parede mestra e sua ação se processou de dentro para fora, e não de baixo para cima. Se assim fosse, não teria restado um tijolo de todo o edifício.

Agora os técnicos estavam ocupados em analisar os traços deixados pelo relógio e pela dinamite. Em São Francisco os detetives deram início a pesquisas acerca do passado de Ben Dutton. Fora ele empregado do Banco da Califórnia por seis anos e adquiriu esplêndida reputação. Sua infância foi passada em Los Gatos, tendo frequentado escola em San José. Tanto

quanto era conhecido por todos, nunca teve inimigos. Mrs. Dutton, por sua vez, tivera excelente passado. Não havia ninguém que lhe desejasse a morte ou tivesse inveja ou ciúmes dela. Era uma linda mulher, com cabelos negros e brilhantes e olhos castanhos-escuros. Sua pele tinha a cor aproximada do leite, e suas faces eram coradas, o que lhe dava muita vida e vivacidade no semblante jovial. Era de porte elegante e alto, usando sempre roupas muito bonitas e que lhe ficavam muito bem. Em virtude de sua beleza os detetives consideraram que, a despeito da sua afirmativa de que o único homem de sua vida fora o esposo, era bem possível que ela estivesse ocultando uma outra pessoa.

Nos esforços para encontrar uma pista, os policiais visitaram várias casas vendedoras de relógios da cidade de São Francisco. Havia perto da rua do Mercado uma casa de "belchior" que vendia também relógios de segunda mão e, por sinal possuía em stock certo número de reló-

gios "Seth Thomas", o que muito interessou os investigadores.

George Cohen, seu proprietário informou que vendera recentemente alguns desses relógios, mas que lhe não era possível identificar aquele de que lhe traziam a parte da frente, bastante estragada. Além do mais esses relógios eram muito semelhantes, terminou. Entretanto, quando os detetives iam saindo, ele sugeriu:

— Esperem um momento. Conversem com minha mulher. Talvez tenha minha Sarah vendido algum outro relógio de que eu nada soubesse.

Sarah era uma velhota de volumosas cadeiras, com aspecto de que vivia cansada e aborrecida permanentemente. Afinal apareceu. Foi perguntando logo:

— Mas... o que desejam saber? O detetive Mulvaney explicou o que ocorrera com a casa do casal Dutton, a explosão, o relógio etc. Ela ouviu tudo com atenção, mas disse ainda não ter ouvido falar nada sobre o caso. O dete-

tive esclareceu que, como o criminoso se utilizara de um relógio para fazer explodir a dinamite, seria da maior utilidade que fosse identificado o engenho, se isso fosse possível, para o que recorria às casas do gênero.

Sarah tomou o pedaço de relógio amassado, examinou-o cuidadosamente e disse com enfado:

— Trazem-me um lixo desses e querem que me lembre!

Subitamente seus olhos se arregalaram e ela examinou o fragmento por todos os lados.

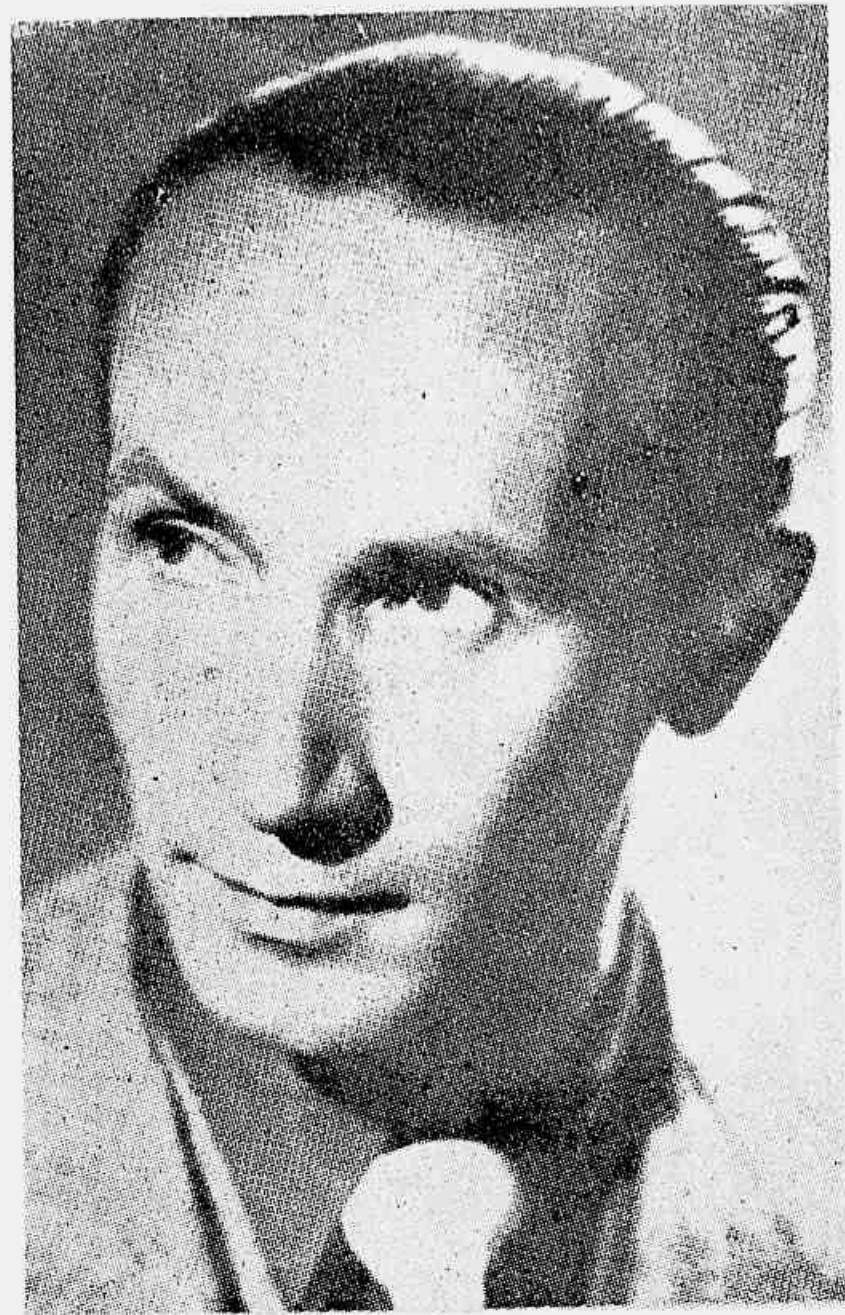
— Talvez... talvez que me lembre de algo. Vendi um relógio desses a um homem, faz uma semana.

Os investigadores se acercaram interessados.

— Era um bonito homem, alto e bem vestido. Tinha cabelos crespos. Um belo tipo de homem.

(Continua na página 46)





Da esquerda para a direita — Maria Sá Earp, uma Manon mesquiceável; Beniamino Gigli; Vaslav Velteck, coreógrafo

Resumindo, num balanço final, a temporada de 1948, podemos dizer que a Associação Brasileira de Concertos dominou um setor — a música de câmara; o Conjunto da União das Operárias de Jesus foi, no bailado, o que surgiu de mais importante; e a Orquestra Sinfônica Brasileira lutou, heroicamente, para reconquistar seu prestígio, abalado pela recente crise interna. Quanto à temporada lírica, registramos, com satisfação, a estréia de Mary Gazzí e a «rentrée» triunfal de Maria Sá Earp, além do êxito de Joaquim Villa, da passagem de Gigli e do «fenômeno» Di Stefano.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CONCERTOS

Recordando os recitais oferecidos pela Associação Brasileira de Concertos, é preciso destacar, logo, dois artistas que contribuíram para elevar o nível da temporada: o pianista Walter Giesecking e a cantora Kirsten Flagstad.

A nitidez da técnica, que deu à interpretação de obras de Mozart aquela pureza incomparável, a segurança e a impetuosidade com que traduziu, ao piano, a música de Beethoven e de Schuman, a mágica suavidade e o encanto com que fez ouvir Debussy, comandando recursos inesgotáveis de virtuoso aliados a fina sensibilidade, fiel ao estilo de cada obra, conquistaram, para Walter Giesecking, não somente os aplausos do público carioca como a admiração da crítica.

Uma voz como poucas, extensa, de um timbre aveludado, correndo, com facilidade, dos graves cheios aos agudos firmes, Kirsten Flagstad confirmou a fama de intérprete magnífica de Wagner, proclamada pela crítica européia e americana. Desde o porte, até a emissão da voz, segura em todos os registros, ela se adapta, perfeitamente, à grave imponência da música de Wagner.

Seríamos injustos se, reconhecendo que a ABC dominou o setor — música de câmara — não contemplássemos, entretanto, com registro condigno, a série de concertos — ciclo de Bach — interpretada por um grupo de professores dirigidos pelo maestro Constantinesco.

UNIÃO DAS OPERÁRIAS DE JESUS

O público carioca pôde, este ano, rever o conjunto da União das Operárias de Jesus. Trazendo algumas

MÚSICA

A TEMPORADA DE 1948

WAGNER, DA VOZ AO PORTE ★ WALTER GIESECKING, EM VÁRIOS ESTILOS ★ COREOGRAFIA E AS OPERÁRIAS DE JESUS ★ ORQUESTRA SINFÔNICA BRASILEIRA ★ MARY GAZZÍ, UMA REVELAÇÃO; MARIA SÁ EARP, UM TRIUNFO

De **ROBERTO LYRA FILHO**
(Especial para a "REVISTA DA SEMANA")

novidades, inspiradas coreografias de Velteck, o grupo de pequenos bailarinos obteve expressivos sucessos. Raramente se encontrará, na crítica, uma tão significativa unanimidade como nos louvores dispensados aos jovens artistas.

O Conjunto Coreográfico se destaca, sobretudo, pela soberba unidade e pela harmonia da composição dos bailados que interpreta. Cada bailarino traz a sua contribuição precisa, correta, sem que o brilho individual dos solistas ofusque a atuação equilibrada do conjunto.

Já se tem destacado a atuação de

Iellê, Orlanda, Teresinha e Amélia. Se, em Iellê, encontramos um temperamento sensível, em Orlanda predomina a encantadora virtuosidade, o brilho da técnica, a vivacidade. Sua criação, como a Boneca, foi um dos maiores sucessos. Já Teresinha encontra, nos momentos dramáticos, oportunidade para demonstrar os seus recursos. Amélia, por outro lado, revela uma pureza de estilo e uma elegância que a tornam merecedora de registro especial. Nilton, em Bidlo, nos Quadros de Uma Exposição, sobressai, especialmente, interpretando, com segurança, a co-

reografia vigorosa e máscula que Velteck lhe confiou. Seria injusto, porém, deixar passar, sem referência especial, o trabalho de Beatriz, de Neusa, que apareceu, encantadora, como a criadinha, na Rossiniana. Não podemos esquecer, também, Olga, Maria do Carmo e Hilda, que admiramos nos Quadros de uma Exposição, ou Clotilde, que se destacou na Rossiniana. Quero mencionar, também, Adelaide, além de Iêda e Miriam, que merecem louvores especiais pela sua intervenção na série de Dansas de Chopin. Não posso encerrar esse registro, entretanto, sem consignar a estréia de Néa, que conquistou, pela graça, pela simpatia, assim como pelo talento já revelado, um sucesso especial.

ORQUESTRA SINFÔNICA BRASILEIRA E TEMPORADA LÍRICA

A Orquestra Sinfônica Brasileira lutou, gallardamente, para reconquistar o prestígio junto ao público. Alguns programas novos, além da passagem de Eleazar de Carvalho despertaram interesse especial. O maestro patricio, que tem obtido tantos triunfos no estrangeiro, mostrou-se seguro vigoroso na batuta.

Devemos assinalar mais uma estréia auspiciosa. Trata-se da jovem cantora Mary Gazzí, voz aveludada e extensa de soprano, que surgiu, durante a temporada lírica. Também devemos mencionar a inesquecível criação de Maria Sá Earp, na Manon. Desde a parte dramática até a vocal, tudo, nela, revelava uma composição cuidadosa, um estudo aprofundado do papel. Tendo compreendido, perfeitamente, a psicologia da leviana Manon, Maria Sá Earp compôs, harmoniosamente, a sua interpretação, de uma finura, de uma precisão extraordinárias. Cantou e representou com graça e leveza, extraindo das possibilidades do personagem o máximo rendimento. A perseverança, o estudo, deram-lhe uma segurança invejável, polindo e aperfeiçoando as suas qualidades naturais.

E, por fim, além de uma referência a Gigli, sempre extraordinário, falemos sobre esse curioso cantor — Di Stefano, uma belíssima voz, não há dúvida, mas frequentemente mal utilizada e que, sem uma disciplina maior, será prematuramente gasta: cantor de altos e baixos, Di Stefano foi magnífico na Manon e detestável na Bohème. É preciso dizer mais?



Como acontece todos os anos, a professora Noêmia Navarro Coutinho de Moura, do Conservatório Nacional de Música, realizou, em dias de novembro próximo passado, no auditório do mesmo, uma audição de piano de suas alunas, todas elas muito aplaudidas. A primeira parte foi constituída pelo recital da menina Heloisa Bandeira que se destacou com brilho. Na fotografia acima, vê-se a sra. Coutinho de Moura entre suas alunas

BROADCAST



DIRCINHA BATISTA pretende atravessar o Atlântico para levar a efeito uma temporada em Portugal. Mas, enquanto não chega a hora, ela vai passeando pelos Estados e difundindo a música do morro, da qual é lidima representante

FIM DE ANO

CHEGAMOS ao término de mais uma jornada. Foram trezentos e sessenta e seis dias de atividade, intensa, em que o rádio procurou servir a causa pública, revelando novos valores, descobrindo talentos, criando programas, lançando atrações e batalhando pela "cultura dos que vivem em nossa terra e pelo progresso do Brasil". O que "assistimos" com os ouvidos no decorrer do ano que finda, bastou para confirmar a pujança da radiofonia nacional, já desligada de cretínices e absurdos. Evoluiu bastante o "broadcasting" brasileiro, chamando para si a atenção de cartazes internacionais, de escritores de renome e de elementos ligados a outras atividades artísticas.

O mil novecentos e quarenta e oito foi bom. As falhas que desta coluna apontamos, não chegaram a empanar o brilho das iniciativas levadas a efeito pelas nossas grandes emissoras. Principalmente no setor reportagem, em que as estações cariocas se avantajaram, levando seus microfones aos mais distantes recantos do país, a fim de colherem em vivo, fatos palpitantes da vida nacional. Algumas até chegaram a enviar seus redatores além Atlântico, com o fito da política de boa camaradagem. Tivemos reportagens sensacionais, destacando-se, entre outras, as realizadas pela Rádio Globo e pela Tupi. A PRE-8, por sua vez, levou a efeito trabalho de grande envergadura, atraindo para seu prefixo, a atenção de milhares de ouvintes.

No setor educativo-cultural, não menos significativo foi a atividade das emissoras do Rio. Auxiliando a Campanha Nacional de Alfabetização, colaborando na difusão de conhecimentos necessários ao preparo do povo, difundindo assuntos de importância na vida educativa do país, soube o "broadcasting" brasileiro corresponder à confiança que nele depositou o mestre Roquete Pinto, quando o classificou como "a escola dos que não têm escola". Assim, nesse fausto progressista, chegou até os domínios da televisão, dando à população oportunidade de travar conhecimento com uma das maiores descobertas do século.

Doze meses de trabalho profícuo e produtivo foi o que tivemos nos meandros da radiofonia. Pouquíssimo se fez de improdutivo. Mas esse, felizmente, passou despercebido do grande público. Dai, estar a família radiofônica de parabéns.

A. M.

RÁDIO-FLASHES

Aconteceu no rádio

Maria da Luz, apontada como a maior expressão da música portuguesa, é o novo cartaz internacional da PRE-8. Ela substituiu Pedro Vargas ao microfone da Nacional, estreando através do programa Cesar de Alencar. ★ Jimmy Lester, esposo de Carmélia Alves, é o mais recente contratado da Rádio Mayrink Veiga. Interpretador da música norte-americana, ele pertenceu à famosa orquestra Columbia, quando à frente da mesma se encontrava o maestro Gaó. ★ Aerton Perlingeiro desligou-se da Rádio Clube do Brasil, assumindo compromisso com a veterana Tamoi. Perde, desse modo, a PRA-3 um de seus mais eficientes colaboradores. ★ Décio Luiz, recém-emigrado da PRE-8 para a PRE-3, parece inclinado a ingressar na Tupi. O conhecido locutor já entrou em entendimentos com a direção da Globo, a fim de conseguir o beneplácito da mesma. ★ Informaram-nos que Ciro Monteiro e Odete Amaral mostram-se arrependidos com o desligamento do "cast" mayrinkiano, onde trabalharam durante muitos anos. ★ Araci da Costa e Myriam da Silva foram as vitoriosas do concurso instituído pelo radialista Renato Murce através do programa "Papel Carbono". Além do contrato com a Nacional, as duas novas cantoras tomarão parte no "show" do Copacabana e trabalharão na Atlântida.

Osvaldo Diniz Magalhães viajou

O criador da rádio-ginástica no "broadcasting" brasileiro, aproveitando a passa-



EMILINHA BORBA, a favorita da Mariinha, está no páreo carnavalesco. Coubelhe apresentar "Chiquita Banana", número bem recebido pelo público ouvinte. Agora, esperamos que a música chegue até o tríduo de Momo com o mesmo sucesso, a fim de que a exclusiva da PRE-8 leve a melhor entre seus companheiros de profissão

gem do quarto aniversário da instituição da "Rêde da Saúde", formada pela PRE-3, pela Rádio Cultura de São Paulo e pela PRA-2, ondas curtas, esteve em visita à família de rádio-ginastas da paulicéia, fazendo-se acompanhar do pianista Jorge Paiva.

O professor Osvaldo Diniz Magalhães, conforme era esperado, foi alvo de significativas manifestações de apreço, inclusive por parte da imprensa brasileira que, de modo expressivo, ressaltou o trabalho que ele empreende a favor do desenvolvimento físico de nossa raça.

Recordando papéis

Quem acompanhou o desenrolar da novela "Em Busca da Felicidade", não pode esquecer o papel vivido por Yara Sales. Foi ela a criadora de Carlota de Moraes, vítima de um destino cruel e caprichoso. Nesse trabalho, a esposa de Heber de Bóscoli amou profundamente um homem e deu-lhe uma filha, sem saber que esse homem era o engenheiro Alfredo Medina, vivido por Rodolpho Mayer.

Nessa mesma história seriada, que inaugurou os programas do gênero da Rádio Nacional, Isis de Oliveira interpretou Alice Medina que, outra não era, senão a filha de Carlota de Moraes e Alfredo Medina. Diz-se do trabalho de Isis de Oliveira

é desnecessário, porquanto todos conhecem seu talento artístico.

No momento, Yara Sales não mais pertence ao "cast" da PRE-8. E' ela a fogueira do "Trem da Alegria", ora circulando na onda da PRE-3. Quanto a Isis de Oliveira, permanece firme na Nacional apesar do seu anunciado ingresso na PRA-9.

Sabia que...

...no decorrer de uma polémica travada por Almirante a respeito da autoria de "Luar do Sertão", o exclusivo da Tupi afirmou caber-lhe a ideia de ter sugerido à Rádio Nacional a adoção da melodia "Luar do Sertão", como característica musical dessa emissora?

...Francisco Alves, tão logo concluiu o curso primário, viu-se por força das circunstâncias, trabalhando numa fábrica de chapéus, emprego que trocou pelo de "chauffeur"?

...Dircinha Batista, levada pela sua vocação artística, não bem terminara o curso no Colégio Sion, já se via estrelando o "cast" da Rádio Educadora Paulista, na qualidade de intérprete de nossas melodias populares?

...Sagror de Scuvero, uma das mais ativas "rádio-woman" de nosso "broadcasting", iniciou suas atividades radiofônicas no Rio, através da PRA-3, apresentando uma Liga Juvenil de Futebol, programa que não chegou a se firmar?

O cinema recorre a Luís Tito

Depois do retumbante sucesso alcançado no palco, Luís Tito volta a aparecer nas telas de nossos principais cinemas, incarnando a figura de um traficante de mulheres. Foi Ricardo Fredda, diretor da película "Um Caçula do Barulho", quem o reuniu a Giana Maria Canale. E, diante de seu trabalho nessa produção, ele vem de ser contratado para fazer o indio Poti, no filme a ser rodado brevemente.

Também o teatro continua contando com o concurso desse apreciável astro. Recentemente tivemos-lo na peça "Trevas Ardentes", de Paulo Gregor, levada à cena no Teatro Municipal, em benefício da ASA. Quanto ao rádio, Luís Tito permanece afastado, em virtude dos sérios compromissos assumidos com o cinema nacional.

Duas novidades radiofônicas

★ Wahita Brasil voltou à atividade. A simpática "estrela" do elenco Tupi, após regular período de afastamento, em virtude de enfermidade, já está abrilhando diversos programas da PRG-3.

★ Cordélia Ferreira anuncia para o dia 8 de janeiro, o enlace matrimonial de seu filho Leopoldo com a srta. Cirene, filha do coronel Pedro Saint-Clair de Freitas. A solenidade, a realizar-se na Igreja do Sagrado Coração de Jesus, contará com a presença de todo o mundo radiofônico, tão ligado à Cordélia Ferreira, que no momento se encontra integrando o elenco da PRE-8.



ISAUERINHA GARCIA continua absorvendo a atenção dos sintonizadores da Rádio Nacional. A intérprete do "Sorriso do Paulinho", nessa temporada, está atuando melhor, razão do interesse que vem despertando entre os aficionados de nossas melodias populares

VIDAS MAL TRAÇADAS (Valsa)

Música de Dante Santoro, letra de Scylla Gusmão. — Gravado por Francisco Alves.

Sim, eu sei porque fugi dos braços [teus
E não quis te escravizar à minha [sorte,
Ninguém sabe, além de Deus.
Que o meu destino ingrato
Me negou o direito de te adorar.
Tens tudo que eu não pude te [ofertar
Tens riqueza e mocidade, eu bem [sei,
Mas não tens no coração,
Menor recordação dos beijos que te [dei...

Odeias sem saber
Que por te querer.
Os sonhos meus
Crucifiquei
E nunca te direi.
Se o arrependimento
Feriu meu coração.
Dois anos se passaram
De tristeza e dor
E sem queixumes eu sofri
Sinto saudades de um amor
Que tive nas minhas mãos
E, perdi...

NEAR YOU

Thor's just one place for me, Near [You
It's like heaven to be, Near You
Times when we're apart
I can't face my heart
Say you'll never stray
More than two lips away
If my life could be spent, Near You
I'd be more than content, Near You
So make my life worth while
By telling me that I'll
Spend the rest of my days, Near [You...

ADEUS AMÉRICA (Samba)

De Aroldo Barbosa e Geraldo Jacques.

Não posso mais
Que saudades do Brasil
Ai que vontade que eu tenho de [voltar
Adeus América esta terra é muito [boa

Mas não posso ficar porque
O samba mandou me chamar.

Eu digo ao Boogie Woogie
Ao Boogie Woogie e ao swing tam- [bém
Chega de hots, fox-trots e pinotes
Que isso não me convém
Eu vou voltar p'ra cuica
Bater na barrica
Tocar tamborim
Chega de lights e all rights
E de fights good nights
Que isso não está mais p'ra mim
Não!...

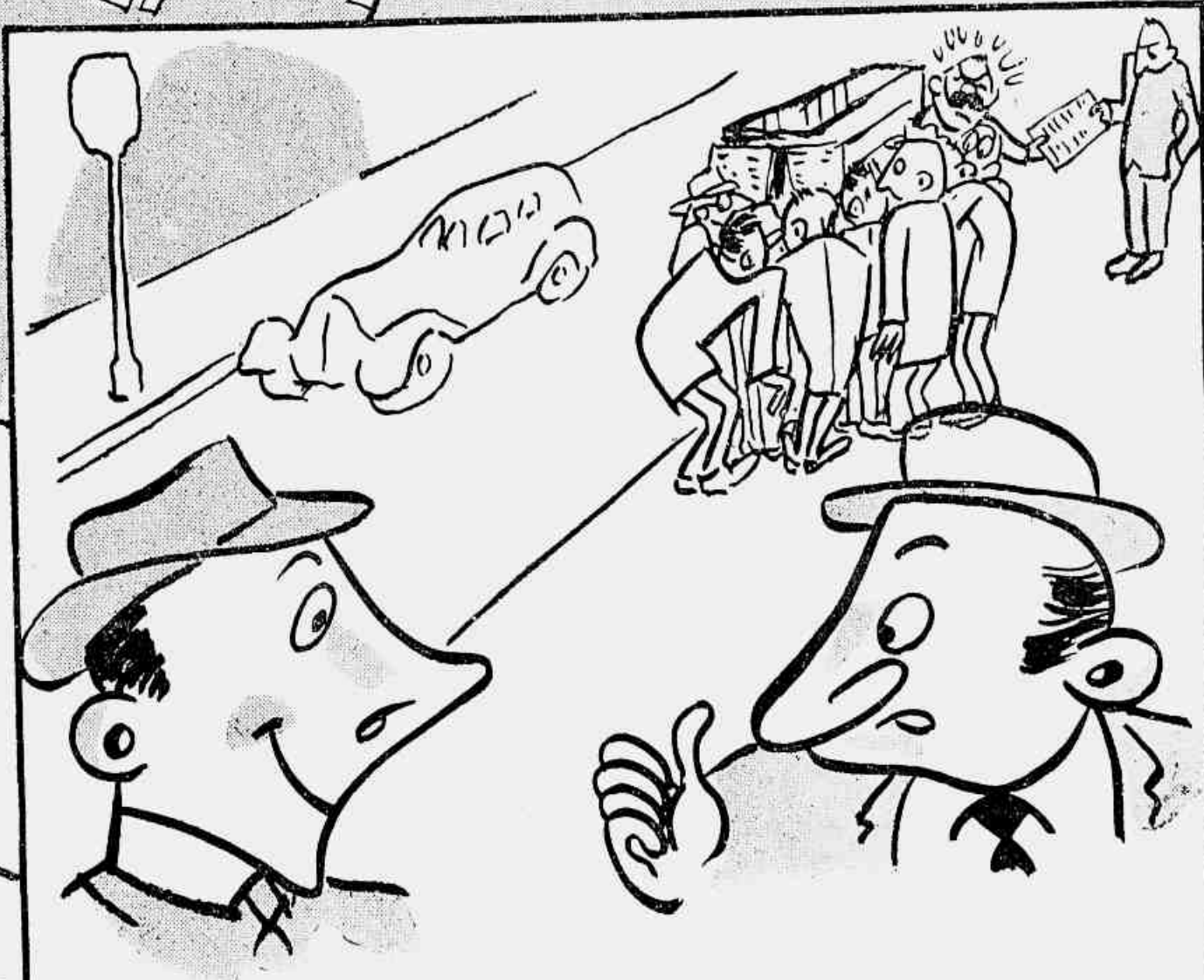
Hey Baba Re Bop
Hey Baba Re Bop
Eu quero um samba feito só p'rá [mim.

Aumentos!

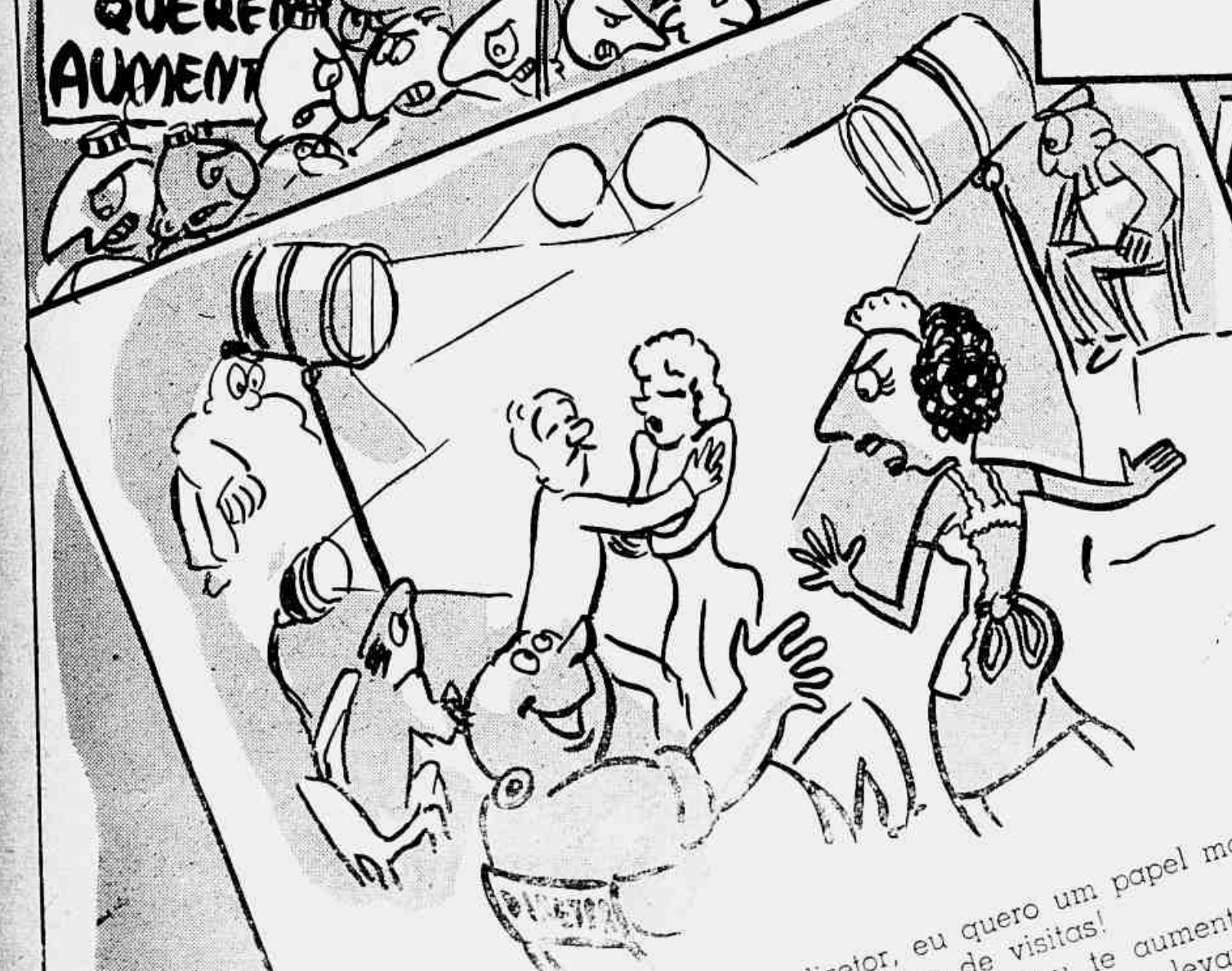
RATHEL



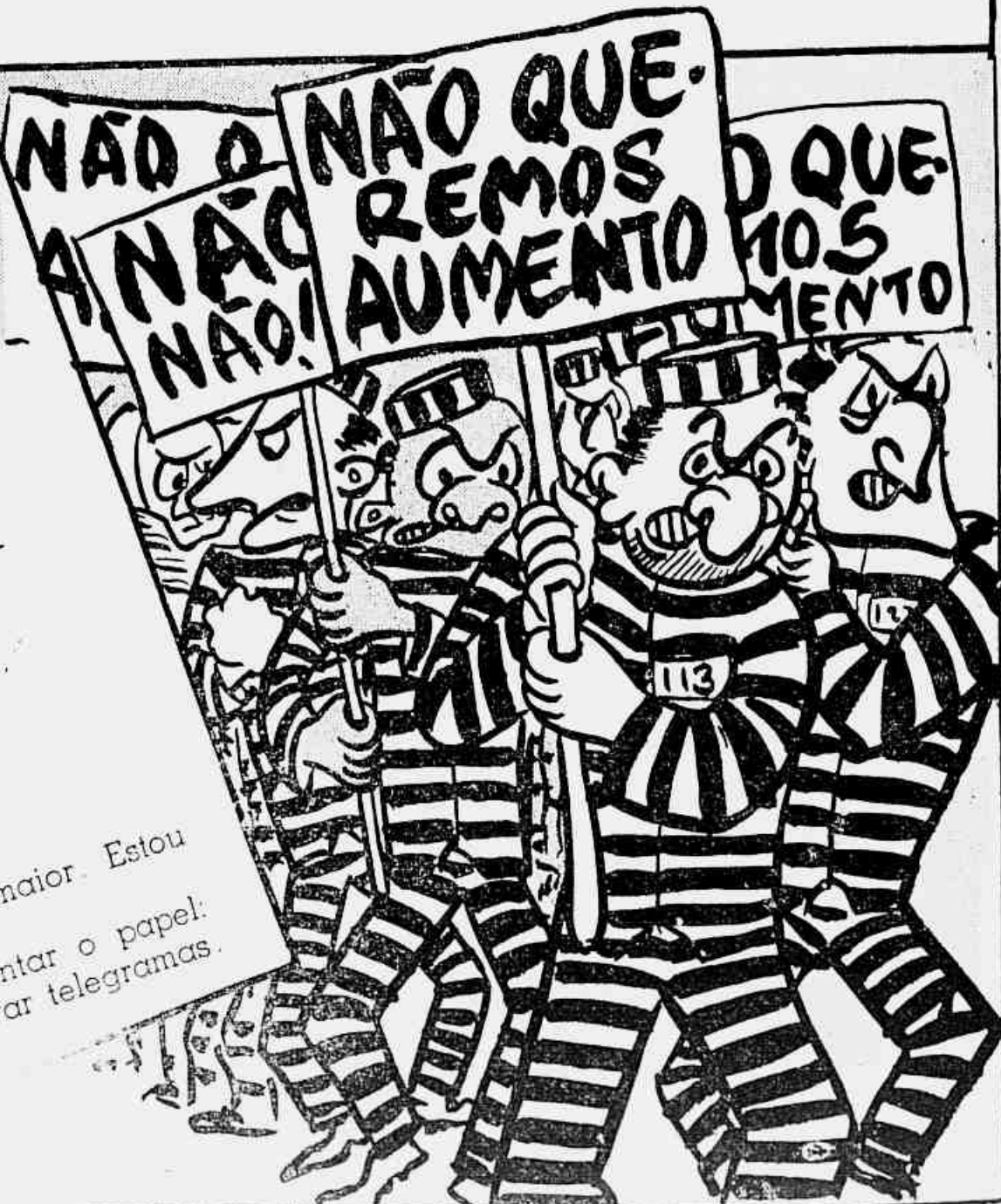
— Qual o aumento mais absurdo que já houve até agora?
— Ora! O do café... filho.



— Que aglomeração é aquela ali?
— Então não sabes? É que, com o aumento do preço dos jornais, aumentou consideravelmente o número de "casquinhas de bancas".



— Senhor diretor, eu quero um papel maior. Estou farta de levar cartões de visitas!
— Muito bem, menina; vou te aumentar o papel: de agora em diante passarás a levar telegramas.





Voz Bastidores Femininos

Vestido de noite, preto com listras brilhantes e fôscas. "Movimento" atrás. Sugestão de Charmiene, da RKO

COMO a maioria das pessoas que se casam, você esperava também, quando se casou, há sete anos passados, que a felicidade fôsse eterna. Para você, como para os que ainda não casaram, o casamento seria o prolongamento desse sonho delicioso em que você vivia quando ainda namorava o seu atual espôso. Você não acreditava que o "romance" desaparecesse, nem que outros interesses viessem impedir que vocês se dedicassem inteiramente um ao outro. E agora, depois de sete anos, você confessa que fracassou. No primeiro ano, diz você, a preocupação da nova casa e das novas responsabilidades, tirou um pouco do tempo que tínhamos para nos dedicar um ao outro. Eram problemas de toda a espécie, com despesas, empregadas, ambientação etc.... Vocês se sentiam felizes, continua você, mas sem aquele ardor que você esperava... No segundo ano veio um filho. Foram-se as reuniões sociais e os adoráveis "tête-à-tête". A criança os absorveu inteiramente. O terceiro ano foi ainda mais difícil. Pequenos luxos foram abandonados e você não pôde esconder o seu ressentimento. Mas veio o quarto ano e tudo melhorou. O marido foi aumentado, foram feitas algumas compras, você adquiriu prática na direção da casa e a criança já não tomava tanto o seu tempo. Eis que no quinto ano surge um novo bebê. Novo desequilíbrio nas finanças, novos apertos e menos liberdade para atividades sociais. Agora também o marido trabalha mais e você está cada vez mais absorvida pelas crianças. O sexto ano, foi ainda um pouco duro.

Muitos casais conhecidos se saparam, mas vocês continuaram firmes apesar de tudo. Agora, finalmente, as coisas correm de maneira mais suave. As finanças melhoraram, as crianças estão mais crescidas e dão menos trabalho. Porém, você sente que muito pouco resta das suas esperanças e dos seus sonhos de moça. Tudo isso, no entanto, foi substituído por uma amizade sólida, uma base firme, adquiridos através de alguns anos de experiência, cooperação e compreensão. É verdade que você tem perdido festas e reuniões; é verdade que não pôde continuar visitando as suas amigas, mas é verdade também que você encontrou dentro da sua casa novos prazeres e novas alegrias. Estou certa de que se você tivesse que viver novamente todos estes anos para chegar ao que chegou, você os viveria. O seu casamento pode não ser aquilo que você esperava, mas está muito longe de ser um fracasso. Muitos outros casais devem ter tido essas mesmas experiências. Se encarassem o fato com um pouco mais de realismo, se se convencessem de que assim como as pessoas não são totalmente imperfeitas, o casamento também não o pode ser, não encontraria tantos motivos para se lamentarem. Desde que duas pessoas se gostem profundamente, desde que confiem em si próprias e no futuro, desde que estejam determinadas a não fracassar, então poderão olhar para o futuro com tranquilidade, esperando uma felicidade que a maturidade e a experiência trarão.

Conto de **ANTON CHEKOV**
Ilustração de **A. MOURA**



— Se se olham as coisas sob o ponto de vista da gente vulgar, — disse Sasha, — este objeto altamente artístico se lhe apresentará sob outra luz. Porém, senhor doutor, eleva-se acima do vulgar, pois com sua negativa nos afligirá profundamente, a minha mãe e a mim. Eu sou o único filho de minha mãe, o senhor me salvou a vida. Nós lhe oferecemos nosso objeto mais venerado, só sinto que não tenhamos o par.

— Muito obrigado, meu amigo, estou muito grato. Cumprimento sua mãe de minha parte. Porém... julguem vocês mesmos: meus meninos brincam por aqui, as senhoras vêm cá... Contudo, seja como for, deixo-o, já que não há maneira de convencê-lo.

— Pois é isto mesmo — replicou Sasha alegremente. — Ponha-o o senhor aqui, junto deste jarro. E' uma pena que não tenhamos o par. Bem: adeus, senhor doutor!

Depois de Sasha ter saído, o médico ficou longo tempo contemplando o candelabro. Cocava a cabeça atrás da orelha e meditava.

— O objeto é precioso, isto é indiscutível, — disse ele. — e me faz pena jogá-lo fora. Porém deixá-lo em casa é impossível.

Hein? A quem poderia dá-lo de presente? Eis aqui o problema.

Depois de larga meditação veio-lhe à memória um de seus bons amigos, o advogado Ujov, a quem devia dinheiro por certos trabalhos acerca de seus negócios.

— Perfeitamente — resolveu-se o doutor. A ele, como amigo, ser-lhe-ia violento cobrar-me e virá muito a propósito este pequeno presente. Mandar-lhe-ei esta feitiçaria. Além disso, é solteiro e bem leviano.

Sem esperar mais tempo, o doutor vestiu-se, apanhou o candelabro e marchou para a casa de Ujov.

— Bons dias, amigo! — disse, encontrando o advogado em casa. — Venho ver-te. Venho gratificar-te pelos teus trabalhos. Já que não queres aceitar dinheiro, aqui tens uma lembrança minha, meu amigo.

Ao ver o objeto, o advogado ficou presa de um entusiasmo indescrevível.

— Que peça! — exclamou, rindo de satisfação. — Ah! camarada, nem o próprio diabo inventaria coisa melhor! Maravilhoso! Admirável! Onde encontraste esta preciosidade?

Depois de ter mostrado seu entusiasmo, o advogado lançou um olhar recoso para a porta e disse:

— Porém, meu amigo, leve este presente. Não posso aceitá-lo.

— Por que? — perguntou o médico, assustado. — Pois aqui vêm às vezes minha mãe, vêm clientes e tenho cuidado também por causa dos criados.

— Não, não, não deves recusá-lo — replicou o doutor movendo os braços. — Seria uma ingratidão de tua parte. O objeto é muito artístico. Quanto movimento! Quanta expressão! Não me digas isto. Seria uma ofensa para mim.

— Se ao menos estivesse velado com folhas de parreira! Porém o médico, agitando as mãos com veemência, saiu disparado da casa de Ujov e, contente de se ter desfeito do presente, marchou para casa.

Depois de ter ele saído, o advogado ficou mirando o candelabro minuciosamente e, do mesmo modo que o médico, durante longo tempo deu tratos à imaginação, pensando o que faria com ele.

— O objeto é belíssimo — pensava — e me dá pena pô-lo fora, porém por outra parte não seria decente guardá-lo em casa. O melhor que tenho a fazer é dá-lo a alguém. Já descobri: vou oferecê-lo esta noite a Shaskin, o ator. A esse patife agradam estas coisas e além disso hoje é o dia de seu benefício.

Dito e feito. À noite, cuidadosamente enrolado, o candelabro foi oferecido ao ator Shaskin.

Durante toda a noite o camarim do ator foi tomado de assalto pelos homens que iam deleitar-se, contemplando o presente; e houve um continuo cochilar de admiração entrecortado por alguns risos, que mais pareciam relinchos.

Quando alguma das artistas se aproximava da porta perguntando "Pode-se entrar?", respondia imediatamente a voz rouca do ator, que dizia:

— Não, não, pequena. Ainda não estou vestido. Terminado o espetáculo, o cômico, encolhendo os ombros e balançando os braços, refletia:

— Sim, senhor! Onde meterei eu esta pornografia? Moro numa casa particular, frequentada por artistas. Não é o mesmo que uma fotografia, que se pode facilmente esconder na gaveta.

— Não se incomode, venda-o — aconselhou o cabeleireiro. — Aqui mesmo, no bairro, mora uma velha que compra bronze antigo. Vá lá e pergunte pela senhora Smirnova. Todo mundo a conhece.

O cômico assim fez.

Dias depois, o doutor Koshelnikov estava sentado em seu gabinete e com o dedo na fronte pensava nos ácidos biliosos. De repente, abriu-se a porta e entrou voando pelo gabinete Sasha Smirnov.

O rapaz sorria, brilhando de alegria, toda sua figura exalava uma felicidade suprema.

Nas mãos tinha alguma coisa enrolada num jornal.

— Senhor doutor! — começou a dizer, arquejante. — Imagine o senhor minha alegria! Por sorte sua, conseguimos adquirir a parreira do seu candelabro. Mamãe está satisfeitiíssima. Eu sou seu filho único e como o senhor salvou minha vida...

E Sasha, tremendo de emoção e de gratidão, colocou diante do doutor o famoso candelabro. O médico abriu a boca para dizer algo, porém não conseguiu proferir uma só palavra. Tinha-se-lhe paralisado a língua.

LEVANDO debaixo do braço um objeto volumoso, embrulhado no número 223 da "Gazeta da Bolsa", Sasha Smirnov entrou com uma cara avinagrada no gabinete do doutor Koshelnikov.

— Olá, rapaz! — exclamou o médico ao recebê-lo. — Que há? Como está? Que me conta de bom?

Sasha baixou os olhos e, pondo a mão no coração, disse com voz emocionada:

— Cumprimento-o, Ivan Nicolaievich, de parte de minha mãe, que manda expressar-lhe seu agradecimento. Sou seu único filho e o senhor... me salvou a vida... curou-me duma doença perigosa... não sabemos como agradecer-lhe...

— Eia, chega de cumprimentos! — interrompeu o médico, rebentando de satisfação. — Não fiz mais do que teria feito qualquer outro no meu lugar.

— Sou filho único de minha mãe. Somos pobres e é claro que não podemos recompensar-lhe o trabalho... nos sentimos muito envergonhados, doutor; entretanto, minha mãe e eu lhe pedimos encarecidamente que se digne aceitar, em prova do nosso reconhecimento, este presente que é um objeto muito valioso, de bronze antigo, uma verdadeira obra de arte.

— Não era preciso! — disse o doutor, franzindo o cenho. — E diga-me, para que é isto?

— O senhor se digne aceitá-lo — continuou Sasha, enquanto desembulhava o pacote. — Recusando-o, o senhor ofenderia a minha mãe e a mim. E' um objeto muito bonito de bronze antigo. Foi meu defunto pai que o deixou para nós, e nós o conservamos como uma reliquia. Meu pai comprava toda espécie de bronzes antigos e os vendia aos colecionadores. Agora mamãe e eu nos ocupamos do mesmo ofício.

Sasha desenrolou o objeto e o pôs solenemente em cima da mesa.

Era um candelabro de pequeno tamanho, de bronze antigo e de um belo trabalho artístico. Representava um grupo; sobre um pedestal achavam-se duas figuras femininas, vestidas com os trajes de Eva, colocadas em determinadas posições, para cuja descrição não possui a audácia nem o temperamento. As figuras sorriam de um modo bem atrevido, e em conjunto davam a idéia de que, se não fosse terem a obrigação de sustentar o candelabro, teriam descido de um salto do alto do pedestal e organizado no próprio aposento uma cena tão libertina que só em pensar nisso o pudor dos meus leitores ficaria ofendido.

O médico examinou um pouco o presente, coçou devagar atrás da orelha, tossiu e assoou, desconcertado, o nariz.

— Sim, o objeto é verdadeiramente precioso, — murmurou por fim, — no entanto... não sei como dizer... é muito pouco... isto é... O diabo sabe lá o que é isto!

— E por que o senhor pensa assim?

— Nem a própria serpente tentadora teria sido capaz de inventar nada mais pecaminoso. Pôr em cima da mesa esse grupo, significaria violar a correção desta casa!

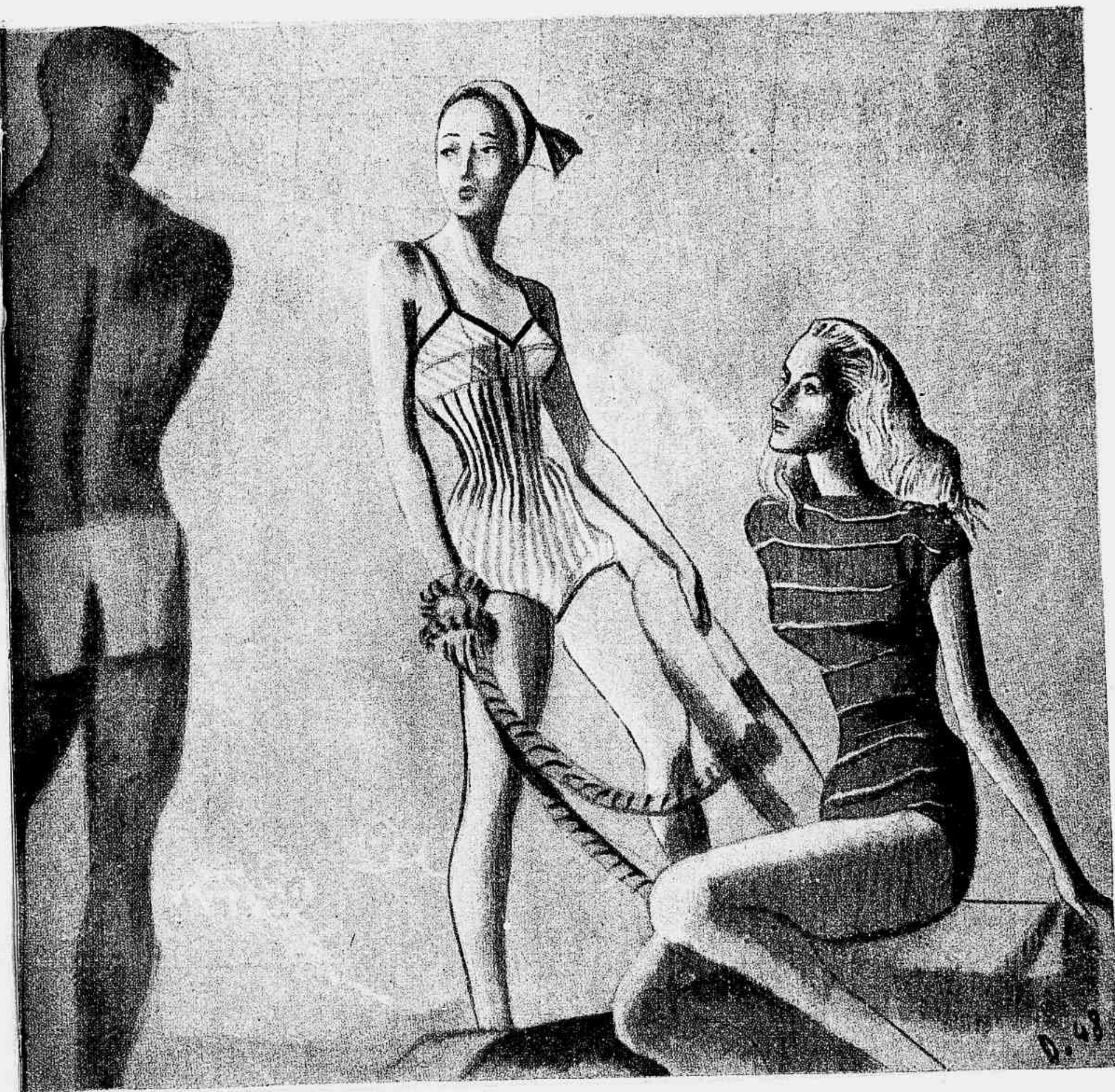
— Que estranho modo de considerar a arte tem o senhor! — replicou Sasha, contrariado. — E' um objeto de arte, preste atenção! Tem uma beleza, um encanto, capaz de encher a alma de sentimentos sublimes e de arrancar lágrimas aos olhos. Contemplando-o nos esquecemos de tudo o que é terrestre que nos rodeia. Que movimento, que leveza, quanta expressão!

— Tudo isso o compreendo perfeitamente, meu amigo,

— interrompeu o médico, — porém sou pai de família; por aqui costumam brincar meus filhinhos, aqui vêm senhoras

Prima

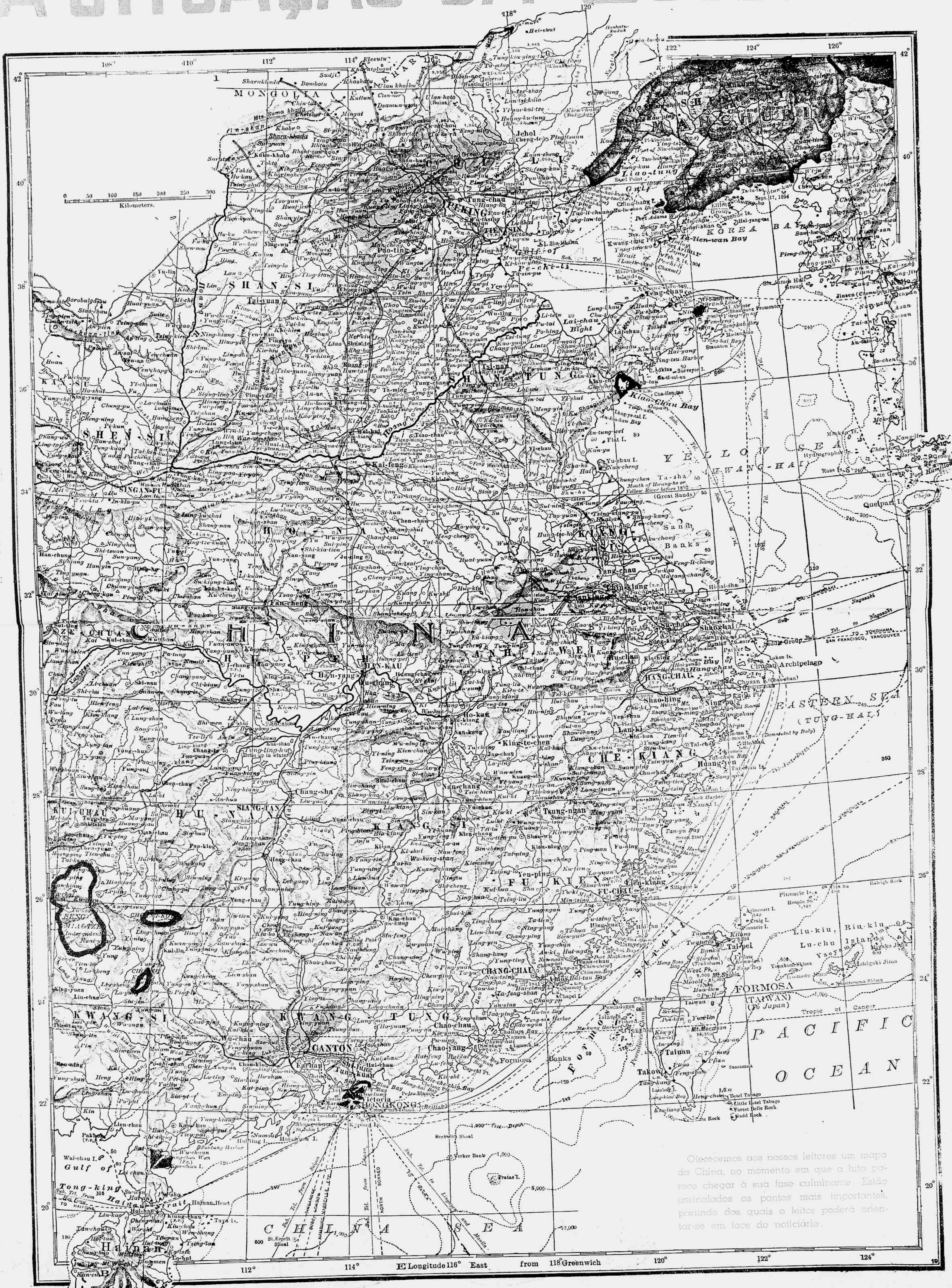
29



★

NOTÁVEIS são os modelos que aqui apresentamos para a sua elegância na praia. Em cima temos dois originais "peça-única", em malha de lã listrada, o primeiro em amarelo-mustarda e preto, listras verticais. O segundo em azul-pavão com listras vermelhas e brancas em sentido horizontal. Nos modelos a traço temos interessantes sugestões que você habilmente poderá executar sem muito trabalho.

A SITUAÇÃO DA CHINA



O oferecemos aos nossos leitores um mapa da China, no momento em que a luta parece chegar à sua fase culminante. Estão assinalados os pontos mais importantes, partindo dos quais o leitor poderá orientar-se em face do noticiário.



DEPOIS DAS CINCO

S O para as "toilettes" mais "habillées", para reuniões elegantes ou para os teatros, é que os costureiros franceses insistem nas saias a vinte e vinte-e-cinco centímetros do chão. Os modelos aqui apresentados reúnem os nomes dos mais famosos entre eles, como Jacques Griffe, Jeanne Lafaurie e Marcelle Dormoy. Apresentamos também um sugestivo e elegante chapéu, que completará com muita originalidade o seu elegante traje. É um modelo em feltro preto com faixas de cetim cinza-pérola e amarelo-canário.

MODELOS DE HOLLYWOOD

AQUI estão as mais recentes e originais criações de Hollywood para você. A direita — Para uma festinha íntima, Barbara Bel Geddes, da RKO, sugere um vestido de tafetá preto com frente em organdi branco. Faixa vermelha, drapeada. Laço de veludo na gola. Em baixo — Lucille Ball, também da RKO, apresenta um gracioso "tailleur" em "shantung" azul claro. Bolsos fingidos com abas. Finalmente, à direita — Com um "short" de linho amarelo, esta graciosa "estrelinha" da RKO usa um blusão de linhas vagas, em "shantung" verde claro.





Conto de MOYSES DUEK Ilust. de LUIS CANABRAVA

alguma graça, que mesmo, Arlete e Dulcina sem mais, saíram de lá.

Eu então que juntei um prêmio de loteria. Assim, Maria acabou aderindo-me para me felicitar. Quando nos despedim e, sem saber porque, perguntei-lhe se poderia voltar no dia seguinte, ela foi que reatamos o namoro até que certa noite eu lhe disse:

— Maria, lembreste que rompemos tudo?

Ela disse:

— Foi há muito tempo...

— Pois é! Rompemos de então para cá, mas, ainda apenas amigos.

Foi um silêncio que tentei romper sem sucesso, até que Maria disse:

— Não é verdade! Tens dito que me amas... com umas beifandume...

— Isto é o de menos, Maria! Bem sabes que não nos amamos.

E ela protestou:

— Bem sabes que te amo...

Quando a cabeça e disse:

Maria, mas bem deves lembrar para que não tenha mais uma despedida dolorosa...

— Não me amas, é isto?

Respondi afirmativamente.

Neste momento, passou por nós, Olga, a vizinha do 43, com o seu namorado.

Boa noite,

Maria não respondeu.

Ninguém de nós falava coisa nenhuma. O único ruído na Travessa das Laranjeiras era o dos passos de Olga e seu namorado.

Maria me disse:

— Está bem, pode ir.

Permaneci no mesmo lugar, sem jeito de fazer nada, de dizer nada. Maria sentiu-se dona da situação e insistiu cruelmente:

— Que estás esperando? Podes ir...

A confusão tomou conta de mim; ocorreu-me pedir:

— Dá meus respeitos aos teus pais.

— Obrigada.

E eu:

— Gosto muito deles...

Maria ficou calada. Eu disse ainda:

— Diz a eles que a firma mandou-me para fora.

Eu não sentia mais vontade de partir. Perguntei:

— Tua mãe melhorou da inchação das pernas?

— Obrigada. Foi hoje ao médico. Agora fará aplicações de luz.

Gostei da resposta completa e disse-lhe:

— É muito bom! Lembra-te da tia Júlia?

Maria fez expressão de quem está pensando. Continuei:

— Não te lembras que te falei de minha tia Júlia? Ela também tem inchação nas pernas e melhorou muito com banhos de luz!

— Mãe está procurando um lugar onde tomar as suas aplicações.

— Maria, vou perguntar a tia e te digo amanhã!

— Está bem.

Mas logo reconsideramos. Haveria o **amanhã** outra vez para nós, juntos? Maria baixou os olhos. Eu sentia que o olhar dela me enforcava.

E sem levantar os olhos, ela perguntou:

— Amanhã?

Procurer suas mãos e disse mansamente:

— Se quiseres ainda.

Ela retirou as mãos das minhas. Apenas levantou os olhos para mim e seu olhar era de quem tem medo de crer...

— Mara, estou me sentindo feliz. Graças a Deus ainda não me atastei de ti desde "aquilo". Mas... Mas... se puderes perdoar, já não digo esquecer, ao menos perdoar...

Maria continuava com medo de se alegrar pois quis saber antes:

E depois:

Animadmei apertei seus braços com minhas mãos firmes e disse:

Depois? O casamento! Já podemos... Estou rico, ganhei na loteria podemos nos casar! Diz, Maria, diz que sim...

Maria ainda disse:

— Há pouco quiseis acabar com tudo... E porque não me amas...

EU já dissera a Maria duas vezes que não queria me casar com ela.

A primeira vez foi muito fácil para mim. Voltávamos de nosso pequeno passeio pelas ruas próximas à sua casa. Seriam quase dez horas de uma noite sem lua, na Travessa das Laranjeiras. Maria segurou meu braço e encostou o rosto no meu. Tentei afastar sua face da minha. Maria roçou os seus lábios em minha boca e beijamo-nos. Depois, com naturalidade, tirou o lenço do pequeno bolso externo de meu paletó e tirou o "baton" de meus lábios. Eu lhe perguntei com frieza:

Você já beijou muitos homens, não?

Ela disse:

— Não gosto de tua maneira de perguntar. E várias vezes já te disse que antes de ti só beijei o Afonso.

Apeguei-me a isto e lhe disse:

— Pois, Maria, acho que deves voltar ao Afonso.

Maria afastou-se um pouco e me disse:

— Estás me ofendendo. Bem sabes que Afonso está casado há dois anos!

Abandonei a idéia de Afonso e disse com espantosa calma:

— Quero te dizer com franqueza, Maria, que não te amo, que não quero me casar contigo.

Maria estava em pé, bem em frente a mim. Olhava-me

nos olhos, com um olhar frio, fixo, sem expressão. Toda ela estava imóvel. Eu, com meus dedos firmes, comeci a ajeitar a sua gola de renda. Depois ela me perguntou:

— Está tudo acabado?

E eu respondi:

— Está tudo acabado.

A vizinha do 43, amiga de Maria, passou por nós com o namorado. Cumprimentou-a:

— Boa noite, Maria!

— Boa noite, Olga.

Depois voltou-se para mim e perguntou:

— Queres mesmo acabar?

E a minha resposta foi:

— Quero.

— Demos as boas noites e Maria entrou em sua casa. Fiquei no portão vendo-a entrar pela alameda sombria de seu jardim até desaparecer.

Depois vim andando pela Travessa das Laranjeiras e tomei a rua do Cardeal. Eu tinha as mãos apertadas dentro dos bolsos, contendo a minha satisfação e pensava comigo: "Como foi fácil! Graças a Deus".

Mas em meus lábios ainda sentia o gosto do beijo de Maria.

Passei três meses sem vê-la, sem pensar nela. Neste

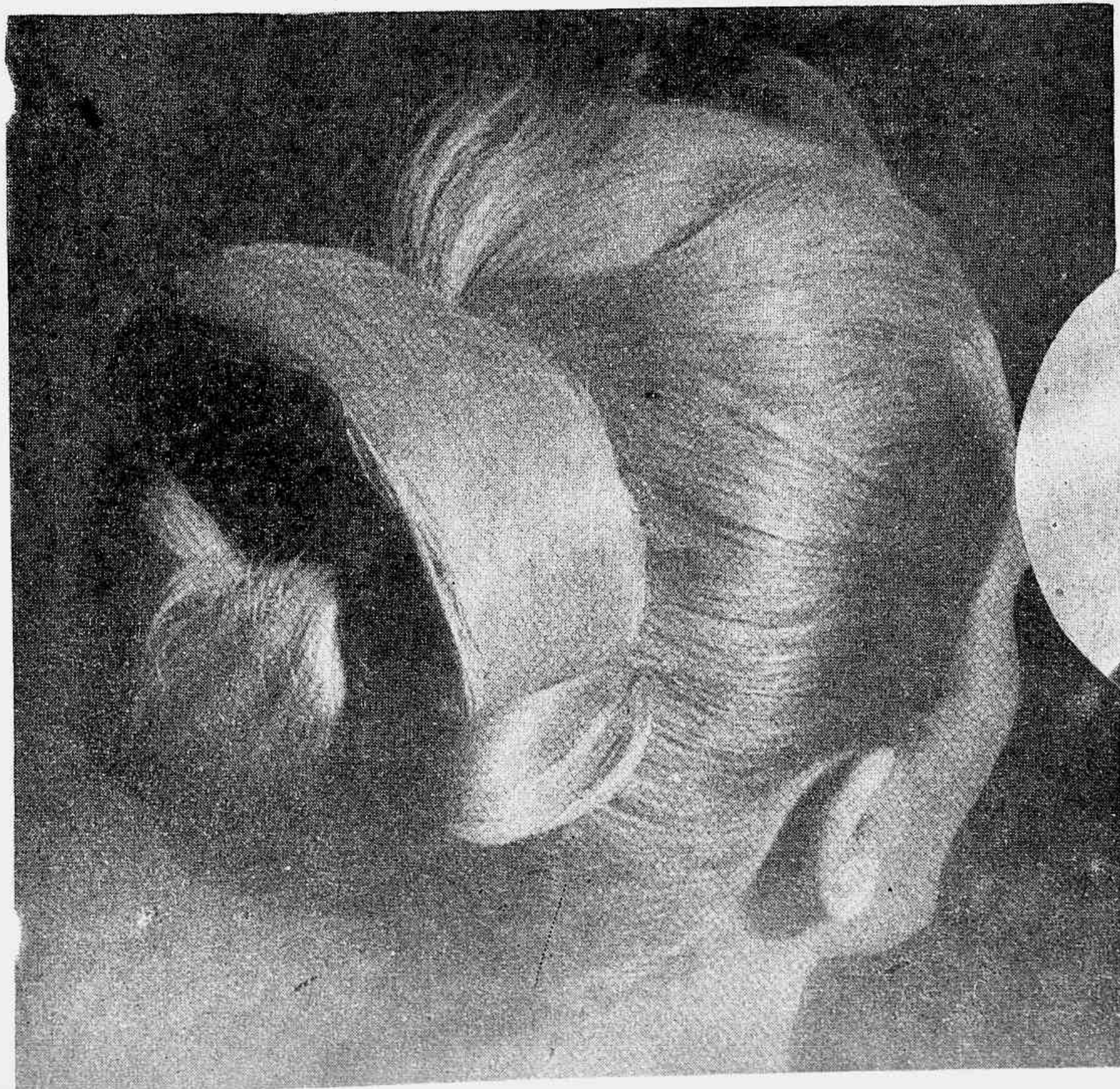
Fogo na Casa

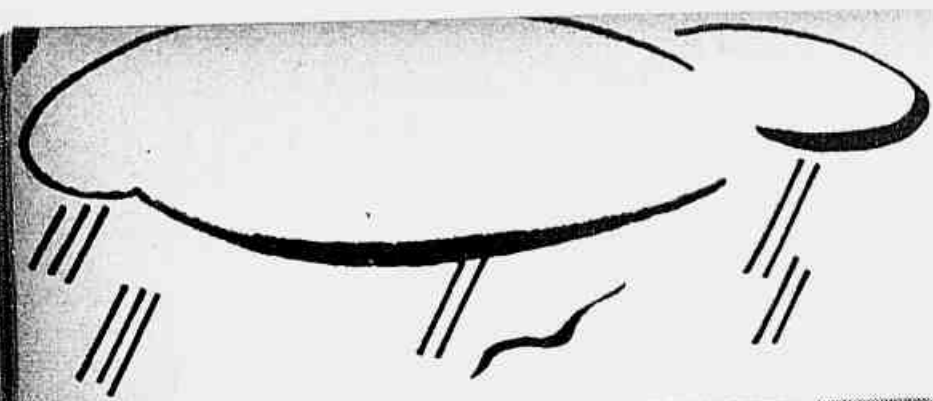


Penteados

As cabeleiras soltas vão desaparecer neste verão. Realmente, com o nosso clima, elas só contribuem para aumentar o calor e o mal-estar. Os cabelos serão curtos, cortados muito curtos,

alguns formando "V" atrás, ou então quem os tenha longos terá que usá-los para cima ou para trás, conforme as diversas sugestões aqui apresentadas. Naturalmente que as mais jovens deverão optar pelos cabelos curtos...

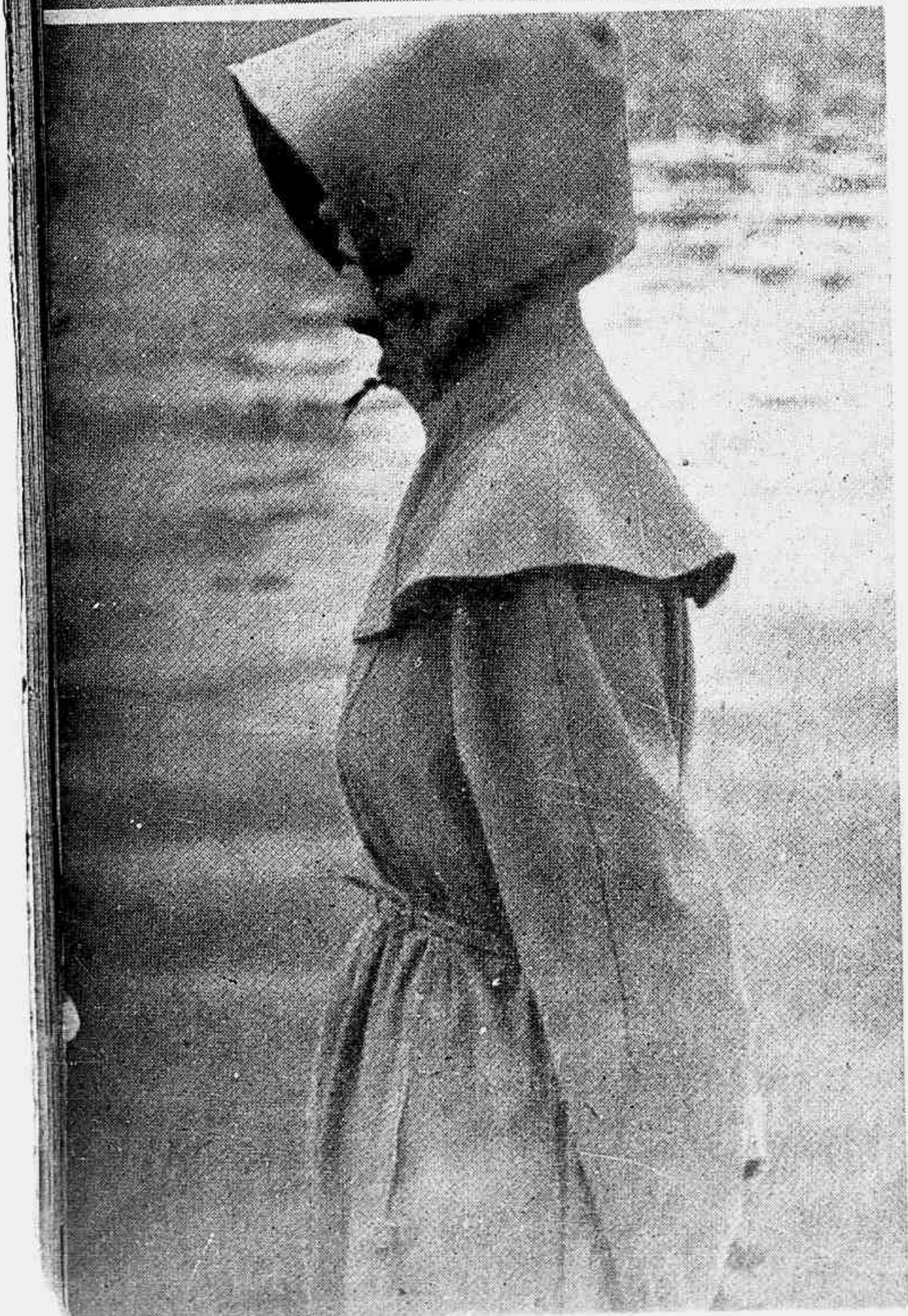
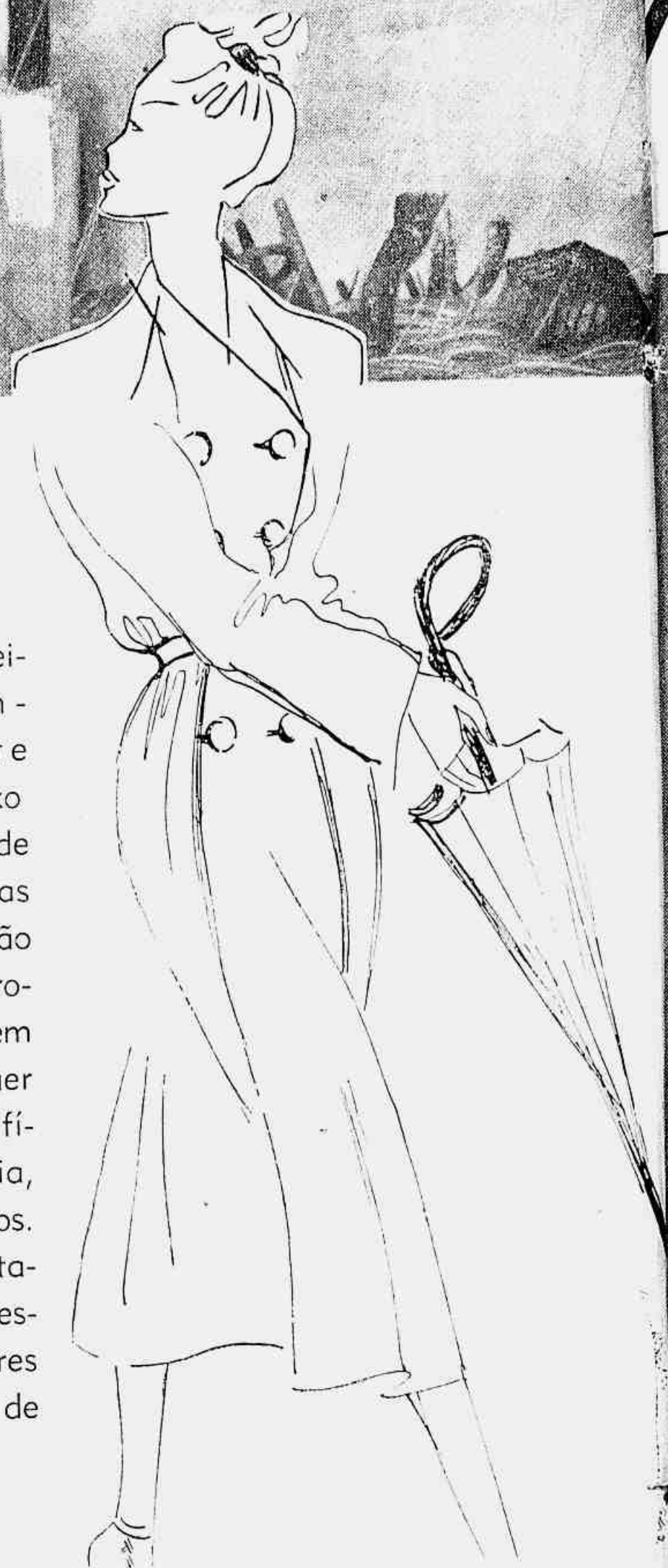




A

mulher verdadeiramente elegante, é elegante até... debaixo

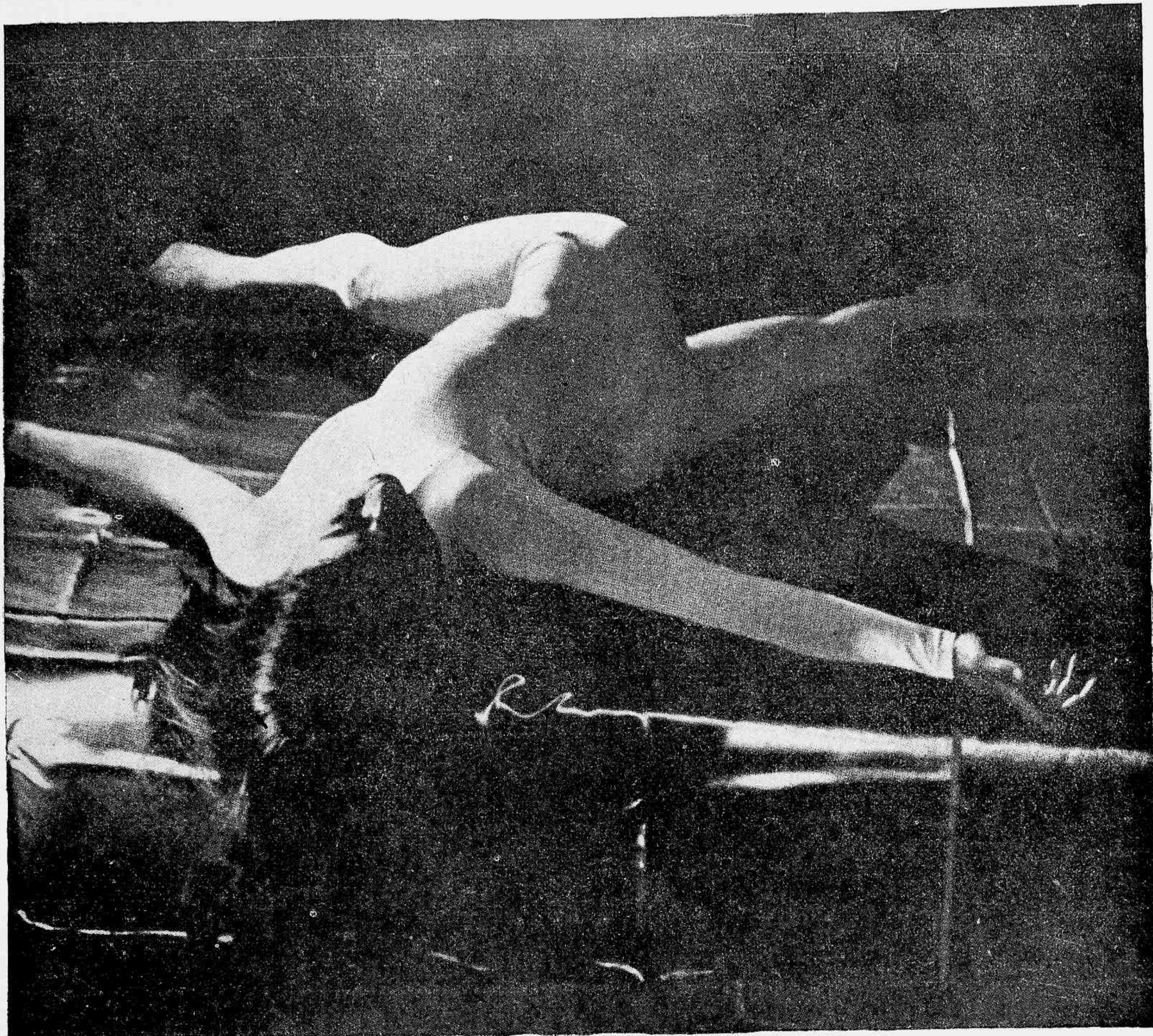
d'água... O velho sistema de usar apenas cousas antiquadas e inúteis nos dias de chuva não prevalece para aquelas que procuram manter a "classe" em qualquer tempo e em qualquer clima. E, afinal, não é tão difícil assim manter essa elegância, como aliás, aqui ilustramos. Nestas duas páginas apresentamos algumas elegantes sugestões, note-se nas fotos menores os estilos originais dos cabos de guarda-chuva.



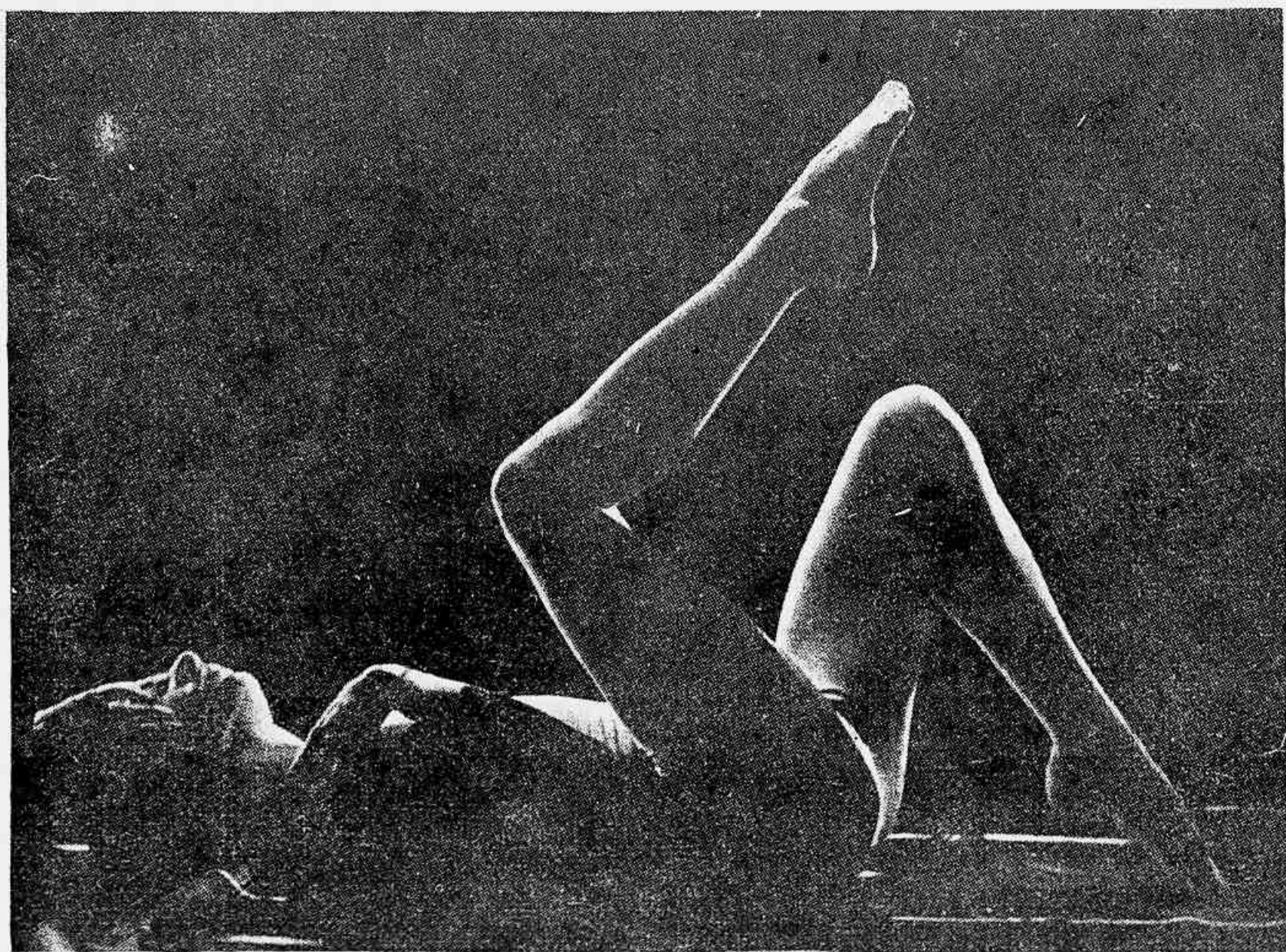
DIAS DE

Chuva





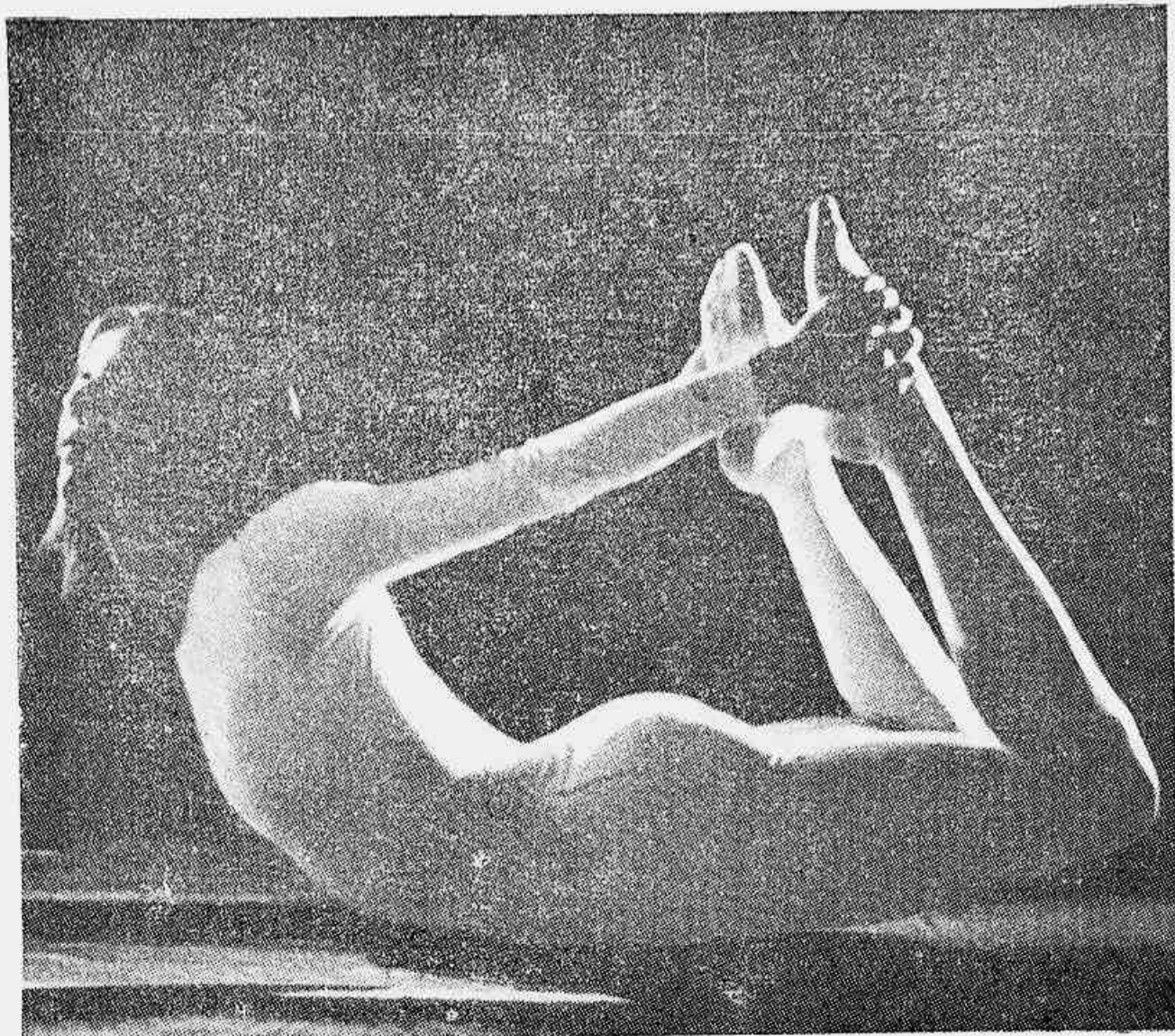
PARA ADELGAÇAR O TALHE — Estendida de costas, os braços em cruz. Mantendo os ombros retos, movimentar a perna direita, atirando-a para a frente da esquerda. Voltar a posição inicial e fazer o mesmo exercício com a perna esquerda



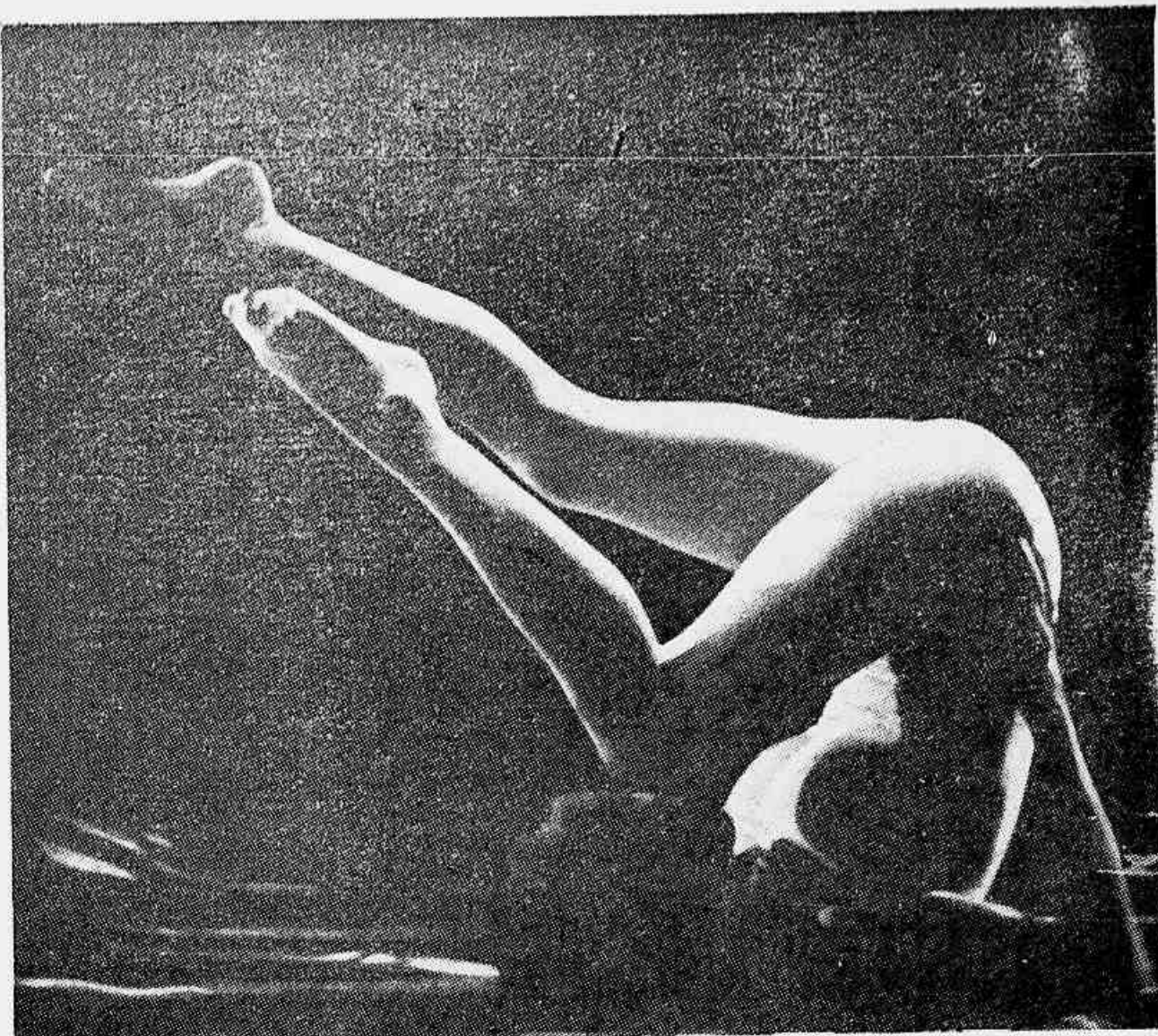
PARA AFINAR OS QUADRIS — Estendida sobre as costas, fazer com as pernas o movimento de "pedalar". Manter o ventre o mais retraído possível

PARA MANTER A PERFEIÇÃO DAS *Linhas*

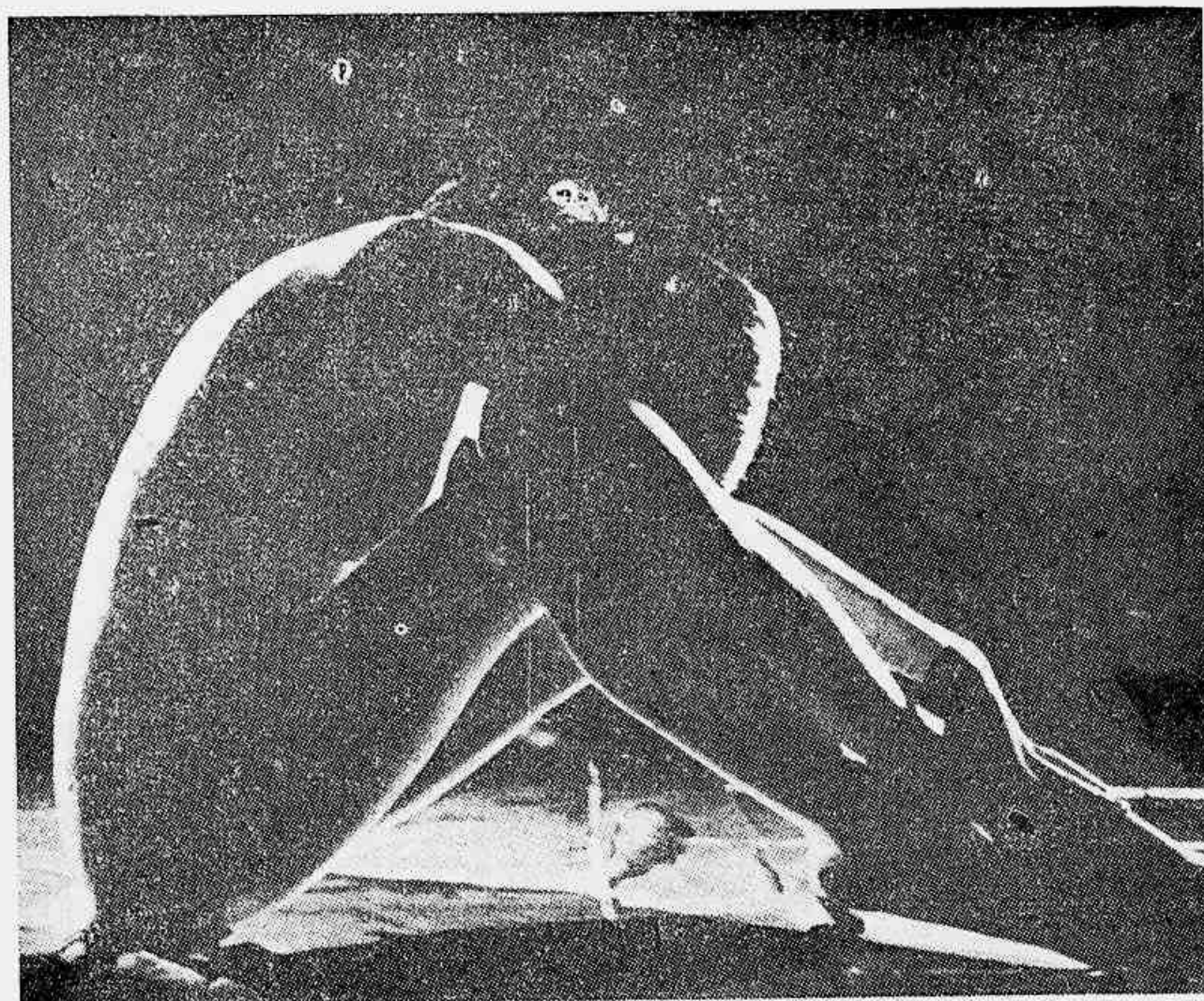
Para aquelas que não praticam a ginástica porque se cansam facilmente, oferecemos alguns exercícios que podem ser praticados pela manhã, quando ainda estão deitadas em seus leitos. Pratique esses exercícios e verá que em breve suas formas melhorarão, sua plástica será mais perfeita e também sua saúde lucrará muito:



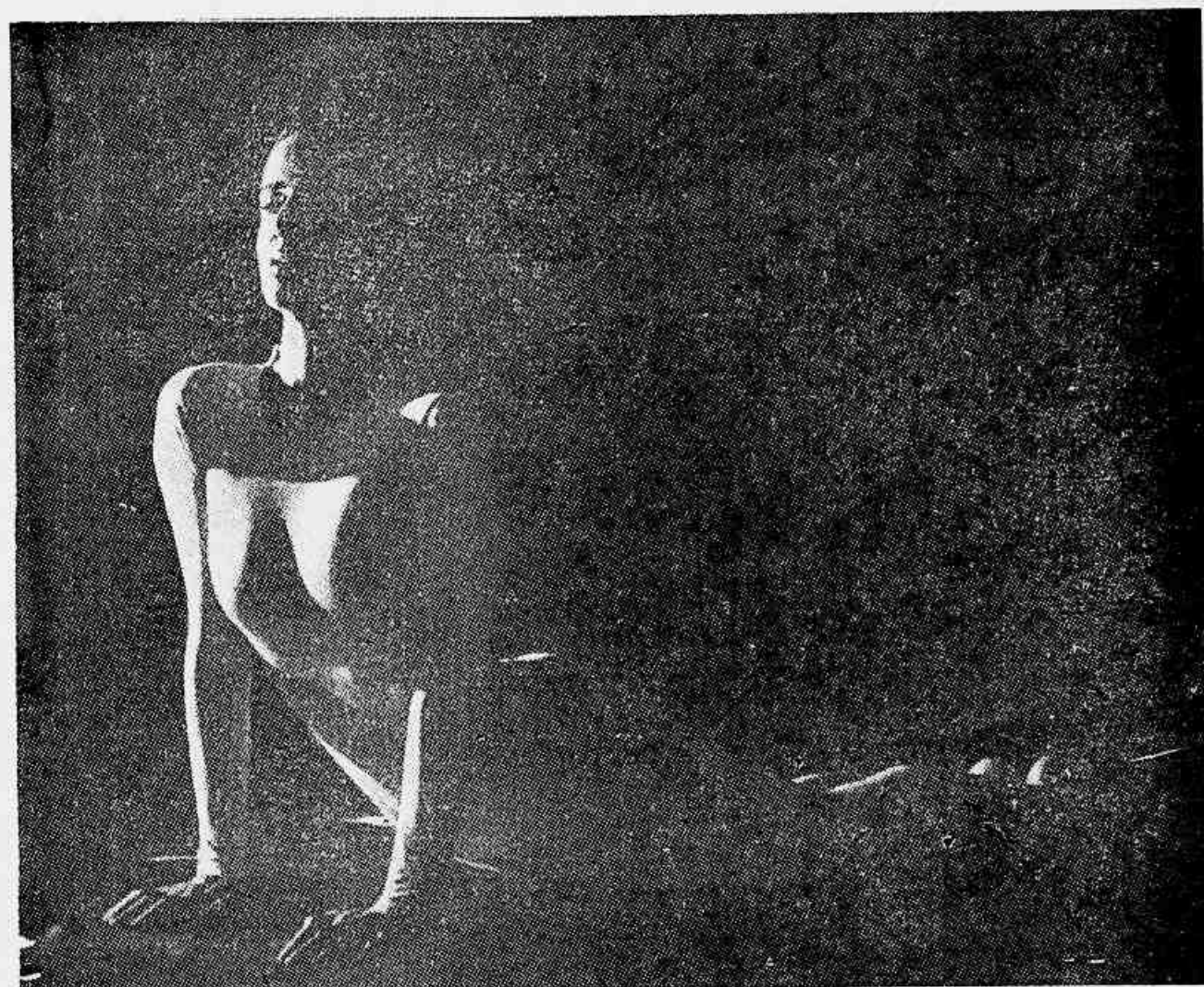
PARA AS COSTAS — Deitada com o ventre reto, levantar as pernas e o busto, mantendo a cabeça ereta. Os braços para trás deverão atingir os pés



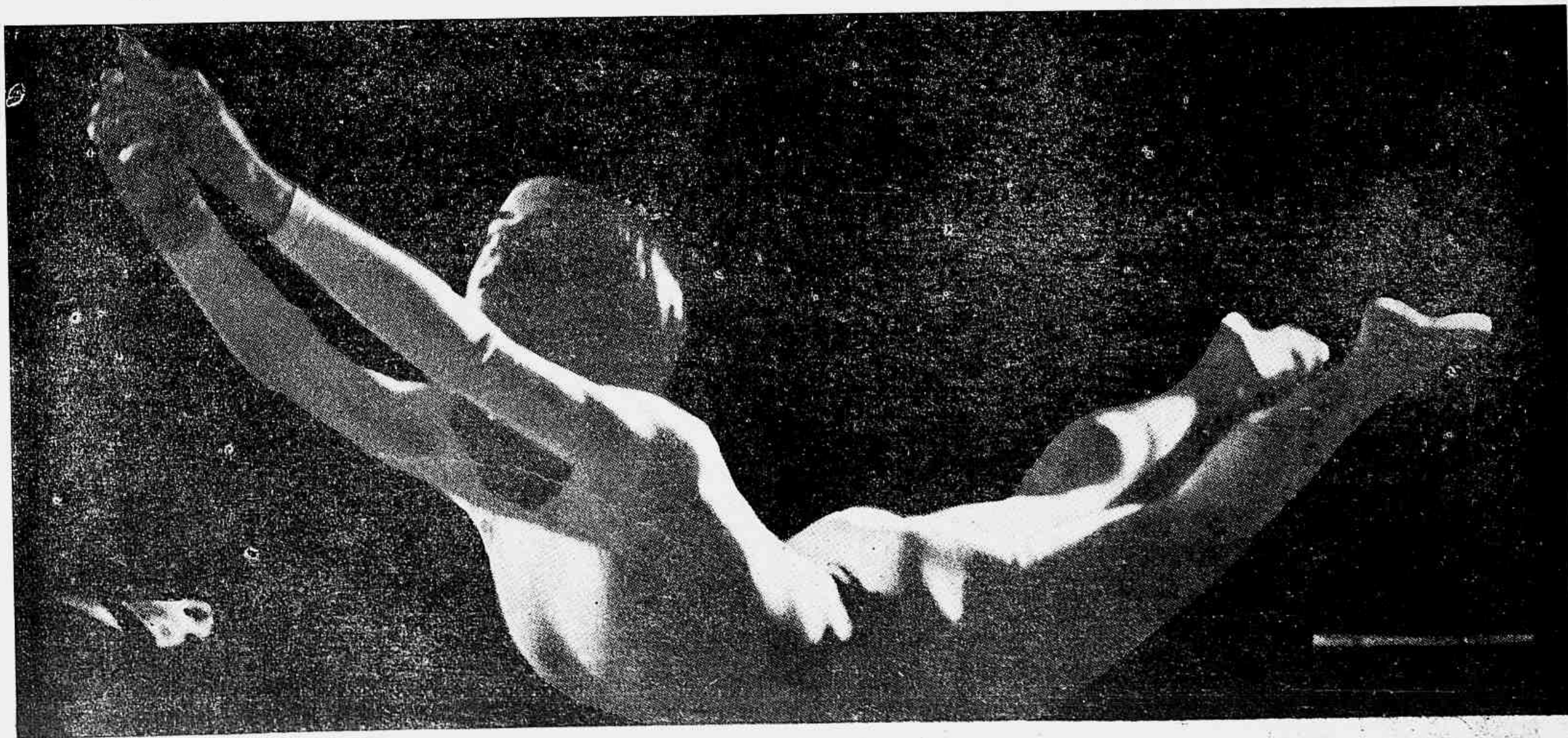
PARA O ABDOMEM E QUADRIS — Deitada de costas, levantar o corpo mantendo retos somente os omoplatas. Movimentar os pernas "pedalando"



RELAXAMENTO DAS COSTAS — Esta bela atitude é uma posição de "relaxamento" que deve preceder e seguir os exercícios mais violentos

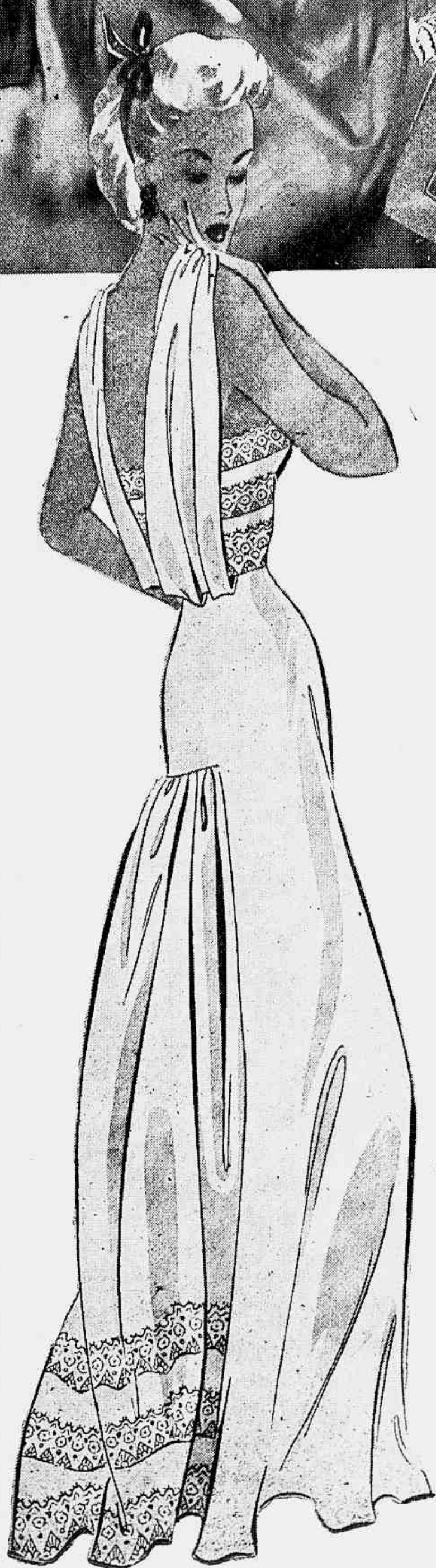


PARA O BUSTO E ESPÁDUAS — Deitada sobre o ventre, pernas unidas e esticadas, levantar o corpo apoiando-se sobre os braços e descer em seguida lentamente



PARA AS COSTAS — Ventre reto, os pés apoiados sobre os pés da cama. Levantar o busto e os braços, estirando a cabeça para trás. Fazer exercício respiratório

Camisolas



É uma encantadora feminilidade nessas peças delicadas que todas as mulheres adoram. Aqui, sugerimos alguns modelos deliciosos, como este em crepe romano rosa sêco, guarnecido de laços de veludo em tom mais escuro; ou este em crepe romano branco com abas de renda formando mangas, ou ainda esta em romano rosa com incrustações de rendas. Em cetim e rendas verdadeiras é esta outra, com franzidos dos lados por onde passa uma faixa em tom vivo.



MÃES E FILHOS

De ANAMARIA CÉLIA

OBEDECER...

Os pais, quase que em sua totalidade, acham que ter bons filhos é ter filhos obedientes e, para isso ensinam-lhes, desde muito pequenos a obedecer. Se assim não fizerem, pensam ainda, a criança se tornará desobediente e rebelde! No entanto, o que acontece não é bem isso: a criança só se torna rebelde quando a sua tendência agressiva é superior à sua tendência submissa e isto acontece, em geral, quando ela não encontra em casa o ambiente de compreensão de que tanto necessita. Quando ele existe, o máximo que pode acontecer é correrem paralelas as duas tendências, equilibrando-se as mesmas entre si.

Existe em cada um de nós a possibilidade de sermos bons ou maus, tudo dependendo da maneira pela qual nos encaminham na vida. A possibilidade de ser bom deverá ser encorajada na infância, e é muito mais fácil conseguir isso pelo estímulo e encorajamento do que pela força.

A tarefa dos pais na educação moderna, está mais em insinuar do que impôr. Aqueles que se tornam verdadeiros amigos dos seus filhos, que demonstram toda a sua vontade de ajudá-los, colherão resultados satisfatórios, pois a criança sentir-se-á apoiada e compreendida, o que não acontece quando se pretende impôr uma vontade, sem discussões e restrições.

Uma das maneiras mais infalíveis de se ensinar à criança o que é correto, é o bom exemplo.

O "faça o que eu digo" deverá ser substituído pelo "faça o que eu faço", pois de nada valerão bons conselhos quando os pais não os tiverem aplicado em si próprios. Agindo bem,

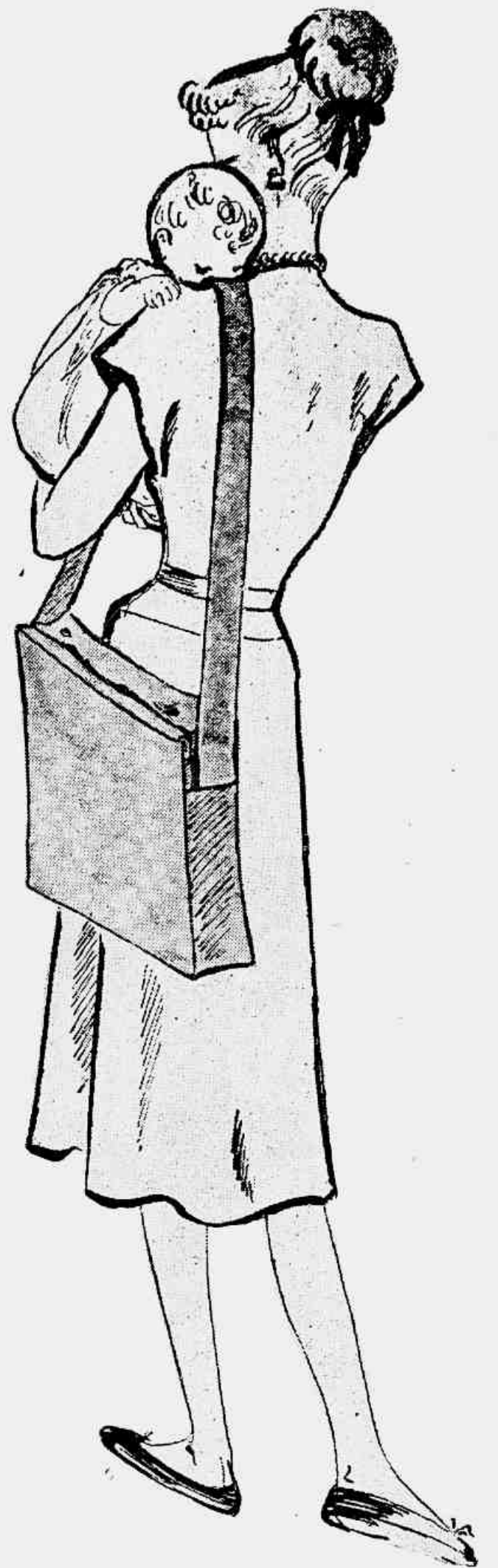
tendo atitudes dignas e decentes, os pais estarão ensinando aos filhos a maneira correta de viver; e, se eles errarem o seu erro deverá ser encarado com compreensão, pois não se pode esperar de um estudante inexperiente, um resultado cem por cento perfeito. Só quando o erro se torna muito frequente é que se faz mister procurar a sua causa e tentar eliminá-la. E, nesta ocasião, deverão os pais agir com tato: gritos, palavras ríspidas e "ordens de comando" só servirão para exasperar a criança e despertar nela o desejo de resistir. A teimosia e a desobediência partem em geral desse ponto. A criança tolhida, contrariada e dominada, se torna rebelde em defesa própria. Hoje, os pais não devem exigir dos filhos uma obediência cega, à maneira antiga, que lhes tirava a capacidade de discernir, a capacidade de criar uma personalidade própria que lhes proporcione o necessário espírito de luta pela vida.



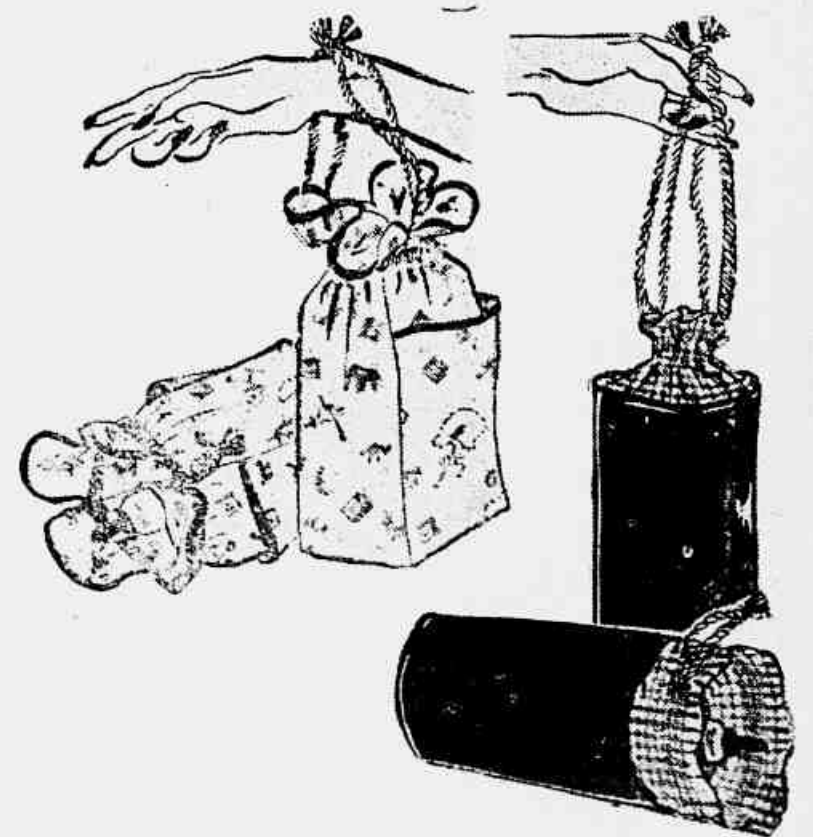
MODELINHOS

Para o verão, as roupinhas de seus filhos deverão ser leves e simples, como os exemplos que apresentamos acima

SUGESTÕES PRÁTICAS



PARA as jovens mães, aqui estão três originais e práticas sugestões. Em cima: bolsa em oleado ou couro macio, de feição retangular para transportar as peças necessárias ao conforto do seu "baby". Em baixo, duas maneiras práticas que você poderá usar para transportar higiênicamente a mamadeira. São duas bolsas, uma retangular e outra redonda, que poderão ser executadas em oleado ou fazenda encorpada.



SALADA DE PEPINOS

Ingredientes — Pepinos, cebola, sal, azeite, limão e pimenta.

Preparação — Descascam-se os pepinos, cortam-se em rodela finas e coloca-se primeiramente num prato com sal e um pêso por cima e, meia hora depois, escorre-se a água que saiu e dispõem-se as rodela numa saladeira. Corta-se a cebola em rodela finas que se juntam ao pepino. À parte, faz-se um molho com bastante azeite, algumas gotas de limão, uma pitada de sal, outra de pimenta e rega-se a salada antes de servir.



SALADA DE FRANGOS

Ingredientes — 1 frango assado, aspargos, aipo, ovos, alface, molho de maionese.

Preparação — Toma-se o frango, tira-se-lhe a pele e os ossos, corta-se em fatias. Cortam-se os aspargos e aipos em pequenos pedaços. À parte cozinham-se os ovos, descascam-se e partem em quatro partes no sentido do comprimento. Trata-se a alface e dispõem-se as folhas em volta de uma saladeira e, no centro desta, coloca-se o frango misturado aos aspargos e aos aipos. Enfeita-se com os ovos e rega-se com molho de maionese.

se o açúcar numa caçarola e leva-se ao fogo mexendo-se continuamente, até ficar escuro. Juntam-se então a água e o café, continuando a mexer. Em seguida acrescentam-se as gemas com o leite, mistura-se tudo e retira-se do fogo, deixa-se estriar, despeja-se na sorveteira e levase à geladeira para congelar.

"WHISKY GUARANÁ"

Ingredientes — 3 garrafas de guaraná espumante, 6 colheres, das de chá, de "whisky", 1 maçã, gelo socado.

Preparação — Põe-se o guaraná num jarro, junta-se-lhe o "whisky" e a maçã picadinha. Adiciona-se um pouco de gelo, mistura-se tudo mexe-se bem e serve-se.

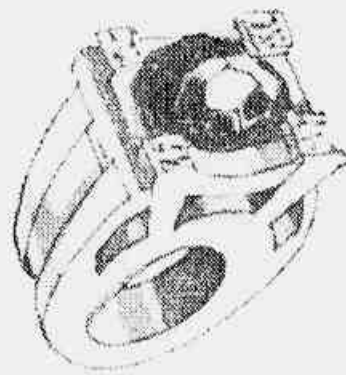
SORVETE DE FRUTAS EM COMPOTA

Ingredientes — 1 lata de frutas em compota, 1 limão, açúcar.

Preparação — Despeja-se a calda da compota numa vasilha e juntam-se-lhe um pouco d'água, açúcar em quantidade suficiente para ficar bem doce, e o caldo do limão. Mistura-se tudo, despeja-se na sorveteira e congela-se. À parte, cortam-se as frutas em pedacinhos e colocam-se no fundo das taças cobrindo-se em seguida com o sorvete.



Jacques Fath apresentou uma saia com banda drapeada sobre os quadris, caindo em ponta até a barra da saia.



Chaumet, joalheiro francês, é o criador deste elegante anel.



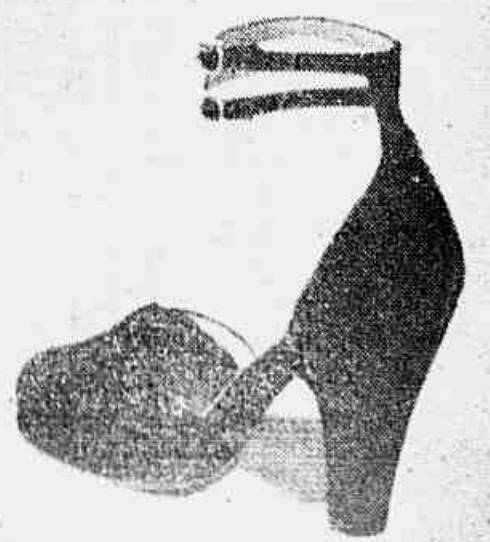
Um vestido preto, para a noite, tem o corpo todo bordado em prata, imitando renda.



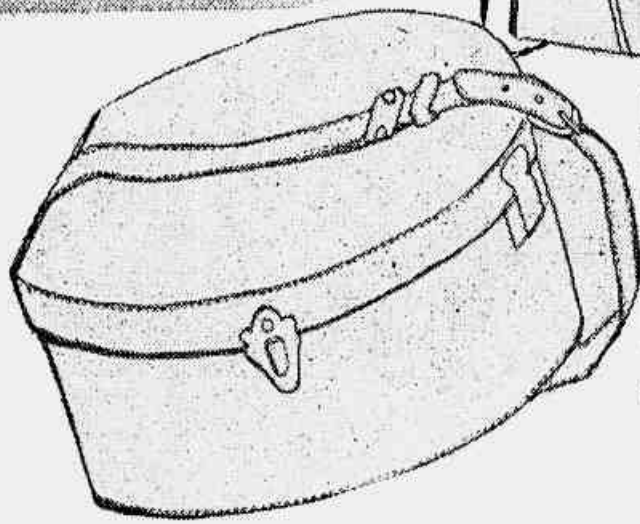
DETALHES E NOVIDADES



Em cima — Camisela de noite em crepe romano com renda e aplicações. A seguir — Sobre um vestido de seda branco, hetero bordado em cores vivas.



Para a praia, uma interessante sugestão em linho azul, saia ampla



Para você que vai viajar, estas malas de couro são muito práticas

Original esta gola com laços de veludo negro para o seu vestido de noite



Jacqueline White usa, com o seu vestido de noite, uma fita de veludo preto no pescoço, transpassada e presa por vistoso "clips" dourado, com pingentes



Equitação



PARA vocês que passam as férias nos campos, e que gostam de montar, aqui estão algumas sugestões que por certo farão parte do seu guarda-roupa esportivo. São modelos elegantes, sugestivas criações de Hermes.

Sugestivo é este modelo composto de culote, em tecido quadriculado; casaco em gabardine oliva; botas de verniz preto



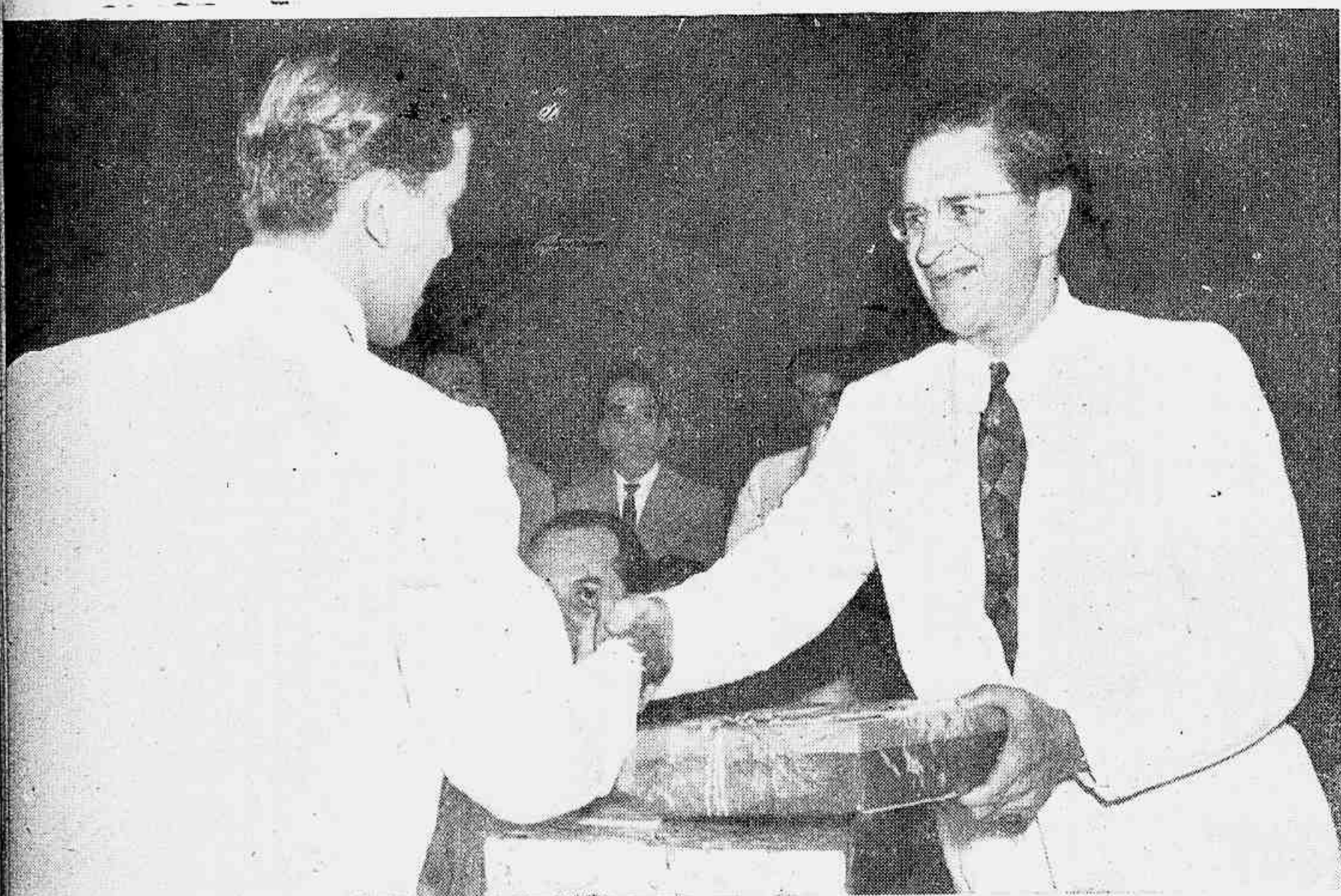
Blusa em tecido quadriculado marrom e branco, culote em gabardine bege, de elegante talhe



Interessante culote de uma só peça em gabardine quadriculado. Camisa de cambraia branca, luvas esportivas em couro bege



A GRANDE OBRA SOCIAL E EDUCATIVA DO "SENAC"



Com uma brilhante solenidade realizada no Teatro Fênix, o SENAC do Distrito Federal fez encerrar, no dia 20 do mês p.p., o seu ano letivo. Centenas de pessoas, dentre as quais altas autoridades civis e militares, representantes das classes patronais, membros destacados dos nossos círculos educacionais e famílias dos comerciários que então iriam receber certificados e prêmios, ali se reuniram num ambiente de alta distinção, a fim de presenciar o ato que constituiu, em suma, o resultado auspicioso de mais um período de trabalho do SENAC do Distrito Federal.

A mesa armada no palco, tomaram assento, entre outras, as seguintes pessoas: ministro Waldemar Ferreira Marques, presidente do SENAC do Distrito Federal; sr. João Daudt de Oliveira, presidente do SENAC Nacional; sr. Cândido Mota Filho, representante do ministro do Trabalho; sr. Eduardo Rios Filho, representante do ministro da Educação; capitão Aristides Costa, representante do sr. prefeito Angelo Mendes de Moraes; monsenhor Gastão Guimarães Neves, representante do cardeal D. Jaime de Barros Câmara; sr. Calheiros Bonfim, representante do secretário geral de Educação e Cultura da Municipalidade; sr. Artur Braga Rodrigues Pires, presidente do SESC Regional; sr. Antônio Ribeiro França Filho, presidente do SENAC e do SESC dos Estados do Rio e Espírito Santo; sr. Calixto Ribeiro Duarte, presidente da Confederação Nacional dos Trabalhadores do Comércio; sr. Nelson Mota, presidente do Sindicato dos Empregados no Comércio; srs. Lauro Sodré Viveiros de Castro, João Maria Carvalho e Jorge Amaral, conselheiros do SENAC Regional; sr. Antônio Rodrigues Tavares, presidente do Clube de Regatas Vasco da Gama; professora Eve Louise Hyde, reitora do Colégio Benett; professor Floriano Queiroz, presidente da Associação dos Professores do SENAC, e a professora Clarinha Iolovitvh Brilman.

Alunos de duas numerosas turmas dos Cursos de Aprendizagem Comercial e dos Cursos de Continuação Intensivos foram convidados a receber os diplomas e prêmios a que fizeram jus, sendo delirantemente aplaudidos. Valeu-lhes êsse aplauso como um incentivo a lutas futuras para seu maior progresso na carreira mercantil.

A bela cerimônia foi iniciada com a execução do Hino Nacional Brasileiro, pelo Orfeão Escolar do SENAC, composto por oitenta alunos da instituição e dirigido pela professora Ruth Stamile Gonçalves. Em seguida o ministro Waldemar Ferreira Marques, presidente do SENAC carioca pronunciou magnífica oração, da qual reproduzimos

EM CIMA — O ministro Waldemar Ferreira Marques, presidente do Conselho Regional do SENAC do Distrito Federal, quando pronunciava seu aplaudido discurso. NO CENTRO — O sr. Antônio Rodrigues Tavares, presidente do Vasco da Gama, quando entregava um dos prêmios conquistados. EM BAIXO — A sra. Eve Louise Hyde, reitora do Colégio Benett, fazendo entrega de um dos prêmios

aqui alguns dos mais destacados trechos que foram calorosamente aplaudidos pela numerosa e seleta assistência:

"Há pouco mais de dois anos, exatamente no dia 21 de novembro de 1946, procedia o SENAC à instalação de seus primeiros cursos.

E' possível que, nessa ocasião, os espíritos céticos, os mal avisados, duvidassem do êxito desse empreendimento.

E' possível que, mesmo nos meios comerciais, empregados e empregadores procurassem uma indagação única quanto ao resultado da mais nova iniciativa dos homens do comércio.

Agora são passados dois anos, dois anos de lutas, de trabalho intenso e contínuo.

Dois anos proveitosos que enchem de júbilo e orgulho a quantos vêm empregando os seus esforços para que o empreendimento alcance o seu ponto culminante, sem se desviar, nunca, da trilha sadia e clara que se traçou desde o seu primeiro dia.

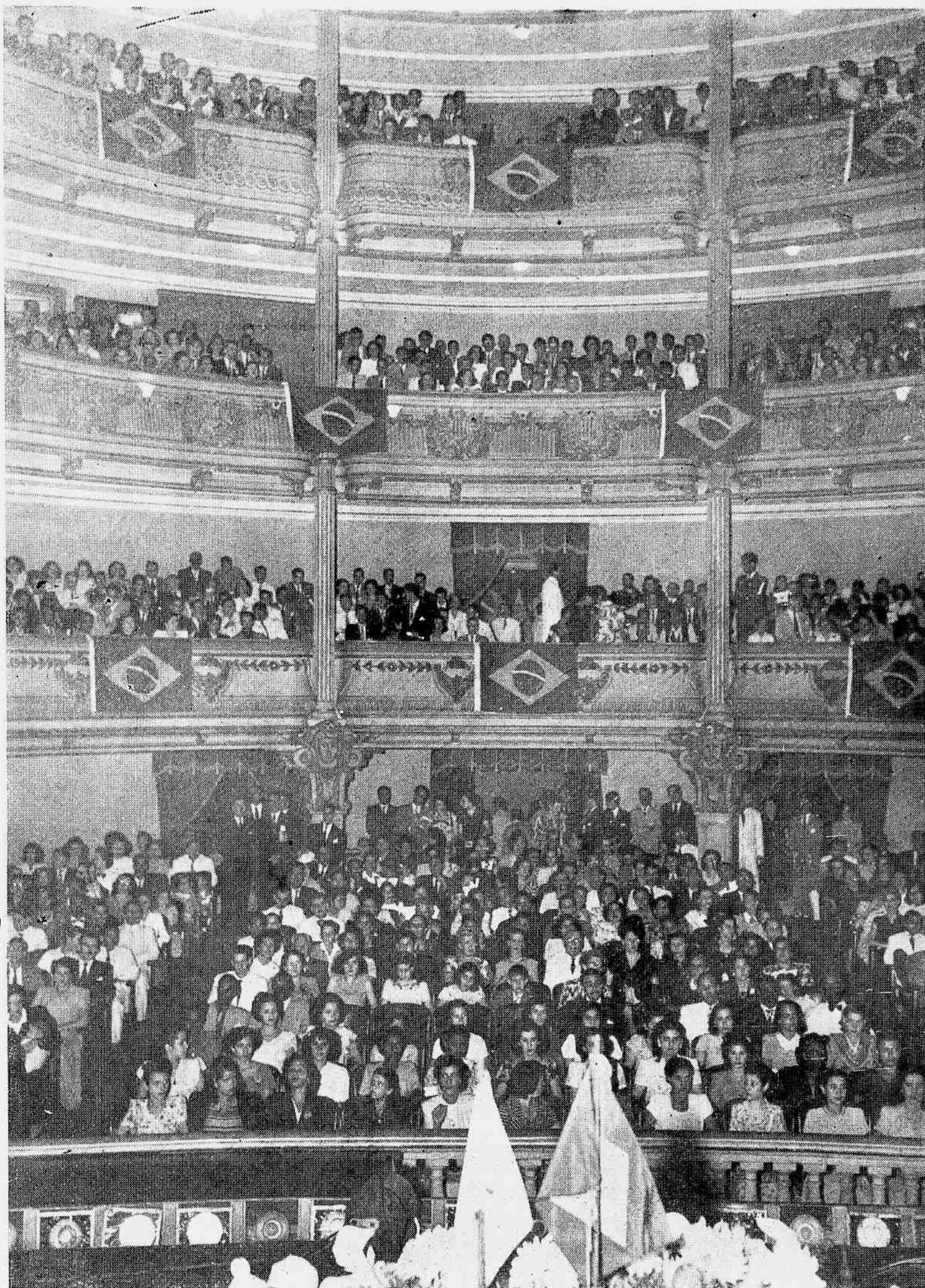
E não lhe faltam mesmo as características de uma grande obra, sob todos os pontos de vista que a queremos interpretar.

Grande obra social porque vem conseguindo, com resultados notáveis, em perfeita compreensão de idéias, irmanar empregados e empregadores num mesmo ideal de um comércio mais perfeito, mais harmônico e, consequentemente, mais de acôrdo com as necessidades do nosso País.

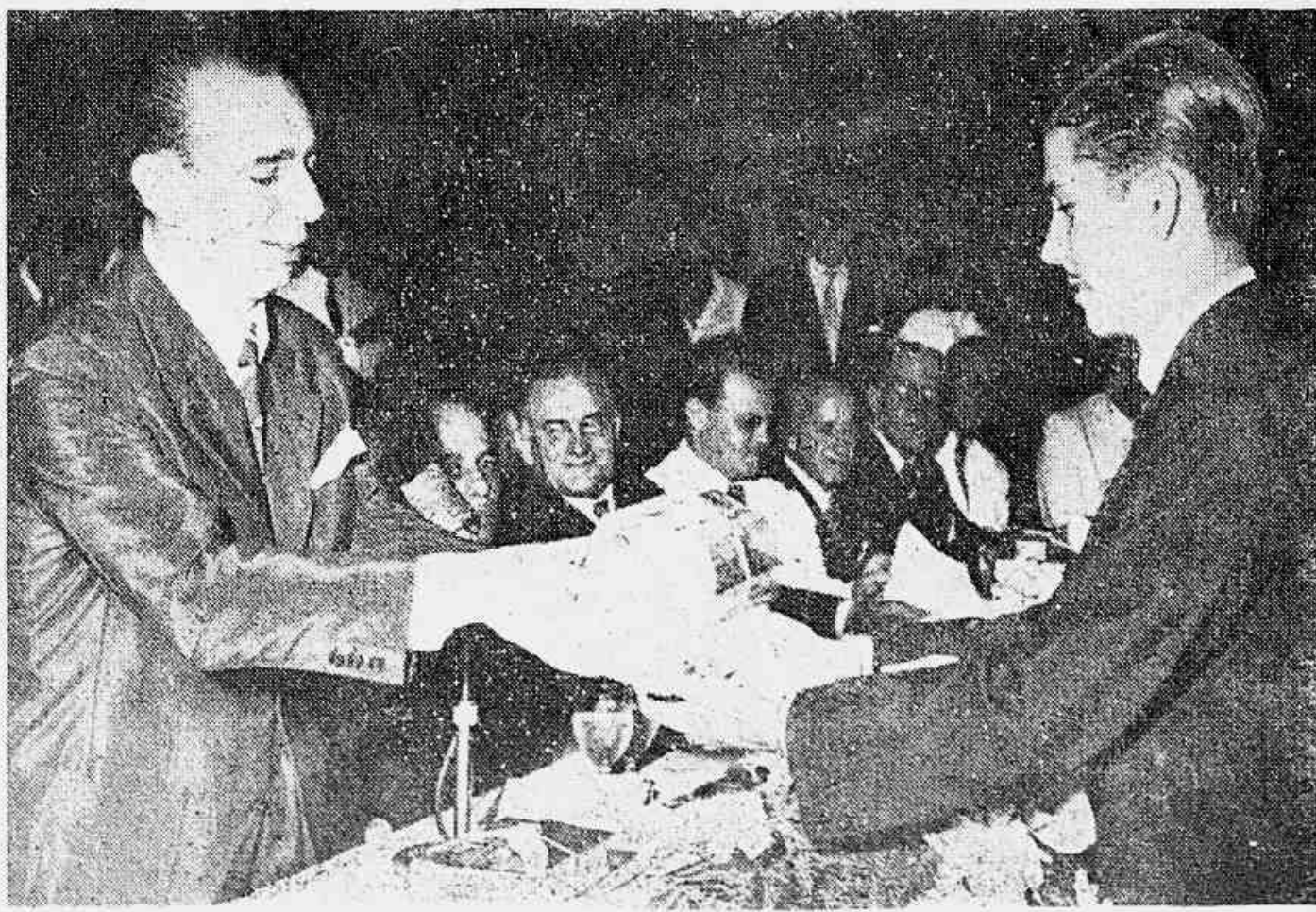
Grande obra educativa, porque chamou, em memorável toque de reunir, e foi atendida, a quantos empregam sua capacidade profissional a serviço do comércio, propondo-se a ampliar os seus conhecimentos e educá-los mais condignamente para que, no exercício de suas funções, produzam mais e melhor.

Grande obra de fundo econômico, porque o dispêndio que ora faz o comércio com o custeio da educação integral do comerciário, não há a menor dúvida, ficará escriturado na conta de crédito a ser compensada futuramente com o "comerciário modelar", quer se trate de simples auxiliar, quer se trate de trabalhador categorizado.

E é desta obra, senhores, que iniciamos com esforços e que há de prosseguir vitoriosa, a amostra sincera que apresentamos ao público nesta cerimônia, simples na sua feitura e grandiosa na sua significação."



EM CIMA — Um imponente aspecto do recinto do Teatro Fênix, vendo-se no primeiro plano o Orfeão Escolar do SENAC. EM BAIXO, A ESQUERDA — O aluno Sebastião Rodrigues recebendo do sr. João Daudt de Oliveira, presidente do SENAC Nacional, o "Prêmio Excelência Presidente Dutra". A DIREITA — O ministro Waldemar Ferreira Marques entrega a um dos alunos o seu prêmio





NÚPCIAS Registramos o enlace matrimonial da srta. Luiza D'Angelo com o sr. Onaldo Alves de Sá, elementos destacados da nossa sociedade. Estes flagrantos foram colhidos na Igreja de Nossa Senhora da Trindade, nesta capital, no dia 11 de dezembro próximo passado, durante a solenidade. O templo ficou repleto de pessoas de destaque, amigos e parentes dos noivos.



TRAGÉDIA GREGA

(Continuação da página 21)

tar fielmente nos ensaios de conjunto, todas as noites. As mães, por sua vez não queriam deixar as filhas sair assim, todas as noites, vestindo túnicas gregas, ensaiando ao ar livre, sujeitas a assobios de deboche de gente sem decôro e compostura pública. Era grande a resistência. Mas a pertinácia desses moços estudantes pôde mais do que a campanha negativa. E a 12 de dezembro, era exibido ao público, gratuitamente, uma das maiores peças teatrais da velha Grécia.

Foi esta a composição geral do elenco e seus organizadores:

Afrodite	Teresa Calmon Holiday
Hipólito	Valdemar Fernando
Escravo	Geraldo Alves Queiroz
Phoedra	Regina Helena Braga
Ama	Madalena Saboya
Teseu	Cândido A. M. de Almeida
Artemis	Maria Clara Machado.

Côro de 30 moças com duas «coreféas»: Stelia Cavalcanti e Bela Pires Dantas.

O organizador geral foi o estudante Cândido Antônio Mendes de Almeida; a direção artística ficou a cargo de Frei Sebastião Hasselmann; a direção plástica, com Vasily Veltchek; Diretores assistentes, Bela Pires Brandão e João Estevam Betencourt; Decoração e Vestiários: Jorge Sousa Hue, Geraldo Alves Queiroz e Stelio Roxo; a Música obedeceu à direção de Bela Pires Brandão e Julieta Freysleben; a tradução diretamente do original grego, ficou a cargo de Junito de Sousa Brandão.

E' de justiça registrar que a Prefeitura e a Chefia de Polícia muito colaboraram para a realização de ensaios e representação final, fornecendo meios de condução e policiamento eficiente.

Em face do êxito que resultou dessa tentativa de espetáculos de arte clássica para o público, em campo aberto e gratuito, os estudantes da UNE e da Universidade Católica resolveram levar novamente à cena a tragédia de «Hipólito», no mesmo local na noite de 29 de dezembro, sendo desejo da UNE, programar outras peças imortais do teatro clássico.

Esta revista se congratula com os corajosos realizadores de tamanhos empreendimentos e os exorta a que prossigam nessa marcha como construtores de nossa civilização.

AS CINCO HORAS EM PONTO

(Continua na página 23)

Explicou que ele olhara todos os tipos de relógio e disse, por fim: "Quero um relógio que dê horas. Que dê horas bem

e forte". Ela foi movendo os mostradores e ele ia ouvindo o soar dos relógios, até que um deles serviu.

Sarah deu descrição do suspeito. Tinha uns seis pés de altura e ombros razoavelmente largos. Cabelos escuros e anelados; barba bem feita, muito polida, e, segundo a estimativa de Sarah, era o tipo do Don Juan, galanteador e dominador de mulheres. Suas maneiras delicadas mostravam ser pessoa de ótima educação.

Quando Mrs. Cohen disse que desejava um relógio que batesse horas bem alto, os investigadores julgaram estar numa boa pista. Mas, onde estaria esse homem agora? Como descobrir seu paradeiro ou poder identificá-lo?

O detetive Mulvaney, em face da descrição que do suspeito lhe fizera Sarah, foi depois ao escritório do "San Francisco Chronicle" e ali falou ao chefe do departamento artístico, Maurey Smith. Pediu-lhe que desenhasse um cidadão com os traços que lhe ia fornecer. Logo que terminou o trabalho, o detetive mostrou-o à mulher de Cohen, que exclamou:

— Ué! Isto parece mesmo com ele.

Então Mulvaney procura Mrs. Dutton e lhe mostra o retrato, e pergunta se ela conhecia alguma pessoa que se parecesse com aquele cidadão.

A viúva de Ben reparou no esboço e pareceu interessada.

— Sim, conheço alguém que se parece com este desenho.

— Quem é?

— Um homem chamado Spencer. Frank Spencer.

— Diga-me algo a seu respeito, pediu o detetive. Diga-me tudo o que souber dele.

— Bem... não tenho muita coisa a dizer. Encontrei-o, faz cerca de quatro meses numa festa familiar na residência de Claus Spreckles. Ele era também convidado e me pareceu muito belo.

Mrs. Dutton hesitou um instante. Depois prosseguiu:

— Suponho não deveria eu dizer isto, mas, foi verdade. Ele manifestou-me desejo de fugir comigo. Disse-lhe que era casada, e que não devia tornar a falar-me. Sabe o senhor como são estas coisas e como acontecem. Eu estava sem meu esposo, e ele julgou que eu era solteira. Ficou muito magoado com a minha atitude, e não mais o vi durante o resto da festa, porque propositalmente procurei evitá-lo.

— Viu-o depois?

Mrs. Dutton franziu as sobrancelhas como quem não gostou da pergunta. Mas respondeu:

— Estava eu a passear, lá em baixo, numa tarde, quando, no bonde, o encontrei. Pretendeu fazer crer que estava a andar sem destino e voltou a insistir para nossa fuga. Disse-me que poderíamos ir morar na capital do México, onde poderia conseguir divórcio e casar-me com ele. Respondi-lhe que ele estava louco, e que fizesse o favor de não aproximar-se mais de mim. Este foi o meu único segredo perante Ben. Nunca lhe disse nada a tal respeito.

Depois disso ainda o viu?

Não. Nunca mais.

Uma sindicância em casa dos Spreckles apenas esclareceu que o conhecimento que o casal fizera com Spencer tinha sido todo casual a bordo durante uma viagem para

a Europa. Nada sabiam dele; e não se que, quando de sua estada em São Francisco, hospedara-se no mesmo hotel. Por isso o convidaram para a festa íntima. Desde então não mais o viram. Durante a viagem, eles lhes dissera que era filho de Sir Rodney Spencer, o que em nada lhes interessou. Quando o reencontrou, meses depois, em São Francisco, embora tivessem suas dúvidas acerca de sua origem nobre, foi ele convidado pelo fato de Mrs. Spreckles julgar que o seu tipo de homem fino impressionaria os demais convidados, dando distinção à festa.

Não foi difícil ao detetive proceder a sindicâncias no hotel onde ele se hospedara, porém, já ali não estava mais, tendo-se mudado recentemente.

— Muito sinto ter-se ido — disse o gerente. — Todas as mulheres de São Francisco estavam loucas por ele. Vêm aqui aos magotes perguntar por ele. E ficam aí pelo corredor à espera dele.

Estes informes muito interessaram à polícia; mas, por outro lado, trouxeram provas a favor do suspeito. Dentre as mulheres que aceitavam sua corte, havia uma, residente em São Matheus, que afirmou, durante todo o dia e parte da noite da catástrofe, estivera ele em sua casa, como seu convidado. E sua residência ficava a muitas milhas do local do crime. Além do mais, pensou o detetive, Spencer teria muito pouca razão para matar Ben ou sua senhora. E' verdade que ela o repelira, mas, por outro lado, tinha Spencer outras mulheres que aceitavam seus galanteios e até o disputavam. Por outro lado o assassino possuía completos conhecimentos de explosivos e engenhos infernais, e não era possível que aquele "snob" estivesse em tais condições. Mas, havia uma particularidade para a qual era chamada a atenção do policial: para que comprara Spencer aquele relógio? Era preciso esclarecer este ponto. Acrescia ainda esta circunstância: ele havia desaparecido desde o dia do crime. Nenhuma de suas conhecidas o vira depois da explosão.

Mulvaney havia reunido todas as peças encontradas e que tinham servido à máquina infernal, e as estudava cuidadosamente. Entre elas ele destacava a peça de ferro de 16 libras e que servira de detonador. Notou que na armadilha tinham sido utilizados pregos de ferradura.

— E' estranho isso! Por que diabo o autor desse crime iria empregar esse material para fazer a armadilha? E procurou responder a si mesmo: — Com certeza pelo fato de não encontrar outros pregos.

Seus olhos cintilam. E ele julga ter encontrado um bom indicio. Aqueles pregos lhe abriram o crânio. Havia um ferrador em Sausalito, não muito distante da casa dos Dutton, segundo lhe dissera já um outro detetive. Foi visitá-lo.

— O amigo se recorda de algum cliente que pedisse desses pregos?

O ferrador olhou para o detetive. Pareceu nervoso. Com surpresa deu esta resposta:

— Não direi nada a detetives. Mesmo que eu soubesse de alguma coisa.

— Por que? — perguntou Mulvaney.

— Levaram meu inocente filho para o S. Quintin — respondeu. Acusaram-no de ter furtado dinheiro, quando ele nada furtou

— E voltou à forja, concluindo a olhar com desprezo para o detetive; — E o senhor vem pedir que o auxilie?... Pois sim...

— Espere um instante — disse o policial. — De nada sei sobre a ida de seu filho para a prisão. Não o mandei para lá. Diga-me algo a respeito do fato e talvez possa ajudar a libertar seu filho.

O operário, que se chamava Phillips, lançou-lhe um olhar de desdém e respondeu:

— Nada pode o senhor fazer por meu filho. Já saiu da prisão, por ter cumprido a pena, mas o seu nome, o nosso nome, o nome de toda a nossa família está desgraçado para sempre. Nunca mais poderemos limpá-lo.

Mulvaney esteve calado durante uns minutos. Depois voltou:

— Há quanto tempo saiu seu filho da prisão?

— Três meses.

— Está trabalhando?

— Às vezes trabalha aqui; mas, quando escasseia serviço, fico só.

O detetive ainda esteve a falar sobre o rapaz, até que tornou:

— Então o amigo não se recorda de ninguém a quem tenha vendido ou dado alguns pregos de ferradura?

— Não. Não vendi, nem dei, nem emprestei nenhum prego.

Mulvaney deixou no ferrador a impressão de que se interessava pelo filho; por isso perguntou onde podia ser encontrado.

— Não sei onde se acha. Não tem sido visto por aqui há três ou quatro dias. Esteve em Sutter Street, em S. Francisco, residindo com um amigo de nome Roy Berman.

O detetive suspeita de que esse amigo do rapaz fora seu companheiro de prisão em San Quintin e vai imediatamente falar com a administração do presídio. Ali colheu estes dados: o nome todo do filho do ferrador era George Phillips e o de seu amigo, Roy Berman, companheiros de cela. Esse Berman, antes de ser preso por crime de roubo, tinha sido cavouqueiro numa mina. Tinha 33 anos de idade e era criminoso primário. Com o endereço completo dos dois: Rua Sutter 1220, pôs-se o investigador a acompanhar-lhes os passos. Suspeitava de que o aparelho composto daquela peça de ferro e dos pregos de ferradura procedia da casa do pai de George. O velho talvez não soubesse de nada; mas o jovem, com certeza, estava no drama. Berman conseguira livramento condicional, e começara a infringir o favor do juiz, ao frequentar casas de jogo e outros meios condenados. Logo que o "sheriff" McAllister soube do que ocorria, resolveu intimidar os dois para certas perguntas. Detidos, procuraram protestar inocência e censurar a polícia que os prendia sem motivo. Nada fizeram de mal.

Fizeram-lhe perguntas sobre os pregos.

— Claro que usei pregos! Usei-os em certas obras, mesas, cercas...

— Está certo de que não houve mais nada com esses pregos? — insistiu o detetive.

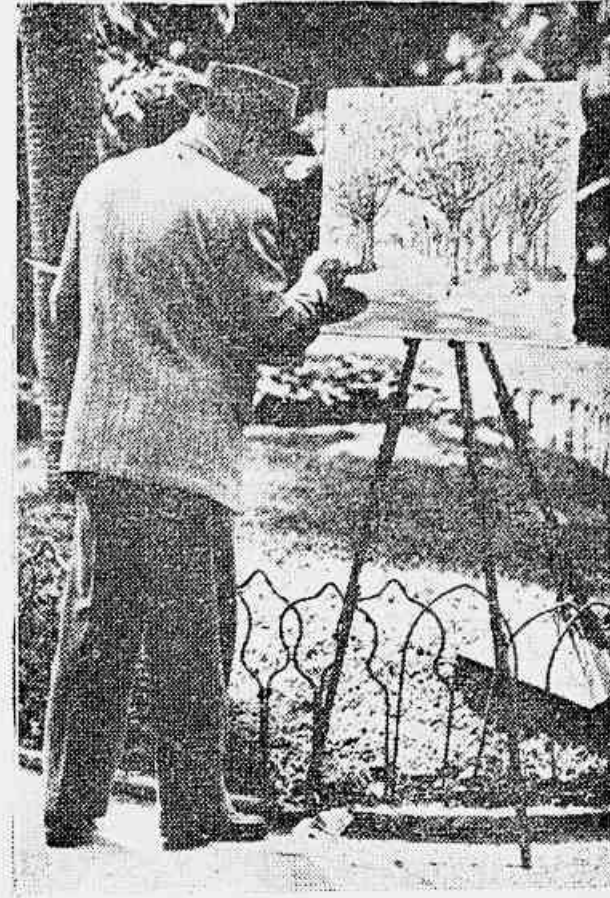
Sob pressão e algo nervoso, George disse:

— Sim... usamos desses pregos, numa tarde, quando um senhor nos pediu que precisássemos uma calça.

(Continua na página 50)

Artes PLÁSTICAS

Por ANGELUS RAVEL



A esquerda — O aquarelista Diógenes Duarte Paes numa de suas mais recentes fotografias. A direita — Flagrante apanhado quando Duarte Paes pintava na Praça da República, em São Paulo

SÃO PAULO não é somente a terra do café e dos prodígios de realizações materiais. Seus artistas, príncipes da inteligência e do espírito aí estão para atestar a grandeza de São Paulo no mundo da arte e da literatura.

Queremos ocupar-nos, nesta página, de um dos mais categorizados artistas de São Paulo — Diógenes Duarte Paes, o pintor da "urbs" paulistana, mestre da aquarela, a que se tem dedicado com mais intensidade do que à pintura a óleo.

Seus quadros da vida urbana lhe deram justa fama no conceito do povo e da crítica especializada, e, para prova do quanto o artista é admirado, citamos o fato de ter sido sua aquarela "Praça da República", adquirida pelo conhecido homem de letras e crítico Sergio Milliet, para fazer parte da galeria de Arte da Biblioteca Municipal da capital paulista.

A arte de Duarte Paes, fixando aspectos urbanos de São Paulo é das mais felizes, pois com isto ele focaliza cenas e panoramas que, com o rolar do tempo, ninguém mais verá, passando seus quadros a ser valiosíssimo documentário de imprevisível utilidade para o futuro.

Homem de coração, sentindo as necessidades dos menos favorecidos da sorte, numa das suas recentes exposições realizadas em São Paulo, destinou metade dos quadros que fossem adquiridos, em benefício do Sanatório "São Paulo", de Campos do Jordão, casa de caridade que acolhe enfermos necessitados.

Espírito de vocação, Duarte Paes já estreou com o galardão de mestre consumado, conquistando no XIII Salão Paulista, medalha de prata e o segundo prêmio "Prefeitura Municipal de São Paulo".

Na capital de seu Estado já tem exposto por várias vezes sempre com o mais absoluto êxito. Na Galeria Itá, no saguão do Teatro Municipal, têm seus quadros atraído a atenção dos amantes da arte. Embora um afeiçoado à aquarela, é mestre também da pintura a óleo, do que dará provas quando realizar sua próxima exposição ainda na capital de São Paulo. Faz atualmente projetos de vir ao Rio e fixar na tela os aspectos da vida urbana da Capital Federal. A biografia de Diógenes Duarte Paes é como a de quase todos os escravos da arte: nasceu numa cidade do interior, — Judaiá, — muito lutou para tornar-se o artista que é, e, afinal, vai vivendo de sua arte.



"Praça da República", aquarela que se acha na Sala de Arte da Biblioteca Municipal de São Paulo

A REPRESA DAS 180 COMPORTAS

A cerca de 960 km ao sul do Cairo, encontra-se a célebre represa de Assuan, obra de arte considerável destinada a regular o curso do Nilo e, assim, garantir a prosperidade do Egito.

A represa, que tem um comprimento de 2 quilômetros e meio, contém cento e oitenta comportas de aço que ficam abertas no momento das águas altas e são fechadas depois, sucessivamente, para reter a imensa quantidade de água que outrora se escoava livremente em direção ao mar, inutilmente aliás, e para distribuí-la segundo as necessidades da agricultura.

Esta construção moderna provoca a inundação anual da mais pequena, e mais carregada de história, das ilhas do mundo, a ilha de Philae, recoberta das ruínas dos templos de Osiris, Isis e Hórus. As necessidades dos egípcios modernos não permitiram que se respeitasse as antigas colunas da ilha sagrada. Todos os anos, estas se tornam presa das águas do Nilo, em benefício do homem de hoje.

Alguém, ainda mais cruel do que os engenheiros que construíram a represa de Assuan, é o inimigo mortal dos habitantes do vale do Nilo, o mosquito do paludismo, dadas as consequências que dele resultam. Nesse vale extenso e fértil, inundado periodicamente pelas águas do Nilo, o paludismo ainda não desapareceu. Mas sem dúvida o Egito, que pôde edificar a represa de Assuan para assegurar a prosperidade da região, saberá também encontrar o meio de livrar por completo o povo egípcio do paludismo. A Comissão de Paludismo da Sociedade das Nações dá, nos seus relatórios, uma resenha dos resultados experimentais e publica importantes informações relativas à luta contra o sezoniismo. Nesta luta, a quinina ocupa ainda o primeiro lugar. A Comissão de Paludismo recomenda, como constituindo um dos métodos eficazes, a dose diária de 400 miligramas de quinina durante a estação das febres para prevenir o paludismo e, para o tratamento propriamente dito, uma dose de 1 grama a 1 grama 30 centigramas de quinina por dia durante 5 a 7 dias. No seu relatório (edição inglesa), publicado em 1938, a dita Comissão de Paludismo salienta, a páginas 124, que a inocuidade da quinina permite a sua ministração pelos empregados subalternos, sem vigilância médica constante.

CASA DE SAÚDE DR. BENAION

OPERAÇÕES E PARTOS

A DISPOSIÇÃO DA CLASSE MÉDICA



Sala de operações com ambiente esterilizado — Sala de partos — Serviço médico permanente — Quartos com higiene e conforto — Enfermagem — Técnica — Cozinha de primeira ordem

SERVIÇOS DE RAIOS X — FISIOTERAPIA — OXIGENOTERAPIA INCLUSIVE INALAÇÃO DE PENICILINA — PREÇOS MÓDICOS

Direção técnica: Dr. ALBERTO MOACIR BENAION
Rua Afonso Pena nº 54 — Fone 48-4933 — Tijuca

AOS ASSINANTES E DISTRIBUIDORES DESTA REVISTA

Rogamos indiquem sempre, com as suas remessas de dinheiro, nome e endereço certos a que as mesmas se destinam.

ÀS QUINTAS-FEIRAS NO ESPORTE

Ilustrado

Levy Kleiman Fala aos Desportistas de todo o Brasil, um comentário abalizado sobre a atualidade esportiva. ★ O Album de Família, por Charles Guimarães, focalizando em cada número a história de um jogador. ★ BOX, por R. A. A. Coutinho, apresentando Desde o Ring-Side, Crosses & Gravatas, e Os Favoritos do Ring. ★ Diário da Vida Esportiva, os sete dias da semana esportiva. ★ Placard Futebolístico, com os resultados das principais partidas, goleadores, juiz, renda e quadros. ★ Dança dos Pontinhos, com os "fatos" dos campos de futebol, que os jornais não contam. ★ BASQUETEBOL, por Saldanha Marinho, com: De Bandeja, Ataque Bola... e Lance Livre. ★ VOLEI, por Sylvio Cintra Filho. ★ TENIS DE MESA, por Sylvio Rangel. ★ AUTOMOBILISMO, por Max Gold. ★ TENIS, por Djalma De Vicenzi. ★ NATAÇÃO e ATLETISMO, por Mauro Pinheiro. ★ De Binóculo em Punho, por Galhardo Guayanaz, focalizando a semana turfista. ★ A Crítica Internacional, com os fatos pitorescos do esporte mundial. ★ Pelo Velho Mundo, as últimas novidades do esporte europeu, por Alvaro Silva, de Lisboa.

Bilhetes DO MEIO DO MUNDO

LONDRES, novembro de 1948 — De Bruxelas fomos à antiga Bruges, a velha cidade flamenga que já era um grande centro de cultura e comércio quando Cabral foi ali visitar. A cidade continua do mesmo jeito de muitos anos atrás, quando por ali passamos vindo de Ostende, numa manhã de verão. O Belfroi com sua alta torre, o carrilhão tocando aquela música de antanho, sonora e alegre, cada 15 minutos; os velhos canais de águas mansas e escuras ladeados por jardins e casas da Idade Média; os cisnes deslizando placidamente na superfície das águas. As centenas de lojinhas nas ruas estreitas e tortuosas; as igrejas centenárias e vetustas, população pacata e sonolenta caminhando pelas calçadas de pequenas pedras bem juntinhas e bem limpas. Os bondezinhas amarelos nos trilhos de bitola de um metro, movendo-se morosamente como que acompanhando o cenário, todo de coisas antigas.

Entramos no Belfroi e, ali, no pátio, ficamos alguns instantes mergulhados na contemplação daquelas grossas paredes que os séculos deixaram cobertas de poeira; a alta torre desajeitada com seus quase cem metros de altura; o carrilhão lá no alto com sinos, tendo em volta uma dezena de pombas em constante revoadas...

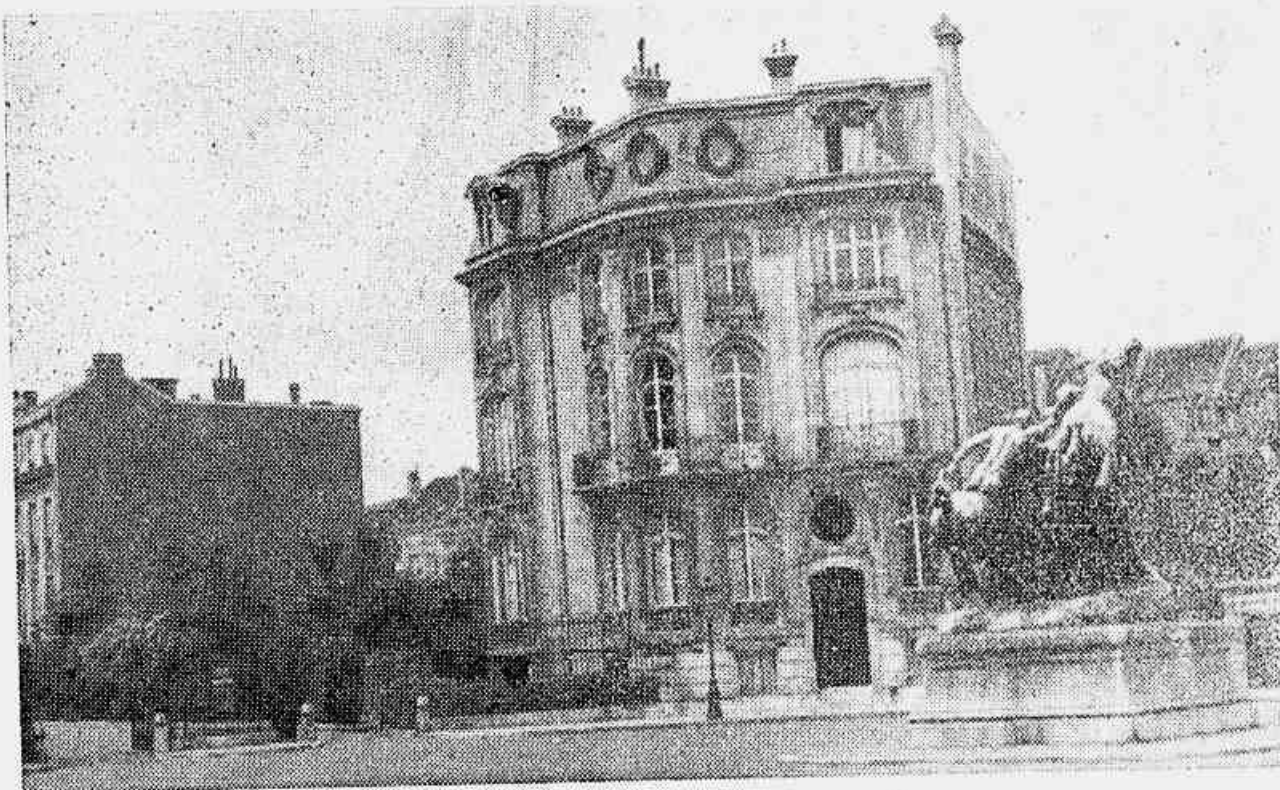
Felizmente a "Luftwaffe" passou pelos céus de Bruges mas não deixou cair nenhuma das suas cargas mortíferas que vitimaram Londres durante a última guerra. A cidade continua, como antes, a viver seus dias tranquilos. Desta vez chegamos lá sob um céu cinzento, caía uma chuvinha fina — mais apropriada para a idade de Bruges do que aquele belo dia de sol que fazia naquela tarde de um ano que já vai tão longe... Um dia "gris" é muito mais indicado para uma visita a esta antiquíssima cidade do que um dia festivo. Perambulamos novamente à beira dos canais e nos detivemos para um grupo de colegiais que se apressavam para empreender um passeio de barco, em companhia de duas freiras que, com muito cuidado iam arrumando as crianças de um lado e outro do barco. Vimos o grupo logo mais partir alegre e sorridente na embarcação que desliza pelas águas tranquilas marginais de jardins úmidos da chuva que havia caído.

Prosseguimos no nosso passeio, indo até ao Hospital Saint Jean para ver o célebre Museu de miniaturas sacras dos séculos XIII e XIV. No meio de um grupo de homens e mulheres que iam visitar pessoas da família internadas no Hospital, ficamos aguardando a hora da abertura do grande portão que é antigo e original, de grossas madeiras trabalhadas a ferro batido, com solidez peculiar às coisas do passado. Depois de adquirirmos os bilhetes de entrada, penetramos no vasto museu onde estão expostos grande número de quadros anteriores ao século XV, todos sobre motivos sacros. Jesus, a Virgem Maria, santos e cenas religiosas e várias miniaturas sobre a vida de São João. Mais tarde outros visitantes vieram também admirar os tesouros do museu. Um rapaz de óculos nos ofereceu uma lente para melhor observarmos os detalhes dos quadros. O salão parece uma grande sacristia, e talvez tenha mesmo sido, pois até existe nele um belo altar.

Depois de visitarmos, também, a parte interna do Hospital Saint Jean, apesar de seus muitos séculos de existência, tem acompanhado a evolução da medicina e da cirurgia, pois possui um grande anfiteatro para as operações.

A seguir, saímos passeando pelas ruas curiosíssimas da cidade e, no "grand place", bem em frente ao Belfroi, entramos num restaurante. Ali éramos os únicos fregueses e, como de costume, falávamos na nossa língua. O dono da casa, depois de prestar atenção desusada à nossa conversa, perguntou-nos se éramos brasileiros, abriu-se num sorriso e disse-nos que gostaria imensamente de conhecer o Brasil.

Num instante estava nos contando a sua vida: morava em Bruges há 18 anos, onde casara. Fazia muito tempo que não via a sua família, mas naquela quinzena viajara para a sua terra, a Lombardia, onde ainda tinha dois irmãos; disse que levaria consigo 60 dólares e 5.000 francos (Cr\$ 3.200,00 em moeda brasileira); acrescentou que era muito dinheiro na Itália, o que lhe daria um ar de "grand sinheur".



O Palácio da Avenue Louise, no quarteirão nobre de Bruxelas, em que o Embaixador Renato de Lacerda acaba de instalar a representação diplomática do Brasil na Bélgica

na sua cidadezinha. Falando da última guerra, informou que não fôra incomodado. Mantivera-se neutro, se bem que na guerra de 1914 houvesse servido na Armada Inglesa. Mas, acrescentou, muitos italianos que moravam em Bruges se haviam juntado aos nazistas e, quando a luta terminou, haviam ido com eles, muitos seguindo para a Argentina, porquanto eram operários especializados. Falou longamente da inflação na Bélgica, quando os soldados de Hitler emitiam papel moeda sem freios, o que motivou uma subida exagerada do preço dos gêneros, quando um quilo de carne custava Cr\$ 300,00! E acrescentava: — "Passamos dias bem apertados" cá em Bruges, apesar de não termos sido alcançados pela aviação alemã".

Depois informou que os negócios não iam bem. Esperavam contar com as visitas dos turistas ingleses. Mas o controle do câmbio afugentara os turistas. Em Ostende, porém, disse, os hotéis estão em situação muito mais aflitiva. Lá existem centenas e este ano os turistas não apareceram devido ao verão que foi muito frio e os ingleses por certo preferiram o sul da França e a Itália.

A tardinha tomamos o trem e 25 minutos depois estávamos na Estação do Cais de Ostende, a grande cidade balnearia da Bélgica. O centro estava bastante movimentado, grandes lojas, cinemas, gente pelas ruas, mas lá para os lados da imensa praia o espetáculo era contrastador. Os grandes hotéis que ficam de frente para o mar, estavam, em sua maioria, demolidos ou seriamente danificados devido aos bombardeios aliados ou aos conchoneios dos nazistas. Verificamos com pesar quanto Ostende foi castigada pela guerra. Quarteirões inteiros desapareceram e onde existiam outrora belos edifícios, hoje só vemos montões de ruínas.

Depois andamos visitando várias lojas do centro, onde encontramos lindíssimas rendas de Flandres, de preço bastante elevado, mas de muito bom gosto e delicadeza. No Hotel Terminus da "Wagon-Lits/Cook" foi-nos cobrado um preço muitas vezes inferior ao que pagamos no Metrôpole, em Bruxelas.

Na manhã seguinte nos ocupamos exclusivamente em recolher mantimentos, pois as informações que possuíamos era de que em Londres a crise era das mais agudas. Fomos ao Banco de Ostende descontar um cheque e não encontramos a menor dificuldade.

A tarde embarcamos no vapor belga "Príncipe Philippe" onde a diferença de conforto da 1.ª e 3.ª classes era mínima. Em ambas saltava aos olhos a higiene e o conforto. Ao escurecer avistamos os altos barrancos brancos de Dover com os quais andaram sonhando os espanhóis, Napoleão Bonaparte e, mais tarde, Adolf Hitler. E com cinco libras esterlinas no bolso (o máximo agora permitido por lei) conseguimos não só desembarcar, mas também sermos muito bem recebidos pelos funcionários da alfândega. Apenas nos foi cobrado £1,5 (Cr\$ 100,00) de direitos sobre uma das duas garrafas de uísque escocês. Nada mais lhes interessou nas nossas malas. E foi esta a primeira vez que tivemos que pagar alguma coisa nas nossas "cerimônias alfândegárias" cá por meia dúzia de países da Europa. Raramente nos foi exigido abrir as malas; logo vinha o giz branco com as iniciais do conferente e, ali, findava o cerimonial. Na Noruega, Suécia, Holanda, Bélgica, Alemanha e Dinamarca não tivemos o menor aborrecimento com esses cavalheiros.

D. G. COIMBRA

PELAS estradas do CÉU

Por ANDRÉ MAX

TOMA sensacional incremento o movimento de transporte aéreo, entre a Europa e os maiores países da América do Sul. Agora mesmo estiveram no Rio de Janeiro os membros de uma organização aeroviária da Inglaterra, com o fim de ser incluído o nosso país numa futura linha Londres-Buenos Aires, com escala no Rio, com aviões de dez motores.

Estiveram no Ministério da Aeronáutica, apresentados pelo ministro da Aviação Civil da Grã-Bretanha, os srs. W. M. Hargreaves, group-captains D. S. G. Honor e comodoro do ar D. W. Bayne, adidos de aeronáutica civil, e Geoffrey A. V. Tyson, do Aero Clube Real. Recebidos pelo chefe do Gabinete, coronel aviador Henrique Fleiuss, foram imediatamente conduzidos à presença do ministro Armando Trompowsky, com quem passaram a tratar do estabelecimento de um campo de pouso, no Brasil, destinado ao abastecimento dos aviões ingleses que vão ser utilizados na linha direta Londres-Buenos Aires. Os interessados revelaram que o avião em construção será dotado de dez motores. Sua capacidade é de 320 mil libras de peso. O titular da pasta da Aeronáutica achou interessante a iniciativa e prometeu encaminhar a proposta, para estudo, aos órgãos competentes do Ministério.

Somente usando-se aviões de grande envergadura pode ser proporcionado a passageiros de linhas internacionais e transoceânicas o indispensável conforto.



O ministro da Aeronáutica, Armando Trompowsky, ouvindo os delegados da Aeronáutica Civil da Inglaterra sobre a inclusão do Rio na linha Londres-Buenos Aires

Todos sabemos o que é viajar dias inteiros numa cadeira de avião, quando se conduzem crianças de 3 a 8 anos. Pela própria natureza infantil, não podem elas ficar imobilizadas durante muito tempo, como sucede com adultos, que, para passar o tempo, fumam, lêem, escrevem a máquina, conversam. As crianças ficam inquietas, choram, reclamam, tornam-se enjoadas... para os vizinhos.

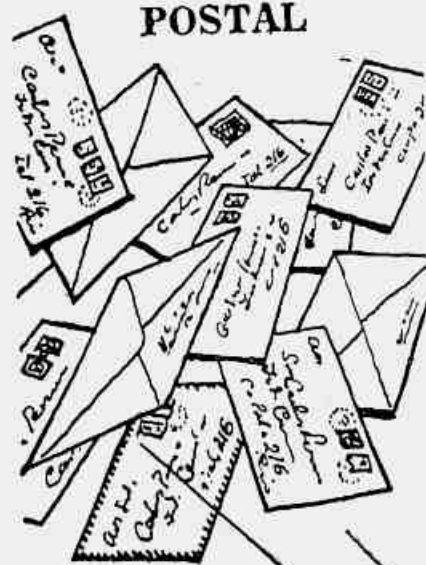
Nos novos aviões de dez motores que a Inglaterra está lançando, todos estes inconvenientes foram removidos.

E' com extraordinária alegria que hoje crianças viajam de avião em longas distâncias. A fim de que as viagens longas sejam mais confortáveis para elas e seus pais, a Saunders Roe Company decidiu incorporar a seu hidro-avião "SR 45" um pequeno compartimento para crianças, no qual os jovens passageiros encontrarão diversões aptas à sua idade.

Com êsse fim, não só haverá toda espécie de brinquedos, como ainda haverá um pedaço de jardim, onde os meninos poderão construir castelos de areia e outras coisas.

O "SR 45", que pode ser considerado um dos mais luxuosos dos hidro-aviões em serviço, dispõe de motores suficientemente poderosos para permitir o uso de seu espaço dessa maneira. E' impulsionado por 10 motores de 3.500 cavalos cada, a turbina, dando-lhe um raio de ação para vencer um vento de proa contínuo de 90 milhas por hora.

AGORA TAMBÉM
PELO
REEMBOLSO
POSTAL



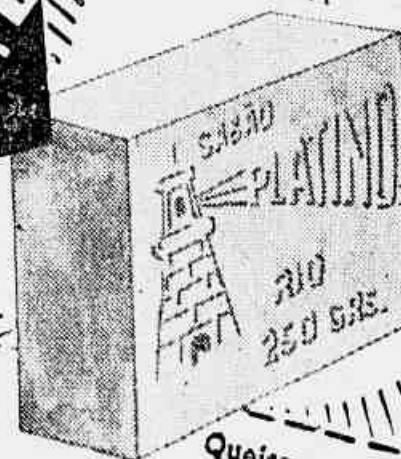
porque as donas de casa, no país inteiro, afirmam haverem encontrado no Sabão PLATINO qualidades excepcionais, algo diferente qque supera tudo quanto se possa desejar e exigir de um maravilhoso sabão.

As roupas mais limpas e cheirosas; maior eficiência e rendimento nas lavagens a par da pureza absoluta que lhes emprestam os óleos vegetais de que é fabricado. E' um sabão que não resseca e conserva-se perfeito até o fim. E note: uma caixa com 16 pedaços dura todo o mês, custando apenas Cr\$ 40,00, sobrando sempre para o mês seguinte.

SOMENTE PARA O INTERIOR. Sabão PLATINO está distribuindo rádios, ferros elétricos, geladeiras, enceradeiras, baterias de alumínio marca Chaleira, etc. Use Sabão PLATINO e ganhe prêmios, mas é preciso não esquecer que tudo o que é bom e se torna famoso passa a ser imitado.

Por isso, ao comprar Sabão PLATINO.

EXIJA-SE SEMPRE
MARCADO ASSIM



DO CONTRÁRIO
NÃO É LEGÍTIMO

COUPON DE PEDIDOS

NOME:

RUA:

CIDADE OU LOCAL:

ESTADO:

Queiram enviar-me caixas de
SABÃO PLATINO

Nº

Recorte e remeta este coupon diretamente para
CARLOS PEREIRA, INDÚSTRIAS QUÍMICAS S/A
Caixa Postal 216 — Rio de Janeiro

SEM MAIS
DESPESAS

(Continuação da página 47)



YOKO ASSACURÁ

UMA NOVA BAILARINA QUE SURGE — A jovem Yoko Assacurá é uma das mais promissoras alunas de Maria Olenewa e, já agora, destacada figura entre as bailarinas que São Paulo vai revelar ao Brasil. Durante a "Feira Flutuante" que irá ao norte do País a exímia e bonita admiradora da difícil arte de Nijinsky participará de exhibições, tendo, decerto, oportunidade de apresentar ao público interessantes números, entre os quais se destacará o "Tico-Tico no Fubá", que, interpretado por ela, tantas vezes, já tem arrancado aplausos da assistência. Isto prova que Yoko é, acima de tudo, brasileira



- Que tipo de caixa?
- Uma espécie de armadilha para segurar um péso de ferro.
- Quando foi isto?
- Uma tarde dessas.
- Tinha a peça de ferro umas 16 libras, não?
- Sim, mais ou menos isso mesmo.

Dai em diante não foi difícil ao detetive chegar ao final da história. Contaram que estavam os dois amigos na loja do ferreiro quando se aproximou deles um senhor bem vestido, elegante, alto, que lhes pediu o ajudassem a construir uma caixa com dispositivos de armadilha para colocar dinamite que desse para fazer ir pelos ares um barco. Eles ficaram surpreendidos com a história, e o homem explicou que era proprietário de uma fazenda de café no Brasil e que estava sendo roubado em suas plantações, todos os anos. Sucedia que esses gatinhos estavam com um barco no pôrto, naquela noite, e que ele ia vingar-se, destruindo-lhes o barco e o carregamento de seu café roubado. Os dois companheiros de prisão entraram em acordo, e, como Berman já trabalhara em dinamite, tudo foi fácil. Tudo preparado, receberam 25 dólares pelo serviço e o homem se foi.

— Chamava-se Spencer? — Perguntou Mulvaney.

— Ele não nos disse seu nome — explicou Phillips.

Ao mostrar-lhe o retrato desenhado, tanto George como Berman acharam muito parecido com o desconhecido. Apresentaram-lhe as peças da máquina infernal e ambos reconheceram como sendo a armadilha que construíram para o tal homem do café no Brasil. Quando lhe disseram para que fôra usada naquela tarde, eles ficaram horrorizados. E foram detidos para futuras investigações. Voltaram a interrogar a mulher em cuja casa estivera Spencer durante todo aquele dia. Logo que os investigadores provaram que ela estava mentindo, apresentando-lhe todas as provas contra ela, a mulher se rendeu à evidência e confessou tudo o que se passara: o homem a hipnotizara totalmente. Exigiu que, se alguém lhe perguntasse se passara o dia e a noite em sua casa, afirmasse que sim, pois estava metido numa questão de ciúmes com outra mulher. Ela assim prometera. Eis por que mentira ao investigador quando interrogada à primeira vez.

Outra investigação junto a Mrs. Dutton também mostrou que ela escondia alguma coisa. Tivera ligações mais íntimas com Spencer do que queria fazer crer. Confessou, enfim, que tivera momentos de loucura, embora não desejasse ir mais longe naquela aventura. No mesmo dia da tra-

O TEMPO PASSA...

...mas o que é bom fica.

Pode-se assim dizer da **ÁGUA INGLESA GRANADO** que há mais de 60 anos é usada com os melhores resultados nos casos de **ANEMIA, CLOROSE e CONVALESCÊNCIAS.**

TÔNICA E APERITIVA

ÁGUA INGLESA GRANADO

gédia, Spencer insistiu com ela para que fôsse vê-lo, ao que não atendeu alegando estar muito ocupada com vestidos para uma festa. Então ele perguntou se ela podia ir vê-lo à noite. Respondeu que não sairia, pois estava ocupada na costura até à meia-noite. O homem ainda perguntou se o marido estaria em casa durante a noite. Ela respondeu que sim.

Estava tudo desvendado. A polícia obteve depois informes sobre Spencer, vindos da Inglaterra. Era ele um ex-condenado por crimes de fraude e chantagem, fazendo-se passar por filho de Lord Rodney Spencer.

Somente três anos depois de ter cometido este horrível crime em S. Francisco no ano de 1896, Spencer, cujo verdadeiro nome era Roycroft, foi preso em Sidney, na Austrália, por ter assassinado Miss Tessie Glossford, com quem vivia. Nessa ocasião confessou o crime contra Ben. Pensou ele que com a explosão mataria apenas o esposo de Mrs. Dutton, podendo ela escapar, em virtude da posição em que estava o engenho infernal e então conquistá-la. Foi requerida a extradição, e o falso Spencer recambiado para S. Francisco seria entregue às autoridades policiais. Mas, durante a viagem, obteve de um tripulante uma navalha. Iludindo a permanente vigilância de detetives que o traziam escoltado para S. Francisco, deu um profundo golpe à altura de carótida, falecendo momento depois sendo jogado ao mar.

Mrs. Dutton nada teve com o caso. Em nada concorrera para a morte do marido, e nunca poderia pensar que aquele homem tão belo, insinuante e maneiroso, chegasse a conceber tamanho crime. E assim terminou a vida de um delinquente que procurava operar nas altas rodas.

BANCO NACIONAL DE DESCONTOS

Sociedade Anônima

Depositos -- Descontos -- Cauções

ALFANDEGA n.º 50 - Rio

A saúde do BEBÊ

Dr. SABÓIA RIBEIRO

LEITES E ALEITAMENTO

Há um critério na escolha do leite que deve ser observado na amamentação, pois os diferentes leites — materno ou humano, e animal ou de conserva — cada um tem sua oportunidade e emprêgo, nos diferentes casos.

O materno, ou humano é a base do **aleitamento natural**; os demais constituem o **aleitamento artificial**, se exclusivo, ou misto, se vem ao lado do natural.

O leite humano tem uma grande vantagem sobre os demais: é isento de germes e perfeitamente adequado ao organismo da criança. Praticamente, com ele não há perigo de infecção para a criança, e até o 3º mês deve ser o preferido.

Há circunstâncias, porém, em que ele é contra-indicado: doenças maternas, as infecções do seio, por exemplo.

Comumente ocorre o dermame por motivo, digamos assim, de "beleza": a mulher não amamenta, então, porque entende que os seios cairão, ou coisa semelhante.

De outras vezes, ainda, o leite se torna insuficiente, ou mesmo falta, por má técnica do aleitamento natural, ou alimentação fraca ou defeituosa da nutriz (esta, sendo quantitativamente generosa, não é qualitativamente boa). No primeiro caso, o seio é dado a toda hora, e a criança o esvazia mal, e ele acaba secando; no outro, a mulher carece de uma alimentação vigorosa, inclusive leite, massas, frutas e legumes, sempre os melhores estimulantes da secreção do leite.

Essas as circunstâncias em que, geralmente, é instituído o leite animal.

Então há contar com os riscos da infecção, riscos particularmente maiores entre o 3º e o 6º mês.

Aliás, do ponto de vista da qualidade, o leite animal jamais deve ser instituído na alimentação infantil sem que seu preparo obedeça a um esquema, no sentido de melhorar sua própria digestibilidade.

Os elementos nutritivos do leite animal favorecem o desenvolvimento de micróbios, mais facilitado quanto maiores as ocasiões de poluição, desde a ordenha até que nos chega aos domicílios com as sucessivas manipulações. Em muitos meios, e até metropolitanos, o ordenhador não prima nem pela saúde nem pelo asseio; a ordenha é feita em lugares infectos, etc.

"Eu acho — escreveu um mestre, pediatra de São Paulo — que entre nós as infecções diretas por bactérias é frequente. A ingestão de bacilos com o leite de vaca é, certamente, responsável por grande número de casos de intoxicação". Se isto acontece em São Paulo, que dizer do resto?

Ora, entre as poluições frequentes do leite devemos contar com os estreptococos, os colibacilos, os germes do grupo tífico e o da própria aftosa. Outra é a infecção pelo germe da tuberculose (a espécie bovina é muito sujeita à tuberculose), e da disenteria (shigelas).

A fervura do leite visa destruir os micróbios nele existentes. Mas não basta isso somente; necessário é, ainda, conservá-lo a coberto de novas poluições, resguardado do calor ambiente, na geladeira ou ao menos num lugar fresco.

Sempre que surgirem fezes catarrais, com pus e sangue, ou em face de distúrbios que a pauta do bom regime não explica, é necessário desconfiar logo da má qualidade do leite, e suspendê-lo. As vezes serão as pastagens do gado a causa dos males. As muito tenras degeneram às vezes o leite, causando esses distúrbios. Certas formas de ração do gado estabulado (farelos, salgados, etc.) concorrem para tornar o leite mau, aguçando-o, enfraquecendo-o.

Em todos esses casos é preciso agir com discernimento.

O aparelho de Soxhlet é uma bateria de garrafinhas graduadas, destinada especialmente à fervura do leite. Cada garrafinha, uma mamadeira. E é só ajustar o bico, no ato.

Como se vê, o leite animal deve ser manejado com espírito alerta e ao instituí-lo na alimentação da criança é necessário proceder a uma escolha cuidadosa.

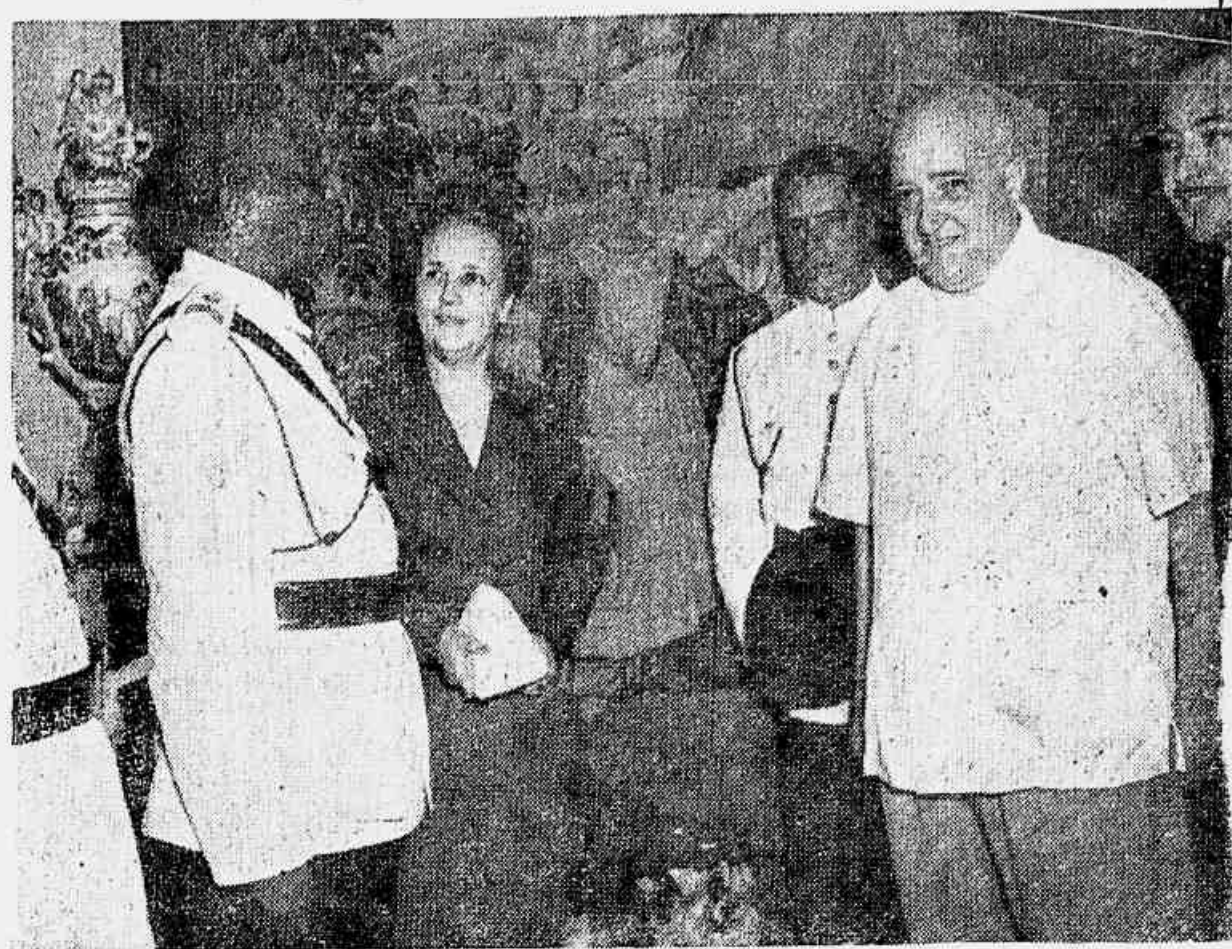
Os leites em pó, por tudo isso, oferecem melhores condições de confiança. Com os modernos progressos da técnica, seu valor nutritivo rivaliza perfeitamente com os melhores frescos, e quanto a germes sua pureza é perfeita. Demais, as vitaminas do leite — A, D e C — não sofrem alterações no seu processo de preparação industrial, nem no doméstico, ao preparar-se as mamadeiras.

Abaixo do 6º mês fora sempre de preferi-los. Até essa idade, como se sabe, os distúrbios alimentares da criança revestem um caráter algo violento e isso não deve expor as crianças ainda tenras a experiências mais ou menos funestas.

Em suma, há sempre que recorrer, de preferência, aos leites em pó, toda vez que, por qualquer motivo, o aleitamento natural não é possível ou insuficiente, e, necessariamente, sempre que o leite animal provocar manifestações só a ele atribuíveis.

Há, porém, uma observação a fazer sobre os leites em pó: é necessário saber distinguir entre as diferentes "indicações", pois uns são particularmente indicados para crianças até o 3º mês ou em regime de transição alimentar (leitelho, por exemplo), outros para fins de recuperação do péso (à base de caseinato de cálcio), outros para os diatéticos, com eczemas, etc. (à base de extrato de malte, etc.), e, finalmente, outros mais próximos do próprio leite materno, etc.

Por outro lado, não basta só dar leite à criança, como temos ensinado. E' mister, ainda, introduzir-lhe na alimentação, periodicamente, modificações que atendam às suas próprias necessidades orgânicas, sob pena de aparecerem nela as primeiras manifestações da doença, quase sempre representadas pela perda do apetite, a apatia, a anemia.



Foram muitas as homenagens que S. Excia. o sr. general Angelo Mendes de Moraes recebeu no dia 17 de dezembro próximo passado, por ocasião do seu aniversário natalício, dentre as quais foram tirados os flagrantes que publicamos. Em cima, a alvorada com que S. Excia. foi surpreendido em sua residência; no centro, o sr. Prefeito entrando na Igreja de São Francisco de Paula, onde houve missa solene, achando-



se o templo literalmente cheio; afinal, um flagrante tomado no Teatro Municipal na solenidade do encerramento do ano letivo, por ocasião da entrega por uma criança de um cheque de Cr\$ 500.000,00 à sra. Mendes de Moraes para a obra de assistência aos filhos dos tuberculosos



Folhinha

JANEIRO — Acabou de bater a última badalada da meia-noite. Estamos numa festa ou em família, aliás reunião rara nos tempos de hoje: vivemos sempre com pessoas estranhas. Abraços e beijos. — Entre com o pé direito! — Feliz entrada. — Que tudo corra melhor com a vida mais barata... Melhor. Aonde foi a tranquilidade?

Mas que barulho! Será trovada de verão? Apalpamo-nos para ver se estamos intactos. Temos de agradecer a Deus estarmos de pé. As trincheiras são em povos distantes, pósto que as distâncias hoje sejam bem pequenas.

FEVEREIRO — Muito quente. Trovoadas e aguaceiros. Quando o Carnaval vai bem, nos seus dias então a farra é grossa: poderemos gastar porque o fim do mês é antes do fim do mês. Ao menos por três dias a máscara disfarça mais em ritmo de samba.

MARÇO — O calor continua. As praias ainda estão cheias. Quem subiu a serra já trata de descer, embora descer seja desagradável, principalmente para vaidosos ou malandros. E quantos sobem para as montanhas com muletas alheias!

ABRIL — Ah, tardes gostosas de Abril! O ar está lavado pelos aguaceiros do verão passado. Asas tontas de luz cortam o azul. Na natureza o encanto da temperatura que suscita os primeiros encontros de amor. Cinemas, teatros, futebol, tudo concorre para os passeios e distrações da alma que volta a enamorar-se de todas as ilusões. Nascem então os primeiros poemas dos incompreendidos, incompreendidos no amor e na poesia.

MAIO — Descansando-se, comemora-se a fatalidade do trabalho. Por muito bonitos que sejam os "hinos-ao-trabalho" ele é sempre uma obrigação. Quem quiser que seja hipócrita: não pode haver tanta alegria na obrigação. Celebrando-se também a supressão da escravidão negra no Brasil, observa-se que os fados têm o seu ciclo eterno. Também círculo vicioso.

JUNHO — Férias escolares. Precisamos preparar os balões porque vêm com os papagaios as primeiras ilusões que soltamos para o azul. Os papagaios vão pela tarde clara e os balões povoam a noite fria e cheia de estrelas. Sem querermos, aparecem os primeiros poemas e as primeiras namoradas. Descem os papagaios, os balões queimam-se ou caem e as namoradas fogem, trocam-nos ou esquecem-nos. Ficamos pessimistas e mais poetas por culpa de simples brincadeiras.

JULHO — Eta! Tomada da Bastilha que ainda ferve no cérebro de tudo quanto é orador político! Tem sentido duplo. Serve para todas as traições e atos de bravura. E quando se pensa em algo novo, lá vem a repetição de outras novelas na História.

AGOSTO — São Bartolomeu não esquece o dia 24. Vem cronometricamente varrendo, arrancando, voando, zunindo. Vem como São Bartolomeu precisa vir: fazendo barulho, sabendo que só com barulho ainda se tem algum "cartaz" neste pandemônio. Ainda se depois das tempestades tivéssemos a delícia e o encanto duma tarde serena...

SETEMBRO — Ah! Primavera dos meus tempos escolares! Ninguém sabia o que era ficar na fila para ir ao colégio. Eramos tão alegres e contentes que vivíamos cantando hinos patrióticos; havia muito açúcar e muita carne, por isso a mãe natureza nos dava a ilusão de que era mesmo mãe.

OCTUBRO — Coitado de Colombo! Fez todos os esforços, comandou frotas, lutou, passou fome, quando viu as novas terras parecia um Deus; no entanto Vespúcio engoliu a marmelada, dando femininamente o nome ao continente. Que adiantou pôr o ovo em pé?

NOVEMBRO — Por causa do Dia de Finados repetiremos que a desigualdade continua sempre. Não é propriamente o morto que interessa, e sim se deixou dinheiro. No campo santo, esticados nos sete palmos, os que tiveram fortuna têm mausoléus altos, bonitos; mármore e bronzes nem sempre artísticos mostrando que a validade impera na cidade do silêncio. Cá fora os juros rendem fora do fisco para que se gozem as delícias da vida. O céu fica para depois.

DEZEMBRO — Até que enfim chegamos. Uff! Graças a Deus chegamos! Dirão uns que os trezentos e sessenta e cinco correram depressa, outros que não, numa discordância em que a velhice atrapalha muito. Mas chegamos! Afrontemos bons pratos, perus recheados, mesmo sem cozinheira há muita coisa em lata: farras improvisadas. Vamos esquecer as asneiras cometidas e mesmo recomenciar outras. Abraçamo-nos e muito principalmente beijamo-nos, e com algum álcool colorido procuraremos um pouquinho de ilusão porque a esperança só com o raio de outra madrugada.

SEBASTIÃO FERNANDES para a "REVISTA DA SEMANA"

FOGO NA CASA

(Continuação da página 42)

— E' porque eu não sabia que te amava! Agora sei, agora que me ia separar de ti! Diz, diz, Maria!

Seus lábios procuraram os meus. Beijamo-nos ardorosamente. E no silêncio da noite, na Travessa das Laranjeiras, ouvimos ruído de passos. Olhamos para a escuridão e vimos as figuras de Olga e do namorado se adiantarem em nossa direção. Quando passaram por nós, Olga não nos olhou. Foi Maria quem disse: — Boa noite Olga!

A moça olhou para Maria, sorriu e piscou-lhe o olho.

Tudo era paz, harmonia e amor na Travessa das Laranjeiras.

— o : —

Bem sei, leitor, que você deve achar que sou meio louco por chamar este conto de "Fogo na Casa". Mas se você conhecesse minha noiva Gisela, você seria capaz de fazer maiores loucuras!

Explico-lhe: Gisela é filha de um bombeiro que morreu num incêndio, enquanto trabalhava. E Gisela me disse, ontem:

— Moisés, vou lhe fazer um pedido: intitule o seu próximo conto "Fogo na Casa". Por que nunca escreveu sobre incêndios? Quer maior drama do que o do fogo que invade um prédio devora tudo em sua fome voraz? que lambe paredes levando de roldão as doces lembranças do passado e as esperanças do futuro: — lá se vão as caixas de charão que guardam flores murchas e fitas amareladas e lá se vão os cheques não cobrados, as apólices rendosas! Você, meu bem, precisa escrever sobre um incêndio. Conte a história de pessoas que viviam tranquilamente numa casa que se incendia e a história de bombeiros que viviam no perigo diário da luta com o fogo — todos eles unidos na circunstância perigosa de um incêndio! Conte isso, Moisés. Sei que você fará isso para mim. O seu próximo conto se chamará "Fogo na Casa". Promete?

— Prometo! — afirmei. Prometo, Gisela, querida.

Agora, porém, sentei-me à mesa de trabalho, pelejei por todos os meios para achar uma história sobre incêndio. Foi inútil! Saiu aquela história simples de um amor não concretizado. Por certo ali não há nada sobre incêndios, mas como eu poderia falhar com a promessa feita a Gisela se amo tão ardentemente minha noivinha? Se você já amou um dia, um momento sequer, em toda a sua vida, leitor, então você compreenderá.

PASTAS -- BOLSAS
FÁBRICA
CONCERTOS EM GERAL
Praça da República, 46,
2.º andar — Rio

VIDA DE PERIGOS A VIDA DA MULHER

Sujeita continuamente às perturbações próprias do seu sexo, tendo o seu aparelho genital constituído de importantes e delicadíssimos órgãos cujas irregularidades facilmente se transformam em gravíssimos males, tem a mulher sua vida ameaçada por constantes perigos e precisa, pois, estar sempre vigilante. O seu fluxo mensal é um verdadeiro espelho de sua saúde íntima; se vem regularmente em dias certos e em quantidade certa sem dores, cólicas, tonturas, enjoos, etc., tudo está bem. Mas se aparece em abundância ou, ao contrário, diminuído, irregular ou retardado, então urge providências imediatas. Mas nada de recorrer a um remédio qualquer. Os seus males são de duas naturezas diferentes — os que se manifestam pela abundância de regras e hemorragias e os que se manifestam pela falta, atraso ou diminuição de regras — e, portanto, exigem remédios diferentes. O Regulador Xavier, atendendo a essas duas naturezas diferentes dos males femininos, é fabricado em duas fórmulas diferentes: o N.º 1 para os casos de regras abundantes, prolongadas, repetidas e hemorragias, e o N.º 2 para os casos de falta de regras, regras diminuídas, atrasadas ou suspensas. Portanto, prezada leitora, o Regulador Xavier N.º 1 ou o Regulador Xavier N.º 2, conforme o seu caso, é o remédio único e insubstituível, capaz de combater eficazmente e afastar de maneira definitiva os seus males, conservando-a a salvo de todos os graves e traiçoeiros perigos que ameaçam a sua saúde e a sua vida.

GRIPES
RESFRIADOS
NEURALGIAS



TRANSPIROL

PELO REEMBOLSO POSTAL

Tropical Maracanã, 8 cores, larg. 150 cm	metro	Cr\$ 235,00
Tricoline Maracanã, 8 cores, larg. 150 cm	metro	Cr\$ 235,00
Casimira, fantasia, cor firme, larg. 150 cm	metro	Cr\$ 150,00
Tropical, liso e listrado, em 10 cores modernas	corte c/2,80 ms.	Cr\$ 205,00
Casimira listrada, 10 cores modernas, 150 cm	corte c/2,80 ms.	Cr\$ 215,00
Casimira "AURORA" azul marinho e preto	corte c/2,80 ms.	Cr\$ 658,00
Casimira azul marinho, 150 cm larg., ótima qual.	corte c/2,80 ms.	Cr\$ 200,00
Casimira, lã e seda, listrada, larg. 150 cm.	corte c/2,80 ms.	Cr\$ 350,00
Cambraila listrada, 8 cores modernas	corte c/2,80 ms.	Cr\$ 210,00
Linhos, branco, bege e cinza	metro	Cr\$ 35,00
Linhos, irlandês, fantasia, várias cores	metro	Cr\$ 80,00
Linho "LONDON", branco, bege e cinza	metro	Cr\$ 60,00
Linho, extra-forte, bege	metro	Cr\$ 48,00
Brim, extra-forte, tipo tchecoslovaco	corte c/6,50 ms.	Cr\$ 100,00
Lã Jersey p/senhoras, 22 cores modernas, larg. 140 cm.	metro	Cr\$ 60,00
Lã Jersey p/senhoras, 22 cores modernas, larg. 140 cm, de matéria prima estrangeira	metro	Cr\$ 75,00

As despesas de remessa correm por conta do comprador
ACEITAMOS REPRESENTANTES EM TODAS AS CIDADES DO BRASIL

TECIDOS HELLER S/A

RUA DO SENADO 54 — Endereço Telegráfico: "TECIDOSHELLER"
Correspondência para a Caixa Postal 5.338 — RIO DE JANEIRO — D. F.

CASIMIRAS * LÃS

LINHOS * TROPICAIS

DRAGO

Nº 25

Por
Hogart

ENQUANTO DRAGO
EXAMINA O ÍDOLO,
TABASCO TENTA
FUGIR DO CARRO
DE RODRIGO SOB
UMA SARAIVADA
DE BALAS.

MATE-O!
NÃO
O DEIXE
FUGIR!

ESTA MAL-
DITA
CHUVA...
LÁ ESTÁ
ELE!

CRACK!
CRACK!

Aiiii!

ATINGIU-O?

NÃO SEI, TOSCA.
MAS VI QUANDO
ELE CAIU!

FIQUEM MARCANDO
O LUGAR. VOU BUSCAR
UMA LANTERNA
NO CARRO.

VAMOS PROCURÁ-LO!

LÁ VÊM
ÊLES! TABASCO
NÃO PODE
FICAR
AQUI!

GOTAS DE SANGUE!

ÊLE ESTÁ
FERIDO E
NÃO PODERÁ
FUGIR!
VENHAM

GIRE O FEIXE DE LUZ
DE UM LADO PARA
O OUTRO, RODRIGO.

A LUZ ESTÁ
CADA VEZ
MAIS PERTO!
A FLORESTA FICA
A POUCOS PASSOS
DAQUI E SE CON-
SEGUIR ALCAN-
ÇA-LA ESTOU
SALVO! ESTA
PEDRA...! TENHO
UMA IDEIA!

VOU VER SE
ME DESCARTO
DELES!

CRUMP!

QUE...?

ÊLE
ESTÁ AÍ
ATRAZ!

BANG!
BANG!
BANG!
BANG!
BANG!

NA FLORESTA,
DUVIDO QUE ÊLES
ME ENCONTREM

NA CAVERNA

ESCUTE, DARBY!
TIROS!

4-21-46

Copyright 1946, N. Y. Post Corp.



DRAGO

Nº 26

Por
Hogart

CONSEGUINDO DESCARTAR-SE DE SEUS PERSEGUIDORES, TABASCO CORRE PARA A FLORESTA ENQUANTO QUE NO ESCONDERIJO DRAGO OUVIU OS TIROS.



ESSES TIROS...! APOSTO O QUE VOCE QUISER COMO TABASCO NOS SEGUIU ATE' AQUI!

MAS COMO? SO' SE TABASCO LHE DISSE!

NÃO ACREDITO SEU TABASCO TENHA REVELADO O NOSSO ESCONDERIJO



TABASCO!



DRAGO! HA' QUALQUER COISA SE MEXENDO ALI NAQUELAS... E VEM PARA VOLTE-SE CA! ESCONDA-SE SE FOR MEU PAI E SEUS CA PANGAS, VAI HAVER TIROS!



ESTA' FERIDO, AMIGO! FOI... FOI RODRIGO?

Aiii! CUIDADO DRAGO. ELES VEM AI ARMADOS!



PODE FICAR SOSSEGADO, TABASCO. ELGS PASSARAM POR AQUI E FORAM, EMBORA!

NÃO COMPREENDO COMO ELE FUGIU!

IDIOTAS! DEIXARAM O PALHAÇO FUGIR! AGORA COMO E' QUE VAMOS ENCONTRA-LO NESTE MATAGAL??



E COM ELE FOI-SE A NOSSA ULTIMA CHANCE DE CONSEGUIR O IDOLO! ALGUEM SERA CASTIGADO POR CAUSA DISSO! VOLTEMOS PARA O CARRO!



NÃO SE ESQUEÇA, RODRIGO, DE QUE TEVE MAIS CULPA, DO QUE NOS.

CALE-SE! QUANDO ELES SOUBEREM QUE O IDOLO DESAPARECEU, A MINHA CABEÇA E QUE CORRERA PERIGO, E NÃO A SUA!



ELE ESTA' DORMINDO. FELIZMENTE, E' UM FERIMENTO SEM GRAVIDADE. RODRIGO DEVE ESTAR DESESPERADO. QUE FAREMOS?

FIQUE COM TABASCO, DARBY. EU VOU SAIR.



RODRIGO ADIANTOU-SE DE MAIS... E VAI TROPEÇAR NESTE FIO!!



1 Dolente e implorativa atitude de Salomé num dos momentos de sua dança dos Sete Véus

SALOMÉ E A DANÇA DOS SETE VÉUS

Texto de **JEAN MALLET**



Fotos **KEYSTONE**

O nome de Salomé, a famosa princesa judia filha de Herodes Philippe e de Herodiades, encheu de horror o espírito cristão quando correu mundo a tragédia de João Batista.

Salomé, bela e traidora, enchendo-se de amor pelo evangelizador que precedeu a Cristo nos desertos da Palestina, tudo fez para perverter o santo que vivia no isolamento e se alimentava de mel silvestre e de insetos.

Prêso, metido num cárcere escuro, acorrentado como um delinquente, ele, que havia batizado a Jesus no Jordão e convertido milhares à nova concepção do mundo e da alma, João Batista fôra metido numa masmorra escura e infecta, e dali só sairia se se submetesse às tentações da sobrinha de tetrarca da Galiléia.

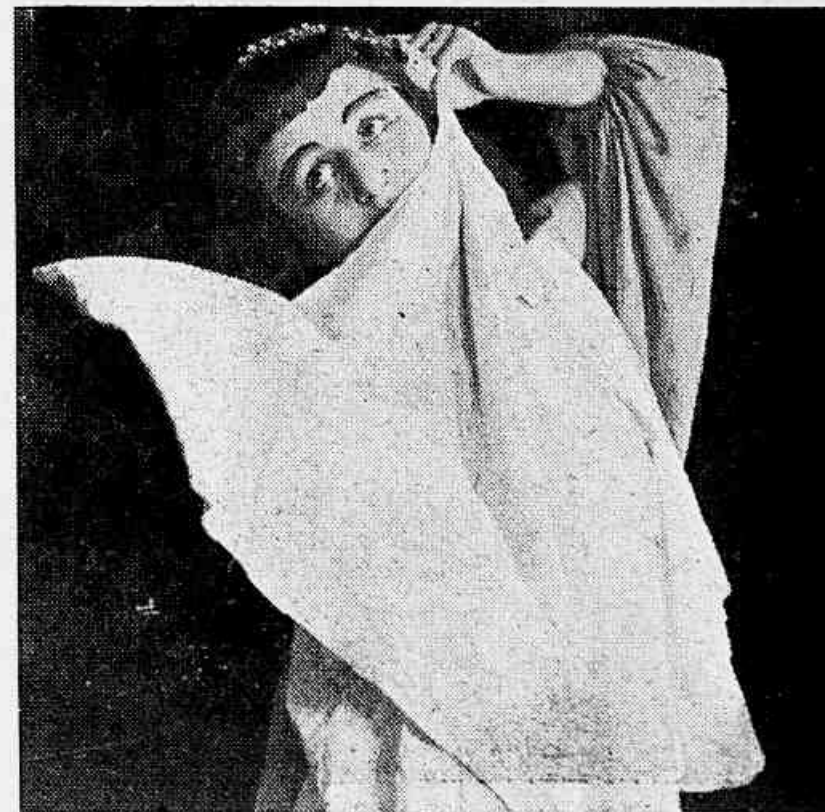
O santo resistiu e a expulsou com indignação.

Salomé jurou vingar-se. Seu poderoso tio dispunha da vida dos súditos.

Voltou mais uma vez à cela. Implorou de Iokanan a esmola de um carinho. Iokanan, São João Batista, a repeliu com asco. Não manchasse o solo daquele cárcere com a podridão de sua alma.

Indignada, rilhando os dentes de ódio, Salomé se aproveitou de uma festa que o tio, Herodes Antipas, lhe oferecera, na qual, depois de vê-la dançar, com o mais vivo dos entusiasmos, disse-lhe: "Pede o que quiseres e te darei".

Com surpresa geral, ela respondeu: "Quero a cabeça do Batista". Dizem os historiadores que esse pedido fôra feito



2 Com seus olhos de piedade para seu tio Herodes Antipas, ela esconde o desejo de vingar-se



3 Na intensidade coreográfica de sua dança vertiginosa e impressionante Salomé deixa cair o véu



4 Empregando todos os seus recursos de beleza plástica, Salomé exhibe para seus admiradores o riso da traição



5 Como uma visão do desconhecido, Salomé volta em torno do corpo o véu de sua misteriosa dança



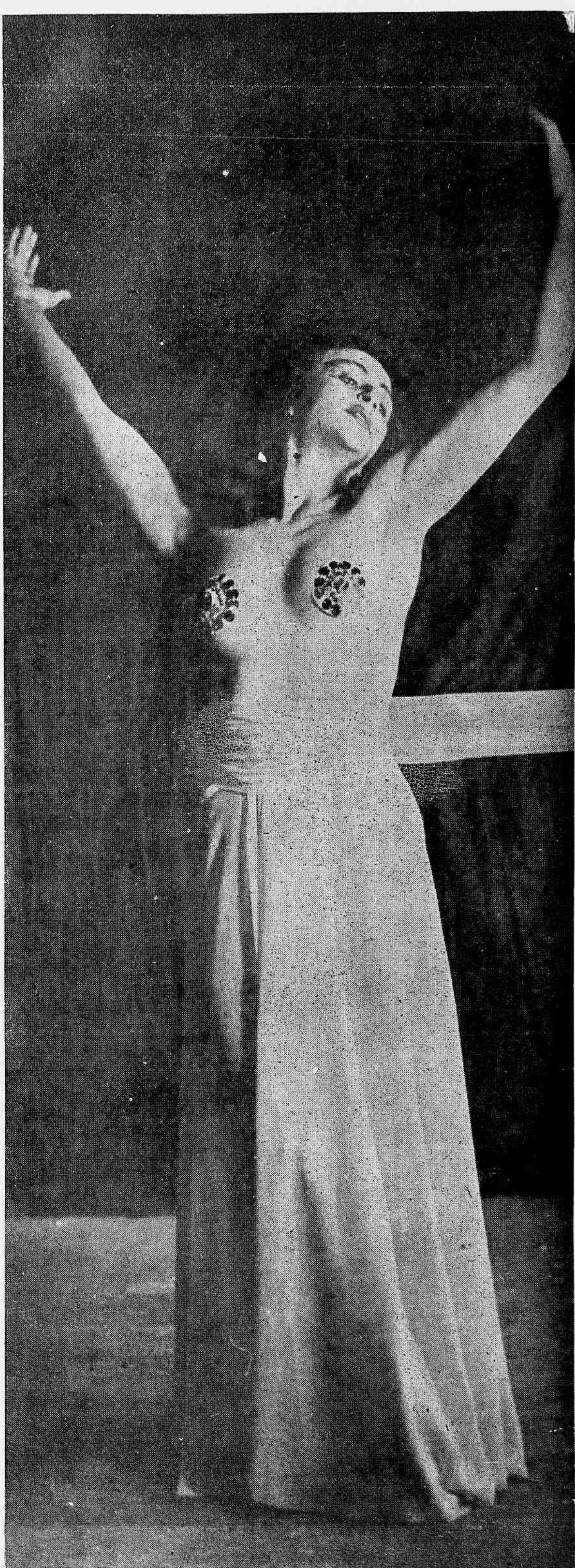
6 Erguendo na mão direita um daqueles véus, Salomé sente n'alma a ante-visão de sua vingança



7 Momento supremo, quando Salomé, ajoelhada, pede ao tio poderoso que lhe conceda uma graça



8 Mostrando-se humilde e suplicante, Salomé se roja ao chão à espera de que Herodes Antipas a atenda



9 A dança atinge toda a sua plenitude pagã, quando Salomé se apresenta numa explosão plástica

10 E diante da assistência deslumbrada, Salomé retira seu sexto véu e surge como Afrodite no teatro grego

por instigação de Herodiades, que também estava apaixonada pelo precursor. A verdade é que ela obteve o que pedira. Momentos depois, entrava no salão em festas um escravo trazendo numa salva de prata a cabeça do apóstolo.

Consumara-se a tragédia que a incontinência pagã de uma corte ímpia determinara em meio de exclamações de louvor à dançarina famosa.

Passada a fase que a história antiga registrou, logo que os ensinamentos do cristianismo divinizaram o nome do Batista, a literatura e as artes plásticas imortalizaram a cena emocionante da dança dos sete véus no palácio do tetrarca.

Salomé teve seu nome vinculado ao imortal poema de Oscar Wilde, quando o poeta descreve a tentação da carne contra um santo. O episódio bíblico chegou a ser proibido na Inglaterra, não sendo permitida a exibição pública da dança dos sete véus. O próprio nome de Salomé era motivo de repulsa.

Na iconografia a cena do degolamento inspirou muitos artistas. Rubens, Leonardo da Vinci, Guerchin, Lulni, Regnault, Moreau e aquele genial quadro de Salomé a dançar diante de Herodes Antipas, saído do pincel de Ghirlandajo, bem como a cena de Baudry que se acha no "foyer" da ópera de Paris, começaram a dar ao drama aspectos mais artísticos do que condenáveis, atenuando o horror que o nome da sobrinha de Herodes Antipas causava na alma do povo e na consciência da coroa britânica.

E foram mudando os tempos. A condenação desapareceu. Salomé passou a surgir nos palcos e a deslumbrar o público, na interpretação de atrizes de escol por todo este vasto mundo. A dança dos sete véus já não mais causava vexames a ninguém. Aos olhos do espectador de ambos os sexos e de todas as idades, aquela Salomé a voltear em rodopios, esvoaçando como que suspensa pelas gazes alvissimas daqueles véus orientais, era apenas uma personagem da história antiga, no ano trinta e dois de nossa era.

Nos maiores centros do mundo, a "Dança dos sete véus" é recebida com aplausos, e exige das profissionais do palco qualidades artísticas e pessoais pouco vulgares. Não basta voltear; é necessário que a intérprete apresente expressões fisionômicas de angústia, de ciúme, de ódio, de vingança e esperanças, como a cruel Salomé havia exposto na corte de seu tio.

Damos nestas páginas algumas fotografias da "Dança dos sete véus" recentemente representada em Londres, no Rudolf Steiner Hall, Park Road, levada à cena pela companhia "Centaur", grupo de artistas que não usufruem salários desiguais e sim em bases uniformes, tanto para adultos como para crianças.

Nesses espetáculos aparece o número sensacional de "A dança dos sete véus", através da "performance" de uma encantadora jovem de 23 anos, de cabeleira negra como era a de Salomé. Chama-se ela Bernice Reubens, e foi professora em tempos passados.

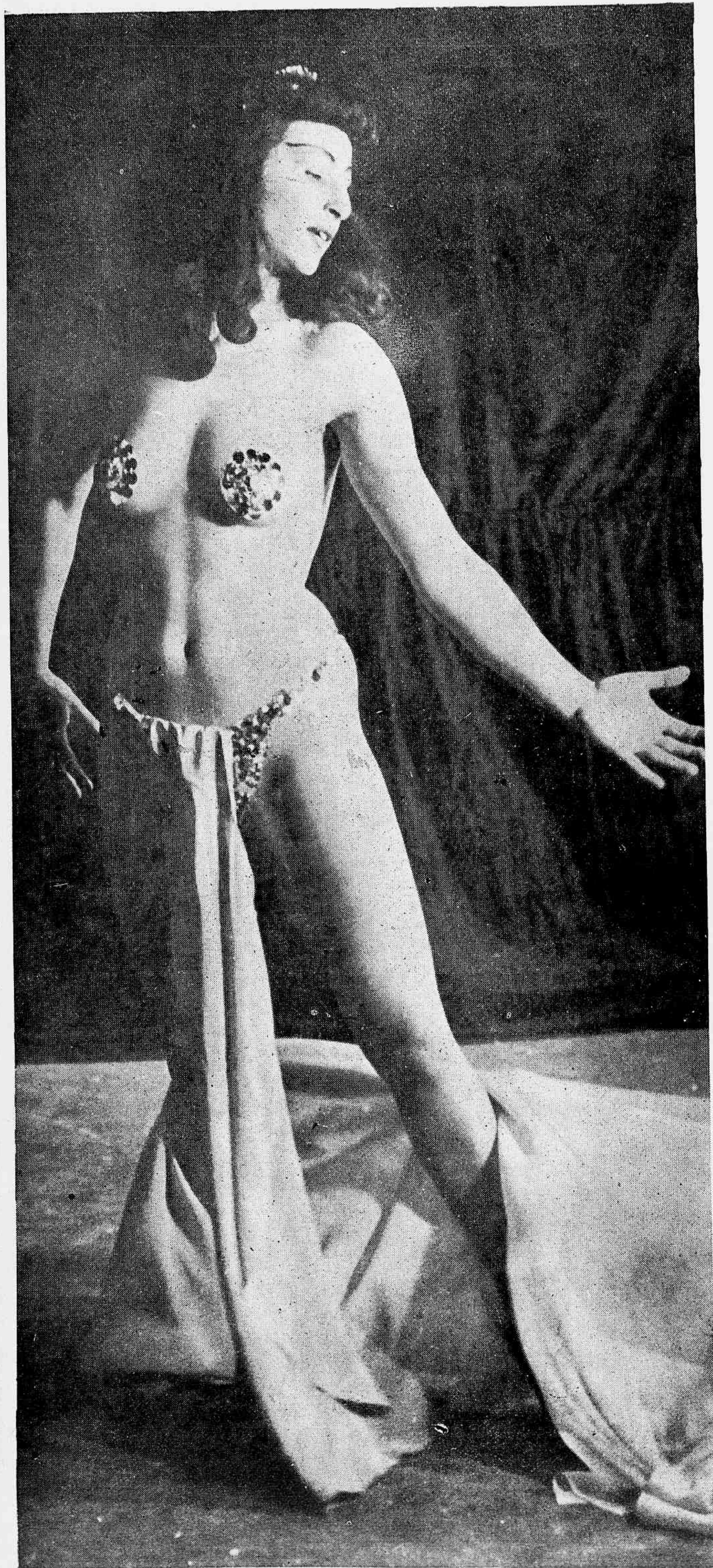
Bernice Reubens está causando sucesso com sua coreografia de sensação, despertando entusiasmo nas platéias cultas da capital inglesa, e mostrando que já agora a famosa protegida de Vespasiano e rainha de Chalcis não é recebida com o pavor que inspiram as coisas anatematizadas, não passando o seu nome e o dramático bailado de inspiração de estética e arte.

E não havia motivo para que continuasse a proibição de um gênero artístico, que relembra o nome de uma jovem cruel, mas também o de uma santa que foi prima da mãe de Cristo.

Salomé constitui hoje tema de arte coreográfica e plástica. Sua vítima, o precursor João Batista, imortalizou-lhe a crueldade e ressurgiu mais divino e humano das brumas do paganismo que o imolou no altar do sacrifício.



11 Finalmente, desfazendo-se do sétimo véu, Salomé se apresenta em toda a nudez de suas formas esculturais



A sua distinção

merece esta moldura de beleza

Forração que lembra um roseiral florido e será, além de permanente motivo de orgulho e satisfação, um atestado de bom-gosto, estética e delicadeza. Um **bom decorador**, pode sugerir, para o seu caso, a forração, os tapetes e as decorações mais convenientes



NESTE MÊS,
Grande Venda de
MÓVEIS AVULSOS
E TAPETES PARA
PRESENTES ÚTEIS
A
PREÇO DE BOAS
FESTAS



MOBILIÁRIOS E DECORAÇÕES



orçamentos e sugestões GRATIS executados
por técnicos-decoradores

65, RUA DA CARIOCA, 67 — RIO



Satisfação para
quem fuma



-orgulho para
quem oferece

É um cigarro para homens... e um
cigarro que as senhoras aceitam sem-
pre com satisfação. Mistura das mais
felizes, HOLLYWOOD é um distintivo
de bom gosto e paladar apurado.

CIGARROS

Hollywood

CADA CIGARRO SOUZA CRUZ É SEMPRE O MELHOR EM SUA CLASS E

COMPANHIA DE CIGARROS Souza Cruz